O MAHABHARATA

de

Krishna-Dwaipayana Vyasa

LIVRO 4

VIRATA PARVA

Ou

O LIVRO DE VIRATA

Traduzido para a Prosa Inglesa do Texto Sânscrito Original

por

Kisari Mohan Ganguli [1883-1896]

Traduzido para o português por Eleonora Meier [2005-2011] e
Brevemente revisado pela tradutora em 2016 para leves alterações gramaticais, para a inclusão de marcadores e dos nomes dos cinco sub-parvas, para a colocação das notas em seus locais adequados (pés das páginas) e para a correção do 'Aviso de Atribuição' abaixo.

Índice escrito por Duncan Watson.
Traduzido por Eleonora Meier.

Pāṇḍava-Praveśa Parva

Om! Reverenciando Narayana e Nara, o mais exaltado dos seres masculinos, como também a deusa Sarasvati, a palavra "Jaya" deve ser proferida.

1

Janamejaya disse, "Como os meus bisavôs, afligidos pelo medo de Duryodhana, passaram seus dias não descobertos na cidade de Virata? E, ó Brahman, como a altamente abençoada Draupadi, tomada pela aflição, devotada aos seus maridos, e sempre adorando a Divindade[1], passou seus dias não reconhecida?"

Vaisampayana disse, "Ouve, ó senhor de homens, como os teus avôs passaram o período de não reconhecimento na cidade de Virata. Tendo dessa maneira obtido as bênçãos do Deus da Justiça, aquele melhor dos homens virtuosos, Yudhishthira, voltou ao retiro e relatou para os brâmanes tudo o que tinha acontecido. E tendo contado tudo a eles, Yudhishthira devolveu àquele brâmane regenerado, que o tinha acompanhado, o bastão de bater manteiga e os bastões de fogo que ele tinha perdido. E, ó Bharata, o filho do Deus da Justiça, o nobre Yudhishthira de alma elevada, então reuniu todos os seus irmãos mais novos e se dirigiu a eles, dizendo, 'Exilados do nosso reino, nós passamos doze anos. O décimo terceiro ano, difícil de passar, agora chegou. Portanto, ó Arjuna, ó filho de Kunti, escolhe algum local onde possamos passar nossos dias não detectados pelos nossos inimigos'".

Arjuna respondeu, "Em virtude da bênção de Dharma, nós iremos, ó senhor de homens, vaguear por toda parte não detectados por homens. Ainda assim, para propósitos de residência, eu mencionarei alguns lugares que são encantadores e retirados. Escolhe tu algum deles. Em volta do reino dos Kurus há muitos países belos e ricos em grãos como Panchala, Chedi, Matsya, Surasena, Pattachchara, Dasarna, Navarashtra, Malla, Salva, Yugandhara, Saurashtra, Avanti, e o vasto Kuntirashtra. Qual desses, ó rei, tu escolherás, e onde, ó principal dos monarcas, nós passaremos este ano?"

Yudhishthira disse "Ó tu de braços fortes, é isso mesmo. O que aquele Senhor adorável de todas as criaturas disse deve se tornar verdadeiro. Certamente, depois de deliberarmos, nós devemos escolher alguma região encantadora, auspiciosa e agradável para morarmos, onde possamos viver livres de medo. O idoso Virata, rei dos Matsyas, é virtuoso e poderoso e caridoso, e é estimado por todos. E ele é também afeiçoado aos Pandavas. Na própria cidade de Virata, ó filhos, ó Bharatas, nós passaremos este ano, entrando em seu serviço. Digam-me, ó filhos da linhagem Kuru, com quais capacidades vocês se apresentarão individualmente perante o rei dos Matsyas!"

---

[1] *Brahma Vadini* – Nilakantha explica isso como *Krishna-kirtanasila*.

Arjuna disse, "Ó deus entre homens, que serviço tu aceitarás no reino de Virata? Ó justo, com qual habilidade tu residirás na cidade de Virata? Tu és gentil, e caridoso, e modesto, e virtuoso, e de promessas firmes. O que tu, ó rei, afligido como tu estás pelo infortúnio, farás? Um rei é qualificado para suportar incômodo como uma pessoa comum. Como tu superarás este grande infortúnio que te alcançou?"

Yudhishthira respondeu, "Ó filhos da tribo Kuru, ó touros entre homens, ouçam o que eu farei ao aparecer perante o rei Virata. Apresentando-me como um brâmane de nome Kanka, habilidoso com os dados e viciado em jogo, eu me tornarei um cortesão daquele rei de grande alma. E movendo sobre tabuleiros de xadrez peões belos feitos de marfim, de cores azul e amarela e vermelha e branca, por meio de arremessos de dados pretos e vermelhos, eu entreterei o rei com seus cortesãos e amigos. E enquanto eu continuar a assim deleitar o rei ninguém conseguirá me descobrir. E o monarca me perguntará, e eu direi, 'Antigamente eu era o amigo do peito de Yudhishthira'. Eu digo a vocês que é assim que eu passarei os meus dias (na cidade de Virata). Que ofício tu, ó Vrikodara, ocuparás na cidade de Virata?"

2

Bhima disse, "Eu pretendo me apresentar perante o senhor de Virata como um cozinheiro portando o nome de Vallabha. Eu sou hábil na arte culinária, e eu prepararei pratos com caril (condimento apimentado) para o rei, e, superando todos os cozinheiros habilidosos que até agora temperaram sua comida eu satisfarei o monarca. E eu carregarei cargas imensas de madeira. E testemunhando esse feito poderoso o monarca ficará satisfeito. E, ó Bharata, vendo semelhantes façanhas sobre-humanas minhas, os empregados da família real me honrarão como um rei. E eu terei controle total sobre todos os tipos de provisões e bebidas. E mandado subjugar elefantes poderosos e touros fortes eu farei como ordenado. E se alguns combatentes lutarem comigo nas arenas, então eu os derrotarei, e assim entreterei o monarca. Mas eu não tirarei a vida de nenhum deles. Eu somente os derrubarei de tal modo que eles não sejam mortos. E ao ser perguntado em relação aos meus antecedentes eu direi que antigamente eu era o lutador e cozinheiro de Yudhishthira. Assim, ó rei, eu me manterei".

Yudhishthira disse, "E que ofício será realizado por este poderoso descendente dos Kurus, Dhananjaya, o filho de Kunti, o principal dos homens possuidor de braços longos, invencível em combate, e perante o qual, enquanto ele estava permanecendo com Krishna, o próprio Agni divino desejoso de consumir a floresta de Khandava antigamente apareceu no disfarce de um brâmane? Que ofício será realizado por este melhor dos guerreiros, Arjuna, que foi para aquela floresta e gratificou Agni, derrotando em um único carro e matando Nagas e Rakshasas enormes, e que se casou com a irmã do próprio Vasuki, o rei dos Nagas? Assim como o sol é o principal de todos os corpos que dão calor, como o brâmane é o melhor de todos os bípedes, como a naja é a principal de todas as serpentes,

como o Fogo é a principal de todas as coisas possuidoras de energia, como o raio é a principal de todas as armas, como o touro de corcova é o principal de todos os animais da raça bovina, como o oceano é a principal de todas as extensões aquosas, como as nuvens carregadas com chuva são as principais de todas as nuvens, como Ananta é o principal de todos os Nagas, como Airavata é o principal de todos os elefantes, como o filho é o principal de todos os objetos queridos, e por fim, como a esposa é o melhor de todos os amigos, assim, ó Vrikodara, o jovem Gudakesa é o principal de todos os arqueiros. E, ó Bharata, que ofício será realizado por Vibhatsu, o manejador do Gandiva, cujo carro é puxado por cavalos brancos e que não é inferior a Indra ou ao próprio Vasudeva? Que ofício será realizado por Arjuna que, residindo por cinco anos na casa do Deus de mil olhos (Indra) brilhando com resplendor celeste, adquiriu por sua própria energia a ciência de armas sobre-humanas com todas as armas celestes, e a quem eu considero como o décimo Rudra, o décimo terceiro Aditya, o nono Vasu, e o décimo Graha, cujos braços, simétricos e compridos, têm a pele endurecida por golpes constantes da corda do arco e cicatrizes que parecem aquelas sobre as corcovas de touros, o principal dos guerreiros que é como o Himavat entre as montanhas, o oceano entre as extensões de água, Sakra entre os celestiais, Havya-vaha (fogo) entre os Vasus, o tigre entre os animais, e Garuda entre tribos emplumadas?”

Arjuna respondeu, "Ó senhor da Terra, eu me declararei como alguém do sexo neutro. Ó monarca, é de fato difícil esconder as marcas da corda do arco em meus braços. Eu, no entanto, cobrirei ambos os meus braços cicatrizados com braceletes. Usando aros brilhantes em minhas orelhas e braceletes de conchas em meus pulsos e fazendo uma trança pender da minha cabeça, ó rei, eu aparecerei com alguém do terceiro sexo, de nome Brihannala. E vivendo como uma mulher eu (sempre) entreterei o rei e os habitantes dos aposentos internos por narrar histórias. E, ó rei, eu também instruirei as mulheres do palácio de Virata em canto e modos de dança encantadores e em instrumentos musicais de diversos tipos. E eu também recitarei as várias ações excelentes dos homens e assim me esconderei, ó filho de Kunti, por simular um disfarce. E, ó Bharata, o rei deve indagar, e eu direi que eu vivi como uma criada a serviço de Draupadi no palácio de Yudhishthira. E, ó principal dos reis, me ocultando por esses meios, como fogo é ocultado por cinzas, eu passarei os meus dias agradavelmente no palácio de Virata".

Vaisampayana continuou: "Tendo dito isso, Arjuna, aquele melhor dos homens e a principal das pessoas virtuosas, ficou silencioso. Então o rei se dirigiu a outro irmão dele".

3

Yudhishthira disse, "Meigo, possuidor de um porte gracioso, e merecedor de todo luxo como tu és, que ofício tu, ó heroico Nakula, realizarás enquanto viveres nos domínios daquele rei? Conta-me tudo sobre isso!"

Nakula disse, "Sob o nome de Granthika eu me tornarei o mantenedor dos cavalos do rei Virata. Eu tenho o conhecimento completo (desse trabalho) e sou habilidoso em cuidar de cavalos. Além disso, a tarefa é agradável para mim, e eu possuo grande habilidade em treinar e tratar cavalos; e cavalos são sempre caros para mim como eles são para ti, ó rei dos Kurus. Em minhas mãos até potros e éguas se tornam dóceis; eles nunca ficam violentos ao carregarem um cavaleiro ou puxar um carro. E para aquelas pessoas na cidade de Virata que me perguntarem, ó touro da raça Bharata, eu direi, ‘Antigamente eu fui empregado por Yudhishthira no cuidado dos seus cavalos’. Assim disfarçado, ó rei, eu passarei os meus dias alegremente na cidade de Virata. Ninguém poderá me descobrir porque eu gratificarei o monarca dessa maneira!”

Yudhishthira disse, "Como tu, ó Sahadeva, te portarás perante aquele rei? E, ó filho, o que é que tu farás para viver disfarçado?"

Sahadeva respondeu, "Eu me tornarei um mantenedor das vacas do rei Virata. Eu sou hábil em ordenhar vacas e extrair sua história assim como em amansar sua ferocidade. Passando sob o nome de Tantripal, eu cumprirei os meus deveres destramente. Que a ansiedade do teu coração seja dissipada. Antigamente eu fui frequentemente empregado para cuidar das vacas, e, ó Senhor da terra, eu tenho o conhecimento específico desse trabalho. E, ó monarca, eu sou bem familiarizado com a natureza das vacas, como também com seus sinais auspiciosos e outras questões relativas a elas. Eu posso também distinguir touros com marcas propícias, o perfume de cuja urina pode fazer até a estéril gerar filhotes. Assim mesmo eu viverei, e eu sempre me alegro com trabalho desse tipo. De fato, ninguém então poderá me reconhecer, e eu, além disso, satisfarei o monarca".

Yudhishthira disse, "Esta é nossa esposa amada mais preciosa para nós do que as nossas vidas. Na verdade, ela merece ser estimada por nós como uma mãe, e considerada como uma irmã mais velha. Não familiarizada como ela é com qualquer tipo de trabalho feminino, que ofício Krishnâ, a filha de Drupada, realizará? Delicada e jovem, ela é uma princesa de grande reputação. Devotada aos seus maridos, e eminentemente virtuosa também, como ela viverá? Desde o seu nascimento ela tem desfrutado somente de guirlandas e perfumes e ornamentos e mantos caros!"

Draupadi respondeu, "Há uma classe de pessoas chamadas Sairindhris (mulheres artesãs independentes que trabalham nas casas de outras pessoas), que prestam serviços a outros. Outras mulheres, no entanto (que são respeitáveis) não fazem isso. Dessa classe há algumas. Eu me anunciarei como uma Sairindhri, habilidosa em enfeitar cabelos. E, ó Bharata, ao ser questionada pelo rei, eu direi que eu servi como criada de Draupadi na casa de Yudhishthira. Eu assim passarei os meus dias disfarçada. E eu servirei a famosa Sudeshna, a esposa do rei. Certamente, me obtendo ela me apreciará (devidamente). Não te aflijas dessa maneira, ó rei".

"Yudhishthira disse, 'Ó Krishnâ, tu falaste bem. Mas, ó moça formosa, tu nasceste em uma família respeitável. Casta como tu és, e sempre engajada em cumprir votos virtuosos, tu não sabes o que é pecado. Portanto, te comporta de tal maneira que homens pecaminosos de corações maus não possam ser alegrados por olharem fixamente para ti'.

4

Yudhishthira disse, "Vocês já disseram que ofícios realizarão respectivamente. Eu também, segundo a capacidade da minha inteligência, disse que ofício eu realizarei. Que o nosso sacerdote, acompanhado por cocheiros e cozinheiros, se dirija à residência de Drupada, e lá mantenha os nossos fogos Agnihotra. E que Indrasena e os outros, levando com eles os carros vazios, procedam rapidamente para Dwaravati. Esse mesmo é o meu desejo. E que todas estas criadas de Draupadi vão para os Panchalas, com nossos cocheiros e cozinheiros. E que todos eles digam, 'Nós não sabemos onde os Pandavas foram, deixando-nos no lago de Dwaitavana".

Vaisampayana disse, "Tendo assim se consultado uns com os outros e dito uns aos outros os ofícios que eles realizariam, os Pandavas procuraram o conselho de Dhaumya. E Dhaumya também lhes aconselhou nas seguintes palavras, dizendo, 'Ó filhos de Pandu, os arranjos que vocês fizeram com relação aos brâmanes, seus amigos, carros, armas, e os fogos (sagrados), são excelentes. Mas cabe a ti, ó Yudhishthira, e a Arjuna especialmente, tomar providências para a proteção de Draupadi. Ó rei, vocês estão bem familiarizados com o caráter dos homens. Ainda assim, qualquer que possa ser o seu conhecimento, amigos por afeição podem ser permitidos repetir o que já é sabido. Isso mesmo é útil aos interesses eternos de virtude, prazer, e lucro. Eu, portanto, lhes falarei algo. Prestem atenção. Morar com um rei é, ai, difícil. Eu lhes direi, ó príncipes, como vocês podem residir na casa real, evitando todas as falhas. Ó Kauravas, honradamente ou não vocês terão que passar este ano no palácio do rei, não reconhecidos por aqueles que os conhecem. Então no décimo quarto ano vocês viverão felizes. Ó filho de Pandu, neste mundo, aquele que nutre e protege todos os seres, o rei, que é uma divindade em uma forma incorporada, é como um grande fogo santificado com todos os mantras. Uma pessoa deve se apresentar perante o rei depois de ter obtido a sua permissão no portão. Ninguém deve manter contato com segredos reais. Nem se deve desejar um assento que outro possa cobiçar. Somente aquele que não, se considerando como um favorito, ocupa o carro (do rei), ou carruagem, ou assento, ou veículo, ou elefante, é digno de morar em uma casa real. Somente aquele que não se senta sobre um assento cuja ocupação é calculada para criar alarme nas mentes das pessoas maliciosas é digno de morar em uma casa real. Ninguém deve oferecer conselhos (a um rei) sem ser solicitado. Prestando homenagem ao rei na hora apropriada, se deve silenciosamente e respeitosamente sentar junto ao rei, pois os reis se ofendem com conversa tola, e degradam conselheiros mentirosos. Uma pessoa sábia não deve fazer amizade com a esposa do rei, nem com os habitantes dos aposentos internos, nem com

aqueles que são objetos de desgosto real. Uma pessoa perto do rei deve fazer até as ações mais insignificantes e com o conhecimento do rei. Comportando-se dessa maneira com um soberano uma pessoa não obtém prejuízo. Mesmo que um indivíduo chegue ao posto mais alto ele deve, desde que não seja pedido ou mandado, se considerar como nascido cego, com relação à dignidade do rei, pois, ó repressores de inimigos, os soberanos de homens não perdoam nem seus filhos e netos e irmãos quando acontece de eles mexerem com sua dignidade. Reis devem ser servidos com cuidado respeitoso, assim como Agni e outros deuses; e aquele que é desleal com seu soberano sem dúvida é destruído por ele. Renunciando à raiva, e orgulho, e negligência, cabe a um homem seguir a direção indicada pelo monarca. Depois de deliberar cuidadosamente sobre todas as coisas, uma pessoa deve levantar perante o rei aqueles tópicos que são lucrativos e agradáveis; mas se um assunto for lucrativo sem ser agradável, ele ainda assim deve comunicá-lo, apesar de ele não ser agradável. Cabe a um homem ser bem-disposto para com o rei em todos os seus interesses, e não se perder em discursos que sejam igualmente desagradáveis e inúteis. Sempre pensando ‘O rei não gosta de mim’ uma pessoa deve banir a negligência, e estar concentrada em ocasionar o que é agradável e vantajoso para ele. Somente aquele que não se desvia do seu lugar, aquele que não é amistoso com aqueles que são hostis ao rei, aquele que não se esforça para fazer mal ao rei, é digno de morar em uma casa real. Um homem erudito deve se sentar ou à direita do rei ou à esquerda; ele não deve sentar-se atrás dele porque aquele é o lugar designado para guardas armados, e sentar-se à frente dele é sempre proibido. Que ninguém, quando o rei estiver engajado em fazer alguma coisa (em relação aos seus servidores) se adiante empurrando a si mesmo ardorosamente antes dos outros, pois mesmo que o aflito seja muito pobre, tal conduta ainda seria imperdoável[2]. Não cabe a algum homem revelar para outro alguma mentira que o rei possa ter dito visto que o rei tem hostilidade por aqueles que relatam suas mentiras. Reis também sempre desconsideram as pessoas que se consideram como eruditas. Nenhum homem deve ser orgulhoso pensando ‘Eu sou valente’, ou, ‘Eu sou inteligente’, mas uma pessoa obtém as boas graças de um rei e desfruta das boas coisas da vida por se comportar de acordo com os desejos do rei. E, ó Bharata, obtendo coisas agradáveis, e riqueza também que é tão difícil de obter, uma pessoa deve sempre fazer o que é lucrativo assim como agradável para o rei. Que homem que é respeitado pelos sábios pode pensar em fazer injúria para alguém cuja ira é grande obstáculo e cujo favor é produtivo de frutos imensos? Ninguém deve mover seus lábios, braços e coxas, diante do rei. Uma pessoa deve falar e fungar perante o rei somente suavemente. Mesmo na presença de objetos risíveis, um homem não deve irromper em risada alta, como um louco; nem deve mostrar seriedade (excessiva) por se conter ao máximo. Deve-se sorrir modestamente, para mostrar seu interesse (no que está à sua frente). Somente aquele que está sempre atento ao bem-estar do rei, e que não é nem alegrado por recompensa

[2] Ou, 'Que ninguém fale sobre o que transpira na presença do rei. Pois até aqueles que são pobres consideram isso como um grave erro'. Ou seja, as ocorrências em relação a um rei as quais alguém testemunha não devem ser divulgadas. Mesmo aqueles que não têm autoridade consideram tal divulgação do que ocorre em relação a eles como um insulto, e, portanto, indesculpável.

nem deprimido por ignomínia é digno de morar em uma casa real. Aquele cortesão erudito que sempre alegra o rei e seu filho com discursos agradáveis consegue residir em uma casa real como um favorito. O cortesão favorito que, tendo perdido o favor real por razão justa, não fala mal do rei, recupera a prosperidade. O homem que serve ao rei ou vive em seus domínios, se sagaz, deve falar em louvor do rei em sua presença e ausência. O cortesão que tenta alcançar seu objetivo por empregar força sobre o rei não pode manter seu lugar muito tempo e incorre também no risco de morte. Ninguém deve, com o propósito de interesse próprio, abrir comunicações com os inimigos do rei. Nem se deve distinguir acima do rei em questões que requerem habilidade e talentos. Somente aquele que é sempre alegre e forte, corajoso e sincero, e gentil, e de sentidos subjugados, e que segue seu mestre como sua sombra, é merecedor de morar em uma casa real. Somente aquele que ao ser incumbido com um trabalho se adianta dizendo, ‘Eu farei isso’, é digno de viver em uma casa real. Só aquele que ao ser encarregado de uma tarefa, dentro do domínio do rei ou fora dele, nunca teme empreendê-la, é apto para residir em uma casa real. Somente aquele que vivendo longe de sua casa não se lembra dos seus queridos, e que passa por miséria (atual) na expectativa de felicidade (futura), é digno de morar em uma casa real. Uma pessoa não deve se vestir como o rei, nem deve se entregar ao riso na presença do rei nem deve revelar segredos reais. Por agir assim pode-se ganhar favor real. Encarregada de uma tarefa, uma pessoa não deve tocar subornos, pois por meio de tal apropriação ela se torna sujeita aos grilhões ou à morte. Os mantos, ornamentos, carros, e outras coisas as quais o rei possa estar satisfeito em conceder devem sempre ser usados, pois por isso uma pessoa ganha o favor real. Ó filhos, controlando as suas mentes, passem este ano, ó filhos de Pandu, se comportando dessa maneira. Recuperando o seu próprio reino, que vocês vivam como lhes agradar".

Yudhishthira disse, "Nós fomos bem ensinados por ti. Abençoado sejas tu. Não há ninguém que possa falar assim para nós, salvo a nossa mãe Kunti e Vidura de grande sabedoria. Cabe a ti fazer tudo o que é necessário agora para a nossa partida, e para nos permitir passar com segurança por essa aflição, assim como para a nossa vitória sobre o inimigo".

Vaisampayana continuou, "Assim abordado por Yudhishthira, Dhaumya, aquele melhor dos brâmanes, realizou de acordo com o costume os ritos ordenados em relação à partida. E acendendo os fogos deles ele ofereceu, com mantras, oblações sobre eles para a prosperidade e o sucesso dos Pandavas, como para a sua reconquista do mundo inteiro. E andando ao redor daqueles fogos e ao redor dos brâmanes de riqueza ascética os seis partiram, colocando Yajnaseni à sua frente. E quando aqueles heróis tinham partido, Dhaumya, o melhor dos ascetas, levando os seus fogos sagrados, partiu para os Panchalas. E Indrasena e os outros já mencionados foram até os Yadavas, e cuidando dos cavalos e dos carros dos Pandavas passaram seu tempo alegremente e em privacidade".

5

Vaisampayana disse, "Cingindo suas cinturas com espadas, e equipados com protetores de dedos feitos de peles de iguana e com várias armas, aqueles heróis foram na direção do rio Yamuna. E aqueles arqueiros, desejosos de recuperar o seu reino (rapidamente), até agora vivendo em colinas inacessíveis e fortalezas de floresta, terminaram sua vida na floresta e procederam para a margem sul daquele rio. E aqueles poderosos guerreiros dotados de grande força e até então levando a vida de caçadores por matarem veados da floresta, passaram por Yakrilloma e Surasena, deixando para trás, à sua direita, o país dos Panchalas, e à sua esquerda o dos Dasarnas. E aqueles arqueiros, parecendo pálidos e usando barbas e equipados com espadas, entraram nos domínios de Matsya deixando a floresta, se anunciando como caçadores. E ao chegarem àquele país, Krishnâ dirigiu-se a Yudhishthira, dizendo, 'Nós vemos trilhas aqui, e vários campos. Disso parece que a metrópole de Virata ainda está longe. Passemos aqui a parte da noite que ainda resta, pois é grande minha fadiga".

Yudhishthira respondeu, "Ó Dhananjaya da linhagem de Bharata, ergue Panchali e a carrega. Exatamente ao sairmos dessa floresta nós chegaremos à cidade".

Vaisampayana continuou, "Nisso, como o líder de uma manada de elefantes, Arjuna rapidamente ergueu Draupadi, e ao chegarem à vizinhança da cidade, baixou-a. E ao alcançarem a cidade o filho de Ruru (Yudhishthira) dirigiu-se a Arjuna, dizendo, 'Onde nós depositaremos as nossas armas, antes de entrarmos na cidade? Se, ó filho, nós entrarmos nela com nossas armas em volta de nós, nós certamente excitaremos o alarme dos cidadãos. Além disso, o arco tremendo, o Gandiva, é conhecido por todos os homens, pelo que as pessoas, sem dúvida, nos reconhecerão logo. E se mesmo um de nós for descoberto, nós teremos, de acordo com a promessa, que passar outros doze anos na floresta".

Arjuna disse, "Lá ao lado de um cemitério e perto daquele topo inacessível há uma imensa árvore Sami, esparramando seus gigantescos ramos e difícil de subir. Nem há algum ser humano que, eu penso, ó filho de Pandu, nos espiará depositando as nossas armas naquele local. Aquela árvore está no meio de uma floresta afastada cheia de animais e cobras, e está na vizinhança de um cemitério lúgubre. Guardando as nossas armas na árvore Sami, ó Bharata, vamos para a cidade, e vivamos lá, livres de ansiedade!"

Vaisampayana continuou: "Tendo, ó touro da raça Bharata, falado assim para o rei Yudhishthira o justo, Arjuna se preparou para depositar as armas (na árvore). E aquele touro entre os Kurus então soltou a corda do Gandiva grande e terrível, sempre produzindo uma vibração trovejante e sempre destrutivo de hostes hostis, e com o qual ele tinha conquistado, em um único carro, deuses e homens e Nagas e províncias em expansão. E o guerreiro Yudhishthira, aquele repressor de inimigos, desatou a corda imperecível daquele arco com o qual ele tinha defendido o campo de Kurukshetra. E o ilustre Bhimasena desencordoou aquele arco por meio do qual aquele impecável tinha vencido em combate os Panchalas e o

senhor de Sindhu, e com o qual, durante a sua carreira de conquista, ele tinha, sozinho, resistido a incontáveis inimigos, e ouvindo cujo som, o qual era semelhante ao ribombar do trovão ou ao rachar de uma montanha, inimigos sempre fugiam (em pânico) do campo de batalha. E aquele filho de Pandu de cor de cobre e fala suave que é dotado de grande destreza no campo, e que é chamado de Nakula por causa de sua beleza sem precedentes na família, então desatou a corda daquele arco com o qual ele tinha conquistado todas as regiões do oeste. E o heroico Sahadeva também, possuidor de uma disposição branda, então uniu a corda daquele arco com o qual que ele tinha subjugado os países do sul. E com seus arcos eles puseram junto suas espadas longas e flamejantes, suas preciosas aljavas, e suas flechas afiadas como navalhas. E Nakula subiu na árvore e depositou sobre ela os arcos e as outras armas. E ele as amarrou firmemente naquelas partes da árvore as quais ele achou que não quebrariam, e onde a chuva não penetraria. E os Pandavas penduraram um cadáver (na árvore), sabendo que as pessoas cheirando o fedor do cadáver diriam: ‘Aqui sem dúvida há um morto corpo’, e evitariam a árvore a uma distância. E ao serem perguntados pelos pastores e vaqueiros com relação ao cadáver aqueles repressores de inimigos disseram a eles, 'Esta é a nossa mãe idosa de cento e oitenta anos. Nós penduramos o seu corpo morto, de acordo com o costume praticado pelos nossos antepassados'. E então aqueles que resistem a inimigos se aproximaram da cidade. E para propósitos de não descobrimento Yudhishthira manteve estes (cinco) nomes para si mesmo e seus irmãos respectivamente, ou seja, Jaya, Jayanta, Vijaya, Jayatsena e Jayatvala. Então eles entraram na grande cidade, com a intenção de passar o décimo terceiro ano não descobertos naquele reino, em conformidade com a promessa (para Duryodhana)”.

6

Vaisampayana disse, "E enquanto Yudhishthira estava em seu caminho para a cidade encantadora de Virata ele começou a louvar mentalmente a Divina Durga, a Deusa Suprema do Universo, nascida do útero de Yasoda, e afeiçoada às bênçaos concedidas a ela por Narayana, nascida da família do vaqueiro Nanda, e a concessora de prosperidade, a realçadora da (glória da) família (do devoto), a apavoradora de Kansa, e a destruidora de Asuras, e Deusa saudada, ela que ascendeu aos céus quando arremessada (por Kansa) em uma plataforma pedregosa, que é a irmã de Vasudeva, que está sempre enfeitada em guirlandas celestes e vestida em mantos celestes, que está armada com cimitarra e escudo, e que sempre resgata o devoto afundado em pecado como uma vaca na lama, que nas horas de angústia invoca aquela eterna dadora de bênçãos para aliviá-lo de suas cargas. E o rei, desejoso com seus irmãos de obter uma visão da Deusa, a invocou e começou a louvá-la por recitar vários nomes derivados de hinos (autorizados). E Yudhishthira disse, 'Saudações a ti, ó concessora de bênçãos. Ó tu que és idêntica a Krishna, ó donzela, ó tu que praticas o voto de Brahmacharya, ó tu de corpo brilhante como o Sol recém-surgido, ó tu de face bela como a lua cheia. Saudações a ti, ó tu de quatro mãos e quatro rostos, ó tu de quadris

redondos formosos e peito profundo, ó tu que usas braceletes feitos de esmeraldas e safiras, ó tu que levas pulseiras excelentes na parte superior dos teus braços. Tu brilhas, ó Deusa, como Padmâ, a consorte de Narayana. Ó tu que percorres as regiões etéreas, a tua forma verdadeira e o teu Brahmacharya são ambos do tipo mais puro. Escuro como as nuvens negras, o teu rosto é belo como o de Sankarshana. Tu possuis dois braços grandes longos como um par de postes erguidos em honra de Indra. Nos teus (seis) outros braços tu levas um vaso, um lótus, um sino, um laço corrediço, um arco, um disco grande, e várias outras armas. Tu és a única mulher no universo que possui o atributo de pureza. Tu estás adornada com um par de orelhas bem-feitas enfeitadas com aros excelentes. Ó Deusa, tu brilhas com um rosto que desafia a lua em beleza. Com um diadema excelente e trança bela, com mantos feitos dos corpos de cobras, e também com a cinta brilhante em volta dos teus quadris tu brilhas como a montanha Mandara cercada por cobras. Tu brilhas também com plumas de pavão permanecendo eretas sobre a tua cabeça, e tu santificas as regiões celestes por adotares o voto de virgindade perpétua. É por isso, ó tu que mataste o Mahishasura, que tu és louvada e adorada pelos deuses para a proteção dos três mundos[3]. Ó tu principal de todas as divindades, estende a mim tua graça, mostra-me a tua piedade, e sê a fonte de bênçãos para mim. Tu és Jaya e Vijaya, e és tu que dás vitória em batalha. Concede-me a vitória, ó Deusa, e dá-me benefícios também nesta hora de angústia. A tua residência eterna é em Vindhya, aquela principal das montanhas. Ó Kali, ó Kali, tu és a grande Kali, sempre amorosa de vinho e carne e sacrifício animal. Capaz de ir a todos os lugares à vontade, e de conceder bênçãos para teus devotos, tu és sempre seguida em tuas viagens por Brahma e os outros deuses. Para aqueles que te invocam para o alívio de suas cargas, e para aqueles também que te reverenciam na alvorada sobre a Terra, não há nada que não possa ser alcançado em relação à progênie ou riqueza. E porque tu resgatas as pessoas das dificuldades quando elas estão aflitas na selva ou afundando no grande oceano, é por isso que tu és chamada de Durga (literalmente alguém que salva da dificuldade) por todos. Tu és o único refúgio dos homens quando atacados por ladrões ou quando afligidos ao cruzarem rios e mares ou no ermo e florestas. Aqueles homens que se lembram de ti nunca são prostrados, ó Deusa formidável. Tu és Fama, tu és Prosperidade, tu és Firmeza, tu és Êxito; tu és a Esposa, tu és a Progênie dos homens, tu és Conhecimento, e tu és o Intelecto. Tu és os dois Crepúsculos, o Sono Noturno, a Luz solar e lunar, Beleza, Perdão, Piedade, e todas as outras coisas. Tu dissipas, cultuada pelos devotos, seus grilhões, ignorância, perda de filhos e perda de riqueza, doenças, morte e medo. Eu, que fui privado do meu reino, procuro a tua proteção. E como eu reverencio a ti com cabeça inclinada, ó Deusa Suprema, concede-me proteção, ó tu de olhos semelhantes a folhas de lótus. E sê igualmente concessora de benefícios para nós que estamos agindo segundo a Verdade. E, ó Durga, bondosa como tu és para com todos aqueles que procuram a tua proteção, e afetuosa para com todos os teus devotos, concede-me proteção!'

[3] Mahishasura era o filho de Rambhasura. Durga teve que lutar por muitos e muitos anos antes que ela pudesse matar esse Asura formidável. A história se encontra no Markandeya Purana.

Vaisampayana continuou, "Assim louvada pelo filho de Pandu, a Deusa se mostrou para ele. E aproximando-se do rei ela se dirigiu a ele nestas palavras, 'Ó rei de braços poderosos, escuta, ó Senhor, estas minhas palavras. Tendo vencido e matado as tropas dos Kauravas pela minha graça, a vitória em batalha logo será tua. Tu novamente dominarás a Terra inteira, tendo tornado os teus domínios desprovidos de incômodos. E, ó rei, tu obterás também, com teus irmãos, grande felicidade. E por minha graça alegria e saúde serão tuas. E aqueles também no mundo que recitarem os meus atributos e realizações serão libertados dos seus pecados, e gratificados. Eu concederei a eles reino, vida longa, beleza pessoal e progênie. E aqueles, ó rei, que me invocarem, da mesma maneira que tu, no exílio ou na cidade, no meio do combate ou de perigos provenientes de inimigos, em florestas ou em desertos inacessíveis, em mares ou fortalezas de montanhas, não há nada que eles não obterão neste mundo. E ó filhos de Pandu, alcançará o êxito em todos os seus propósitos aquele que escutar, ou ele mesmo recitar com devoção, este hino excelente. E pela minha graça nem os espiões de Kuru, nem aqueles que moram no país dos Matsyas conseguirão reconhecer vocês todos enquanto vocês residirem na cidade de Virata!' E tendo dito essas palavras para Yudhishthira, aquele castigador de inimigos, e tendo providenciado a proteção dos filhos de Pandu, a Deusa desapareceu de lá.

7

Vaisampayana disse, "Então amarrando em seu traje dados feitos de ouro e engastados com lápis lazúli, e segurando-os abaixo de sua axila, o rei Yudhishthira, aquele ilustre senhor de homens, aquele perpetuador de grande alma da linhagem Kuru, respeitado por reis, irreprimível em poder, e semelhante a uma cobra de veneno virulento, aquele touro entre homens, dotado de força e beleza e coragem, e possuidor de grandeza, e parecendo em forma com um celestial embora agora semelhante ao sol envolvido em nuvens densas, ou fogo coberto com cinzas, fez primeiro seu aparecimento quando o famoso rei Virata estava sentado em sua corte. E observando com seus seguidores aquele filho de Pandu em sua corte, parecendo com a lua escondida em nuvens e possuidor de um rosto belo como a lua cheia, o rei Virata dirigiu-se aos seus conselheiros e aos duas vezes nascidos e aos quadrigários e aos Vaisyas e outros, dizendo, ‘Perguntem quem é este tão semelhante a um rei que olha para a minha corte pela primeira vez. Ele não pode ser um brâmane. Parece-me que ele é um homem de homens, e um senhor da terra. Ele não tem nem escravos, nem carros, nem elefantes com ele, ainda assim ele brilha como o próprio Indra. Os sinais em seu corpo indicam que ele é alguém cujas madeixas coronais passaram pela investidura sagrada. Essa é a minha opinião. Ele se aproxima de mim sem nenhuma hesitação, assim como um elefante no cio se aproxima de um grupo de lótus!'

"E quando o rei estava se entregando a esses pensamentos aquele touro entre homens, Yudhishthira, chegou diante de Virata e dirigiu-se a ele, dizendo, ‘Ó

grande rei, saibas que eu sou um brâmane que, tendo perdido tudo o que tinha, vem a ti em busca dos meios de subsistência. Eu desejo, ó impecável, viver aqui junto a ti agindo sob as tuas ordens, ó senhor'. O rei então, bem satisfeito, respondeu a ele dizendo, 'Tu és bem-vindo. Então aceita o cargo que tu procuras!' E tendo fixado o leão entre os reis no posto pelo qual ele tinha rogado, o rei Virata se dirigiu a ele com o coração contente, dizendo, 'Ó filho, eu pergunto a ti por afeto, dos domínios de qual rei tu vens para cá? Dize-me também realmente qual é o teu nome e família, e do que tu tens conhecimento'.

Yudhishthira disse, "Meu nome é Kanka e eu sou um brâmane pertencente à família conhecida pelo nome de Vaiyaghra. Eu sou hábil em lançar dados, e antigamente eu era amigo de Yudhishthira".

Virata respondeu, "Eu concederei a ti qualquer benefício que tu desejes. Governa os Matsyas. Eu permanecerei em submissão a ti. Mesmo jogadores habilidosos são apreciados por mim. Tu, por outro lado, és semelhante a um deus, e mereces um reino".

Yudhishthira disse, "Meu primeiro rogo, ó senhor da terra, é que eu não seja envolvido em alguma disputa (por causa dos dados) com pessoas inferiores. Além disso, uma pessoa derrotada por mim (nos dados) não será permitida reter a riqueza (ganha por mim). Que esse benefício seja concedido a mim pela tua graça".

Virata respondeu, "Eu certamente matarei aquele que possa ocorrer de te desagradar, e se for um dos duas vezes nascidos eu irei bani-lo dos meus domínios. Que os súditos reunidos escutem! Kanka é tanto senhor deste reino quanto eu mesmo. Tu (Kanka) serás meu amigo e usarás os mesmos veículos que eu. E também estará à tua disposição vestuário em abundância, e várias espécies de iguarias e bebidas. E tu examinarás os meus negócios, internos e externos. E para ti todas as minhas portas estarão abertas. Quando homens desempregados ou em situação difícil recorrerem a ti, em todas as horas traze as palavras deles a mim, e eu sem dúvida darei a eles o que quer que eles desejem. Nenhum temor será teu enquanto tu residires comigo".

Vaisampayana disse, "Tendo assim obtido uma entrevista com o rei Virata, e recebido benefícios dele, aquele touro heroico entre homens começou a viver alegremente, muito respeitado por todos. Ninguém poderia descobri-lo enquanto ele vivesse lá".

8

Vaisampayana disse, "Então outro dotado de força terrível e resplandecente em beleza se aproximou do rei Virata, com o modo de andar galhofeiro do leão. E segurando na mão uma concha de cozinha e uma colher, como também uma espada desembainhada de cor escura e sem uma mancha sobre a lâmina, ele chegou na aparência de um cozinheiro iluminando tudo ao redor de si por seu

esplendor como o sol revelando o mundo inteiro. E vestido de preto e possuidor da força do rei das montanhas, ele se aproximou do rei dos Matsyas e permaneceu perante ele. E contemplando aquela pessoa semelhante a um rei diante ele Virata dirigiu-se aos seus súditos reunidos dizendo, 'Quem é aquele jovem, aquele touro entre homens, de ombros largos como os de um leão, e tão extremamente belo? Aquela pessoa, nunca vista antes, é como o sol. Revolvendo a questão em minha mente, eu não posso averiguar quem ele é, nem eu posso mesmo com pensamentos sérios adivinhar a intenção daquele touro entre homens (ao vir aqui). Vendo-o, me parece que ele é ou o rei dos Gandharvas ou o próprio Purandara. Averiguem quem é ele que permanece perante os meus olhos. Que ele tenha rapidamente o que ele procura'. Assim mandados pelo rei Virata, seus mensageiros ligeiros foram até o filho de Kunti e informaram aquele irmão mais novo de Yudhishthira de tudo o que o rei tinha dito. Então o filho de grande alma de Pandu, se aproximando de Virata, dirigiu-se a ele em palavras que não eram inadequadas para o seu objetivo, dizendo, 'Ó principal dos reis, eu sou um cozinheiro, de nome Vallava. Eu sou hábil em temperar pratos. Emprega-me na cozinha!'"

Virata disse, "Eu não acredito, ó Vallava, que cozinhar é o teu ofício. Tu pareces o deus de mil olhos; e em graça e beleza e bravura, tu brilhas entre esses todos como um rei!"

Bhima respondeu, "Ó rei dos reis, eu sou teu cozinheiro e servo em primeiro lugar. Não é de condimentos somente dos quais eu tenho conhecimento, ó monarca, embora o rei Yudhishthira sempre costumasse nos tempos passados experimentar os meus pratos. Ó senhor da terra, eu também sou um lutador. Não existe alguém que seja igual a mim em força. E me engajando em luta com leões e elefantes, ó impecável, eu sempre contribuirei para o teu entretenimento".

Virata disse, "Eu certamente te concederei benefícios. Tu farás o que tu desejas, visto que tu te descreves habilidoso nisso. Eu, no entanto, não penso que esse ofício é digno de ti, pois tu mereces esta terra (inteira) cercada pelo oceano. Mas faze como desejares. Sê o superintendente da minha cozinha, e tu estás colocado na chefia daqueles que foram designados lá antes por mim".

Vaisampayana continuou, "Assim nomeado na cozinha, Bhima logo se tornou o favorito do rei Virata. E, ó rei, ele continuou a viver lá não reconhecido pelos outros empregados de Virata como também pelas outras pessoas!"

9

Vaisampayana disse, "Amarrando seus cabelos pretos, macios, delicados, longos e impecáveis com pontas encaracoladas em uma trança complicada, Draupadi de olhos negros e sorrisos doces, jogando-a sobre o ombro direito, escondeu-a por meio de seu traje. E ela vestia uma única peça de roupa preta e suja embora cara. E se vestindo como uma Sairindhri ela começou a vagar para lá

e para cá em aparente aflição. E observando sua perambulação, homens e mulheres foram a ela rapidamente e se dirigiram a ela, dizendo, 'Quem é você? E o que você procura?' E ela respondeu, 'Eu sou a Sairindhri de um rei. Eu desejo servir a alguém que me mantenha'. Mas vendo a sua beleza e traje, e ouvindo também a sua fala que era tão doce, as pessoas não podiam tomá-la por uma criada à procura de subsistência. E aconteceu que enquanto olhava naquela direção e do terraço, a rainha querida de Virata, filha do rei de Kekaya, viu Draupadi. E vendo-a desamparada e vestida em um único pedaço de tecido, a rainha dirigiu-se a ela dizendo, 'Ó bela, quem é você, e o que você procura?' Nisso Draupadi respondeu a ela, dizendo, 'Ó principal das rainhas, eu sou Sairindhri. Eu servirei a alguém que me sustente'. Então Sudeshna disse, 'O que você diz (a respeito da tua profissão) nunca poderia ser compatível com tanta beleza. (Muito pelo contrário) tu bem podes ser a patroa de empregados homens e mulheres. Os teus calcanhares não são proeminentes, e as tuas coxas tocam uma à outra. E tua inteligência é grande, e teu umbigo é profundo, e as tuas palavras são solenes. E teus dedos dos pés grandes, e busto e quadris, e costas e lados, e unhas dos dedos dos pés, e palmas são todos bem desenvolvidos. E as tuas palmas, solas, e rosto são corados. E a tua fala é suave assim como a voz do cisne. E teu cabelo é belo, e teu busto bem-formado, e tu és possuidora da maior graça. E teus quadris e busto são roliços. E como uma égua Kashmerean tu estás provida de todos os sinais auspiciosos. E tuas pestanas são curvas (belas), e teu lábio inferior é como a terra rosada. E tua cintura é fina, e teu pescoço tem linhas que parecem as da concha. E as tuas veias mal são visíveis. De fato, o teu semblante é como a lua cheia, e teus olhos parecem as folhas do lótus outonal, e o teu corpo é fragrante como o próprio lótus. Em verdade, em beleza tu pareces com a própria Sri, cujo assento é o lótus outonal. Dize-me, ó donzela bela, quem tu és. Tu nunca poderias ser uma criada. Tu és uma Yakshi, uma Deusa, uma Gandharvi, ou uma Apsara? Tu és a filha de um celestial, ou tu és uma mulher Naga? Tu és a deusa guardiã de alguma cidade, uma Vidyadhari, ou uma Kinnari, ou tu és a própria Rohini? Ou tu és Alamvusha, ou Misrakesi, Pundarika, ou Malini, ou a rainha de Indra, ou de Varuna? Ou, tu és a esposa de Viswakarma, ou do próprio Senhor criador? Dessas deusas que são renomadas nas regiões celestes, quem tu és, ó graciosa?'

"Draupadi respondeu, 'Ó senhora auspiciosa, eu não sou nem uma deusa nem uma Gandharvi, nem uma Yakshi, nem uma Rakshasi. Eu sou uma criada da classe Sairindhri. Eu te digo isso realmente. Eu sei enfeitar cabelos, triturar (substâncias fragrantes) para preparar unguentos, e também fazer guirlandas belas e variadas, ó senhora bela, de jasmins e lótus e lírios azuis e Champakas. Antigamente eu servi à rainha favorita de Krishna, Satyabhama, e também Draupadi, a esposa dos Pandavas e a principal beleza da família Kuru. Eu perambulo sozinha, ganhando boa comida e vestuário; e contanto que eu os obtenha eu continuo a viver no lugar onde eles são obteníveis. A própria Draupadi me chamava de Malini (fazedora de guirlandas)'.

"Ouvindo isso Sudeshna disse, 'Eu te manteria sob a minha própria chefia se não cruzasse a minha mente a dúvida que o próprio rei seria atraído em direção a ti com todo o seu coração. Atraídas pela tua beleza, as mulheres da casa real e as

minhas empregadas estão te olhando. Que homem então poderia resistir à tua atração? Certamente, ó tu de quadris bem arredondados, ó donzela de encantos requintados, contemplando a tua forma de beleza sobre-humana o rei Virata sem dúvida me abandonará e se voltará para ti com todo o seu coração. Ó tu de membros impecáveis, ó tu que és dotada de olhos grandes lançando olhares rápidos, aquele sobre quem tu olhares com desejo indubitavelmente será atingido. Ó tu de doces sorrisos, ó tu que possuis uma forma impecável, aquele que te contemplar constantemente certamente arderá em paixões. Assim como uma pessoa que sobe em uma árvore para realizar a sua própria destruição, assim como o caranguejo concebe para a sua própria ruína, eu posso, ó tu de doces sorrisos, trazer a destruição sobre mim mesma por te abrigar'.

"Draupadi respondeu, 'Ó dama formosa, nem Virata nem qualquer outra pessoa poderá ter a mim, pois os meus cinco maridos jovens, que são Gandharvas e filhos de um rei Gandharva de grande poder, sempre me protegem. Ninguém pode me fazer mal. É o desejo dos meus maridos Gandharva que eu sirva somente àquelas pessoas que não me deem para usar algum alimento já compartilhado por outro, ou me digam para lavar seus pés. Qualquer homem que tentar ter-me como alguma mulher comum encontrará a morte naquela própria noite. Ninguém pode conseguir me obter, pois, ó senhora bela, ó tu de sorrisos doces, aqueles Gandharvas queridos, possuidores de grande energia e força imensa sempre me protegem secretamente'.

Sudeshna disse, ‘Ó tu que trazes deleite ao coração, se é como tu dizes, eu te aceitarei em minha casa. Tu não terás que tocar alimento que foi compartilhado por outro, ou lavar os pés de outro’.

"Vaisampayana continuou, 'Assim abordada pela esposa de Virata, ó Janamejaya, Krishnâ (Draupadi) sempre devotada aos seus maridos, começou a viver naquela cidade. Ninguém podia averiguar quem ela era na verdade!'"

10

“Vaisampayana disse, ‘Então vestido em um traje de vaqueiro, e falando o dialeto dos vaqueiros, Sahadeva chegou ao curral da cidade de Virata. E contemplando aquele touro entre homens, que estava brilhando em esplendor, o rei foi tomado pela perplexidade. E ele mandou seus homens convocarem Sahadeva. E quando o último chegou o rei se dirigiu a ele, dizendo, ‘A quem tu pertences? E de onde tu vens? E que trabalho tu procuras? Eu nunca te vi antes. Ó touro entre homens, fala-me verdadeiramente a teu respeito’.

Tendo chegado diante do rei, aquele que afligia inimigos, Sahadeva, respondeu em voz profunda como o ribombo da nuvem, 'Eu sou um Vaisya, de nome Arishtanemi. Eu era empregado como vaqueiro a serviço daqueles touros da raça Kuru, os filhos de Pandu. Ó principal dos homens, eu pretendo agora viver junto a ti, pois eu não sei onde aqueles leões entre reis, os filhos de Pritha, estão. Eu não

posso viver sem serviço, e, ó rei, eu não gostaria de entrar no serviço de ninguém mais além de ti',

Ouvindo essas palavras, Virata disse, ‘Tu deves ser ou um brâmane ou um Kshatriya. Tu pareces como se tu fosses o senhor da terra inteira cercada pelo oceano. Fala-me verdadeiramente, ó tu que ceifas teus inimigos. O ofício de um Vaisya não é adequado para ti. Conta-me dos domínios de qual rei tu vens, e o que tu sabes, e em que capacidade tu permanecerias conosco, e também qual pagamento tu aceitarias’.

"Sahadeva respondeu, 'Yudhishthira, o mais velho dos cinco filhos de Pandu, tinha uma divisão de vacas numerando oitocentas e dez mil, e outra, dez mil, e outra, além disso, vinte mil, e assim por diante. Eu era empregado em cuidar daqueles bovinos. As pessoas costumavam me chamar de Tantripala. Eu conheço o presente, o passado, e o futuro de todas as vacas vivendo dentro de dez Yojanas, e cuja história foi extraída. Os meus méritos eram conhecidos por aquele ilustre, e o rei Kuru Yudhishthira estava bem satisfeito comigo. Eu também conheço os meios que ajudam as vacas a se multiplicarem dentro de um tempo curto, e pelos quais elas podem desfrutar de imunidade de doença. Também estas artes são conhecidas por mim. Eu posso também escolher touros que têm marcas auspiciosas pelas quais eles são venerados por homens, e por cheirar cuja urina as estéreis podem conceber'.

Virata disse, ‘Eu tenho cem mil vacas divididas em rebanhos distintos. Todas essas junto com seus mantenedores eu coloco sob a tua responsabilidade. De agora em diante os meus animais estarão sob atua manutenção’.

"Vaisampayana continuou, 'Então, ó rei, não detectado por aquele monarca, aquele senhor de homens, Sahadeva, mantido por Virata, começou a viver alegremente. Ninguém mais (além de seus irmãos) o reconheceu'".

11

"Vaisampayana disse, 'Em seguida apareceu no portão dos baluartes outra pessoa de tamanho enorme e beleza rara enfeitado com ornamentos de mulheres, e usando grandes brincos e belas pulseiras de conchas revestidas com ouro. E aquele indivíduo de braços fortes com cabelo longo e abundante flutuando em volta de seu pescoço parecia um elefante em porte. E sacudindo o próprio chão com seu passo, ele se aproximou de Virata e permaneceu em sua corte. E contemplando o filho do grande Indra, brilhando com resplendor requintado e tendo o modo de andar de um elefante poderoso, aquele opressor de inimigos tendo sua forma verdadeira ocultada em disfarce, entrando na sala do conselho e avançando em direção ao monarca, o rei se dirigiu a todos os seus cortesãos, dizendo, 'De onde esta pessoa vem? Eu nunca soube dele antes'. E quando os homens presentes falaram do recém-chegado como alguém desconhecido para eles o rei falou admirado, 'Possuidor de grande força, tu és como um celestial, e

jovem e de cor escura, tu pareces o líder de uma manada de elefantes. Usando pulseiras de conchas revestidas com ouro, uma trança, e brincos, tu brilhas ainda como alguém entre aqueles que viajando em carruagens vagam equipados com armadura e arco e flechas e enfeitado com guirlandas e cabelo alinhado. Eu estou velho e desejoso de abandonar minha carga. Sê tu como meu filho, ou governa como eu mesmo todos os Matsyas. Parece-me que tal pessoa como tu nunca poderia ser do sexo neutro'.

Arjuna disse, 'Eu canto, danço, e toco instrumentos. Eu sou perito em dança e hábil em canto. Ó senhor de homens, designa-me para (a princesa) Uttara. Eu serei professor de dança da donzela real. Quanto a como eu obtive esta forma, o que te beneficiará ouvir o relato que somente aumentará a minha dor? Saibas, ó rei de homens, que eu sou Vrihannala, um filho ou filha sem pai nem mãe'.

Virata disse, 'Ó Vrihannala, eu te dou o que tu desejas. Instrui a minha filha, e aquelas como ela, em dança. Para mim, no entanto, este ofício parece indigno de ti. Tu mereces (o domínio da) terra inteira cercada pelo oceano!'

"Vaisampayana continuou, 'O rei dos Matsyas então testou Vrihannala em dança, música, e outras artes excelentes, e consultando com seus vários ministros em seguida o fez ser examinado por mulheres. E sabendo que aquela impotência era de uma natureza permanente ele o enviou para os aposentos das donzelas. E lá o poderoso Arjuna começou a dar aulas de canto e música instrumental para a filha de Virata, suas amigas, e suas criadas, e logo ganhou as suas boas graças. E dessa maneira o controlado Arjuna viveu lá disfarçado, partilhando de prazeres em sua companhia, e desconhecido para as pessoas de dentro ou fora do palácio'".

12

"Vaisampayana disse, 'Depois de algum tempo outro filho poderoso de Pandu foi visto indo em direção ao rei Virata às pressas. E conforme ele avançava, ele parecia para todos como o orbe solar emergido das nuvens. E ele começou a observar os cavalos em volta. E vendo isso o rei dos Matsyas disse para seus seguidores, 'Eu gostaria de saber de onde vem este homem, possuidor da refulgência de um celestial. Ele olha atentamente para os meus corcéis. Na verdade, ele deve ser competente em conhecimentos sobre cavalos. Que ele seja conduzido à minha presença rapidamente. Ele é um guerreiro e parece um deus!' E aquele destruidor de inimigos então foi até o rei e abordou-o, dizendo, 'Vitória para ti, ó rei, e abençoados sejam vocês. Como um treinador de cavalos, eu sempre fui muito estimado pelos reis. Eu serei um mantenedor inteligente dos teus cavalos'.

"Virata disse, 'Eu te darei veículos, riqueza, e alojamentos espaçosos. Tu serás o treinador dos meus cavalos. Mas primeiro dize-me de onde tu vens, quem tu és, e como também aconteceu de tu vires para cá. Fala-nos também todas as artes

nas quais tu és mestre'. Nakula respondeu, 'Ó opressor de inimigos, saibas que Yudhishthira é o irmão mais velho dos cinco filhos de Pandu. Eu era antigamente empregado por ele para manter seus cavalos. Eu conheço o temperamento dos corcéis, e conheço perfeitamente a arte de domá-los. Eu sei também como corrigir cavalos violentos, e todos os métodos de tratar suas doenças. Nenhum animal em minhas mãos fica fraco ou doente. Sem falar de cavalos, até as éguas em minhas mãos nunca serão constatadas serem violentas. As pessoas me chamavam pelo nome de Granthika e assim fazia Yudhishthira, o filho de Pandu'.

"Virata disse, 'Quaisquer cavalos que eu tenha eu entregos aos teus cuidados a partir de hoje mesmo. E todos os mantenedores dos meus cavalos e todos os meus cocheiros a partir de hoje serão subordinados a ti. Se for conveniente para ti, dize qual remuneração tu desejas. Mas, ó tu que pareces um celestial, o ofício de cavalariço não é digno de ti. Pois tu pareces um rei e eu te estimo muito. O teu aparecimento aqui me agradou tanto como se o próprio Yudhishthira estivesse aqui. Oh, como aquele inocente filho de Pandu vive e se diverte floresta, agora desprovido de empregados como ele está?'

"Vaisampayana continuou, 'Aquele jovem, semelhante a um chefe dos Gandharvas, foi tratado assim respeitosamente pelo encantado rei Virata. E ele se comportou lá de modo a se tornar querido e agradável para todos no palácio. E ninguém o reconheceu enquanto ele viveu sob a proteção de Virata. E foi dessa maneira então que os filhos de Pandu, a própria visão dos quais nunca era infrutífera, continuaram a viver no país dos Matsyas. E fiéis à sua promessa aqueles senhores da terra limitada por seu cinto de mares passaram seus dias incógnitos com grande compostura apesar dos seus sofrimentos pungentes'".

13

Samayapālanaparva

"Janamejaya disse, 'Enquanto viviam assim disfarçados na cidade dos Matsyas, o que fizeram aqueles descendentes da linhagem Kuru dotados de grande coragem, ó regenerado?'

"Vaisampayana disse, 'Ouve, ó rei, o que aqueles descendentes de Kuru fizeram enquanto eles viveram assim disfarçados na cidade dos Matsyas, venerando o rei dela. Pela graça do sábio Trinavindu e do Senhor da justiça de grande alma os Pandavas continuaram a viver não reconhecidos por outros na cidade de Virata. Ó senhor de homens, Yudhishthira como cortesão se fez agradável para Virata e seus filhos como também para todos os Matsyas. Um perito nos mistérios dos dados, o filho de Pandu os fez jogarem dados de acordo com a sua vontade e os fez se sentarem juntos no salão de (jogos de) dados como uma fileira de aves amarrada a uma corda. E aquele tigre entre homens, o rei Yudhishthira o justo, desconhecido pelo monarca, distribuía entre seus irmãos, na devida proporção, a riqueza que ele ganhava de Virata. E Bhimasena, de sua

parte, vendia para Yudhishthira por um preço carne e iguarias de vários tipos que ele obtinha do rei. E Arjuna distribuía entre todos os seus irmãos os produtos de tecidos usados os quais ele ganhava nos aposentos internos do palácio. E Sahadeva, também, que estava disfarçado como vaqueiro, dava leite, coalhada e manteiga clarificada para seus irmãos. E Nakula também dividia com seus irmãos a riqueza que o rei dava a ele, satisfeito com seu treinamento de cavalos. E Draupadi, ela mesma em uma condição lastimável, cuidava de todos aqueles irmãos e se comportava de modo a permanecer não reconhecida. E assim, atendendo às necessidades uns dos outros, aqueles guerreiros poderosos viveram na capital de Virata tão escondidos como se eles estivessem mais uma vez no útero de sua mãe. E aqueles senhores de homens, os filhos de Pandu, apreensivos do perigo proveniente do filho de Dhritarashtra, continuaram a morar lá em segredo, zelando por sua esposa Draupadi. E depois que três meses tinham se passado, no quarto, o grandioso festival em honra do divino Brahma que era celebrado com pompa no país dos Matsyas, ocorreu. E foram lá atletas de todos os quadrantes aos milhares, como hostes de celestiais para a residência de Brahma ou de Shiva, para testemunhar aquele festival. E eles eram dotados de corpos enormes e grande bravura, como os demônios chamados Kalakhanjas. E jubilosos com sua destreza e orgulhosos de sua força, eles foram muito honrados pelo rei. E seus ombros e cinturas e pescoços eram como os de leões, e seus corpos eram muito bem formados, e seus corações estavam muito tranquilos. E eles tinham muitas vezes obtido êxito nas arenas na presença de reis. E entre eles havia um que dominava o restante e desafiava-os todos para um combate. E não havia ninguém que ousasse se aproximar dele quanto ele andava orgulhosamente na arena. E quando todos os atletas estavam tristes e desanimados, o rei dos Matsyas o fez lutar com seu cozinheiro. E, incitado pelo rei, Bhima decidiu relutantemente, pois ele não podia desobedecer abertamente à ordem real. E aquele tigre entre homens então tendo reverenciado o rei entrou na arena espaçosa andando com os passos descuidados de um tigre. E o filho de Kunti então cingiu seus quadris para o grande deleite dos espectadores. E Bhima então convocou para o combate aquele atleta conhecido pelo nome de Jimuta que era como o Asura Vritra cuja bravura era amplamente conhecida. E ambos eram possuidores de grande coragem, e ambos eram dotados de bravura terrível. E eles eram como um par de elefantes enfurecidos e de corpos enormes, de sessenta anos cada. E aqueles valentes tigres entre homens então alegremente se engajaram em uma luta corporal, desejosos de derrotar um ao outro. E foi terrível o confronto que ocorreu entre eles, como o estrondo do raio contra o leito pedregoso da montanha. E ambos eram muito fortes e estavam extremamente deleitados com a força um do outro. E desejosos de vencer um ao outro, cada um permaneceu ávido para se aproveitar do descuido de seu adversário. E ambos estavam imensamente satisfeitos e pareciam elefantes enfurecidos de tamanho prodigioso. E vários eram os modos de ataque e defesa que eles exibiam com seus punhos cerrados. E cada um se arremessou contra o outro e lançou seu adversário à distância. E cada um lançou o outro para baixo e o pressionou junto ao solo. E cada um levantou outra vez e apertou o outro em seus braços. E cada um jogou o outro violentamente para fora do seu lugar por bater com os punhos em seu peito. E cada um pegou o outro pelas pernas e girando-o em volta jogou-o

no chão. E eles se esbofetearam com suas palmas que atingiam tão fortemente quanto o raio. E eles também atingiram um ao outro com seus dedos esticados, e, estendendo-os como lanças, enfiaram as unhas no corpo um do outro. E eles deram pontapés violentos um no outro. E eles bateram joelho e cabeça um contra o outro, produzindo o estrondo de uma pedra contra outra. E dessa maneira aquele combate furioso entre aqueles guerreiros seguiu adiante sem armas, sustentado principalmente pela força dos seus braços e sua energia física e mental, para o deleite infinito da multidão de espectadores. E todas as pessoas, ó rei, tomaram profundo interesse naquele combate daqueles lutadores poderosos que lutavam como Indra e o Asura Vritra. E eles encorajavam a ambos com altas aclamações de louvor. E os peritos em luta de peito largo e braços compridos então puxaram e apertaram e giraram e arremessaram abaixo um ao outro e bateram um no outro com seus joelhos, expressando todo o tempo o seu desprezo pelo outro em vozes altas. E eles começaram a lutar com seus braços nus dessa maneira, os quais eram como maças de pontas de ferro. E finalmente o poderoso Bhima de braços fortes, o matador de seus inimigos, gritando alto agarrou o vociferante atleta pelos braços assim como o leão agarra o elefante, e erguendo-o do chão e segurando-o no alto, começou a girá-lo em volta, para o grande assombro dos atletas reunidos e do povo de Matsya. E tendo-o girado ao redor uma centena de vezes até que ele ficou inconsciente, Vrikodara de braços fortes arremessou-o para a morte no chão. E quando o corajoso e renomado Jimuta estava assim morto, Virata e seus amigos ficaram cheios de grande deleite. E na exuberância de sua alegria, o rei de mente nobre recompensou Vallava lá mesmo com a generosidade de Kuvera. E matando numerosos atletas e muitos outros homens possuidores de grande força corpórea, ele agradou muitíssimo o rei. E quando ninguém podia ser encontrado lá para enfrentá-lo nas arenas o rei o fez lutar com tigres e leões e elefantes. E o rei também o fez lutar com leões furiosos e poderosos no harém para o prazer das damas. E Arjuna, também, agradou o rei e todas as senhoras dos aposentos internos por cantar e dançar. E Nakula agradou Virata, aquele melhor dos reis, por mostrar a ele corcéis velozes e bem treinados que o seguiam onde quer que ele fosse. E o rei, satisfeito com ele, recompensou-o com presentes generosos. E vendo ao redor de Sahadeva um rebanho de bois bem treinados, Virata, aquele touro entre homens, também concedeu a ele riqueza de diversas espécies. E, ó rei, Draupadi, angustiada ao ver todos aqueles guerreiros sofrerem tormentos, suspirava constantemente. E foi dessa maneira que aquelas pessoas eminentes viveram lá disfarçadas, prestando serviços ao rei Virata'".

14

Kīcaka-vadha Parva

"Vaisampayana disse, 'Vivendo sob esse disfarce, aqueles guerreiros poderosos, os filhos de Pritha, passaram dez meses na cidade de Matsya. E, ó monarca, embora ela mesma merecendo ser servida por outros, a filha de Yajnasena, ó Janamejaya, passava os seus dias em extrema miséria, servindo a

Sudeshna. E residindo dessa maneira nos aposentos de Sudeshna a princesa de Panchala agradou aquela senhora como também as outras mulheres dos aposentos internos. E aconteceu que, quando o ano estava prestes a terminar, o temível Kichaka, o Comandante das forças de Virata, viu por acaso a filha de Drupada. E observando aquela dama dotada do esplendor de uma filha dos celestiais, andando pela terra como uma deusa, Kichaka, afligido pelas flechas de Kama, desejou possuí-la. E queimando com a chama do desejo, o general de Virata foi até Sudeshna (sua irmã) e se dirigiu a ela sorridente nestas palavras, 'Esta bela dama nunca antes foi vista por mim na residência do rei Virata. Esta donzela me enlouquece com sua beleza, assim como um vinho novo enlouquece alguém com sua fragrância. Dize-me quem é essa dama graciosa e cativante possuidora da beleza de uma deusa, e de quem ela é, e de onde ela vem. Certamente, oprimindo o meu coração ela me reduziu à submissão. Parece-me que (exceto ela) não há outro remédio para a minha doença. Ó, essa tua criada formosa me parece ser possuidora da beleza de uma deusa. Certamente, alguém como ela não é apropriada para te servir. Que ela governe a mim e ao que quer que seja meu. Ó, deixa-a agraciar meu espaçoso e belo palácio, decorado com vários ornamentos de ouro, cheio de iguarias e bebidas em profusão, com pratos excelentes, e contendo todo tipo de abundância, além de elefantes e cavalos e carros às miríades'. E tendo consultado com Sudeshna dessa maneira, Kichaka foi até a princesa Draupadi, e como um chacal na floresta abordando uma leoa, falou para Krishna estas palavras em uma voz sedutora, 'Quem e de quem tu és, ó bela? E, ó tu de rosto belo, de onde tu vieste à cidade de Virata? Conta-me tudo isso, ó dama formosa. A tua beleza e graciosidade são da perfeita primeira classe e a graça das tuas feições é sem paralelo. Com seu encanto o teu rosto brilha assim como a lua resplandecente. Ó tu de sobrancelhas formosas, teus olhos são belos e grandes como pétalas de lótus. Tua fala também, ó tu de membros belos, parece as notas do cuco. Ó tu de quadris formosos, nunca antes neste mundo eu vi uma mulher possuidora de beleza semelhante à tua, ó tu de feições impecáveis. Tu és a própria Lakshmi que tem sua residência em meio aos lótus ou tu és, ó de cintura fina, aquela que é chamada Bhuti? Ou, qual entre estas: Sri, Kirti e Kanti, tu és, ó tu de rosto belo?[4] Ou, possuidora de beleza como a de Rati, tu és aquela que se diverte nos abraços do Deus do amor? Ó tu que possuis as sobrancelhas mais formosas, tu brilhas maravilhosamente assim como a luz encantadora da lua. Quem há no mundo inteiro que não sucumbiria à influência do desejo ao contemplar o teu rosto? Dotada de beleza inigualável e graça celeste do tipo mais atraente, este teu rosto é assim como a lua cheia, seu resplendor divino parecendo sua face radiante, seu sorriso parecendo a sua luz suave, e seus cílios parecendo com os raios em seu disco. Ambos os teus peitos, tão belos e bem desenvolvidos e dotados de graciosidade sem igual e profundos e simétricos e sem nenhum espaço entre deles, são sem dúvida dignos de serem adornados com guirlandas de ouro. Parecendo em forma com os belos botões do lótus, estes teus peitos, ó tu de sobrancelhas formosas, são assim como os chicotes de Kama que estão me incitando adiante. Ó tu de doces sorrisos, ó donzela de cintura fina,

[4] Bhuti, Hri, Sri, Kirti e Kanti são respectivamente as personificações femininas da Prosperidade, Modéstia, Beleza, Fama e Encanto.

contemplando esta tua cintura marcada com quatro dobras e medindo somente um palmo, e ligeiramente inclinada para frente por causa do peso dos teus peitos, e também olhando para estes teus quadris graciosos largos como as margens de um rio, a incurável febre do desejo, ó bela dama, me aflige muito. O flamejante fogo do desejo, feroz como um incêndio na floresta, e atiçado pela esperança que o meu coração nutre de uma união contigo está me consumindo intensamente. Ó tu de beleza excelente, apaga esse fogo flamejante acendido por Manmatha. A união contigo é uma nuvem carregada de chuva, e a tua rendição é a chuva que a nuvem pode derramar. Ó tu de rosto parecido com a lua, as violentas e enlouquecedoras flechas de Manmatha afiadas pelo desejo de uma união contigo, perfurando este meu coração em seu rumo impetuoso, penetraram no seu âmago. Ó dama de olhos negros, essas flechas impetuosas e cruéis estão me enlouquecendo além de resistência. Cabe a ti me aliviar dessa situação por te entregares a mim e me favorecer com teus abraços. Enfeitada em guirlandas e mantos belos e adornada com todos os ornamentos, diverte-te, ó doce donzela, comigo até a tua satisfação. Ó tu do porte de um elefante no cio, merecedora como tu és de felicidade embora privada disso agora, não cabe a ti morar aqui em miséria. Que prosperidade inigualável seja tua. Bebendo vários tipos de vinhos encantadores e deliciosos e ambrosíacos, e te divertindo à vontade no desfrute de diversos objetos de deleite, ó dama abençoada, obtém prosperidade auspiciosa. Essa tua beleza e essa plenitude da tua juventude, ó dama gentil, estão agora sem seu uso. Pois, ó donzela bela e casta, dotada de tal encanto, tu não brilhas, como uma guirlanda graciosa jazendo nova e não usada. Eu abandonarei todas as minhas esposas antigas. Que elas, ó tu de sorrisos doces, se tornem tuas escravas. E eu também, ó donzela formosa, ficarei ao teu lado como teu escravo, sempre obediente a ti, ó tu do rosto mais bonito'. Ouvindo essas palavras dele, Draupadi respondeu, 'Ao desejar a mim, uma criada de origem inferior, empregada no ofício desprezível de ornar cabelo, ó filho de Suta, tu desejas alguém que não merece essa honra. Então, além disso, eu sou esposa de outros. Portanto, que o bem te aconteça, esse teu comportamento não é apropriado. Lembra-te do preceito de moralidade, isto é, que homens devem se deleitar somente com suas esposas. Tu não deves, portanto, de nenhuma maneira inclinar teu coração para o adultério. Sem dúvida se abster de ações impróprias é sempre o esforço daqueles que são bons. Dominados pela ignorância homens pecaminosos sob a influência do desejo obtêm ou infâmia extrema ou calamidade terrível'.

"Vaisampayana continuou, 'Assim abordado pela Sairindhri, o pecaminoso Kichaka, perdendo o controle sobre sua razão e dominado pela luxúria, embora consciente dos numerosos males da fornicação, males censurados por todos e que às vezes levam à destruição da própria vida, então falou para Draupadi, 'Não cabe a ti, ó bela dama, ó tu de feições graciosas, desconsiderar dessa maneira a mim que estou, ó tu de sorrisos doces, sob o poder de Manmatha por tua causa. Se agora, ó tímida, tu desconsiderares a mim que estou sob a tua influência e que falo para ti tão cortês, ó donzela de olhos negros, tu terás que te arrepender disso depois. Ó tu de sobrancelhas graciosas, o senhor real deste reino inteiro, ó dama de cintura fina, sou eu mesmo. É dependendo de mim que o povo deste reino vive. Em energia e coragem eu sou incomparável sobre a terra. Não há outro homem

sobre a terra que me rivalize em beleza corpórea, em juventude, em prosperidade, e na posse de objetos excelentes de prazer. Por que é, ó dama auspiciosa, que tendo em teu poder desfrutar aqui de todos os objetos de desejo e todo o luxo e conforto sem igual tu preferes a servidão? Tornando-te a soberana desse reino o qual eu concederei a ti, ó tu de rosto formoso, me aceita, e desfruta, ó bela, de todos os objetos excelentes de desejo'. Abordada nessas palavras execráveis por Kichaka, aquela casta filha de Drupada respondeu a ele assim de modo repreensivo, 'Ó filho de um Suta, não ajas tão tolamente e não jogues fora a tua vida. Saibas que eu sou protegida por meus cinco maridos. Tu não podes ter-me. Eu tenho Gandharvas como meus maridos. Enfurecidos eles te matarão. Portanto, não tragas destruição para ti mesmo. Tu pretendes andar por um caminho que não pode ser trilhado por homens. Tu, ó pecaminoso, és assim como uma criança tola que permanecendo em uma margem do oceano pretende atravessar para a outra. Mesmo que tu entrasses no interior da terra, ou te elevasses ao céu, ou fosses para a outra margem do oceano, ainda assim tu não poderias escapar das mãos daquela progênie percorredora do céu dos deuses, capaz de triturar todos os inimigos. Por que hoje tu, ó Kichaka, me solicitas tão persistentemente assim como uma pessoa doente deseja a noite que porá um fim na sua existência? Por que tu me desejas, assim como um bebê deitado no colo de sua mãe desejando pegar a lua? Para ti que solicitaste dessa maneira a esposa querida deles, não há refúgio nem sobre a terra nem no céu. Ó Kichaka, tu não tens juízo o qual te leva a procurar teu bem e pelo qual a tua vida pode ser salva?'

15

"Vaisampayana disse, 'Rejeitado assim pela princesa, Kichaka, afligido com luxúria enlouquecedora e desprezando todo o sentido de retidão, dirigiu-se a Sudeshna dizendo, 'Ó filha de Kekaya, age de modo que a tua Sairindhri possa vir para os meus braços. Ó Sudeshna, adota os meios pelos quais a donzela do porte de um elefante possa me aceitar; eu estou morrendo de desejo consumidor'.

"Vaisampayana continuou: 'Ouvindo as suas profusas lamentações, aquela dama amável, a rainha inteligente de Virata, foi tomada de compaixão. E tendo deliberado consigo mesma e refletido sobre a intenção de Kichaka e sobre a ansiedade de Krishnâ, Sudeshna dirigiu-se ao filho de Suta nestas palavras, 'Na ocasião de algum festival, obtém iguarias e vinhos para mim. Eu então enviarei minha Sairindhri para ti sob o pretexto de trazer vinho. E quando ela se dirigir para lá tu em solidão, livre de interrupção anima-a como tu quiseres. Assim acalmada, ela pode inclinar sua mente para ti'.

"Vaisampayana continuou, 'Assim abordado, ele saiu dos aposentos de sua irmã. E ele logo obteve vinhos bem filtrados e dignos de um rei. E empregando cozinheiros habilidosos, ele preparou muitos e vários tipos de iguarias seletas e bebidas deliciosas e muitos e vários tipos de carne de graus diferentes de excelência. E quando tudo isso tinha sido feito, aquela dama amável Sudeshna, como anteriormente aconselhada por Kichaka, pediu que sua Sairindhri se

dirigisse para a residência de Kichaka, dizendo, 'Levanta, ó Sairindhri e dirige-te para a residência de Kichaka para trazer vinho, pois, ó bela dama, eu estou afligida pela sede'. Nisso Sairindhri respondeu, 'Ó princesa, eu não poderei ir para os aposentos de Kichaka. Tu mesma sabes, ó rainha, quão sem vergonha ele é. Ó tu de membros impecáveis, ó bela senhora, no teu palácio eu não poderei levar uma vida lasciva, me tornando infiel aos meus maridos. Tu te lembras, ó senhora amável, ó bela, das condições que eu estabeleci antes de entrar em tua casa. Ó tu de tranças que terminam em cachos graciosos, o tolo Kichaka afligido pelo deus do desejo, ao ver-me, me insultará. Portanto, eu não irei para os seus alojamentos. Tu tens, ó princesa, muitas empregadas sob ti. Que o bem te aconteça, envia uma delas. Pois, sem dúvida, Kichaka me insultará'. Sudeshna disse, 'Enviada por mim, da minha residência, certamente ele não te fará mal'. E tendo dito isso, ela entregou um recipiente dourado equipado com uma tampa. E cheia de apreensão, e chorando, Draupadi mentalmente rogou pela proteção dos deuses, e saiu para a residência de Kichaka para buscar vinho. E ela disse, 'Como eu não conheço outra pessoa exceto meus maridos, em virtude dessa Verdade que Kichaka não possa me dominar embora eu me aproxime da sua presença'.

"Vaisampayana continuou, 'E aquela donzela desamparada então adorou Surya por um momento. E Surya, tendo considerado tudo o que ela suplicou, mandou um Rakshasa protegê-la invisivelmente. E desde aquele tempo o Rakshasa começou a servir àquela dama inocente sob quaisquer circunstâncias. E vendo Krishnâ em sua presença como uma corça assustada, o Suta se levantou de seu assento, e sentiu a alegria que é sentida por uma pessoa que deseja atravessar para a outra margem quando ela obtém um barco'.

16

"Kichaka disse, 'Ó tu de cabelos que terminam em belos cachos, tu és bem-vinda. Certamente, a noite que se foi me trouxe um dia auspicioso, pois eu tenho a ti hoje como a dona da minha casa. Faze o que é agradável para mim. Que correntes douradas, e conchas e brincos brilhantes feitos de ouro, fabricados em vários países, e rubis belos e joias, e mantos de seda e camurças, sejam trazidos para ti. Eu tenho também uma cama excelente preparada para ti. Vem, sentando-te sobre ela bebe comigo o vinho preparado do mel de flores'. Ouvindo essas palavras, Draupadi disse, 'Eu fui enviada para ti pela princesa para levar vinho. Traze-me vinho rapidamente, pois ela me disse que ela está com muita sede'. A isso Kichaka disse, 'Ó dama amável, outros levarão o que a princesa quer'. E dizendo isso, o filho de Suta segurou o braço direito de Draupadi. E nisto, Draupadi exclamou, 'Como eu nunca, por intoxicação dos sentidos, fui infiel aos meus maridos nem em coração, por esta Verdade, ó canalha, eu te verei arrastado e jazendo impotente sobre o solo'.

"Vaisampayana continuou: 'Vendo aquela dama de olhos grandes criticando-o dessa maneira, Kichaka de repente agarrou-a pela ponta do seu traje superior quando ela tentou fugir. E agarrada com violência por Kichaka, a princesa bela,

incapaz de tolerar isso, e com corpo tremendo de raiva, e respirando rapidamente, arremessou-o ao solo. E arremessado ao solo daquela maneira, o canalha pecaminoso caiu como uma árvore cujas raízes tinham sido cortadas. E tendo jogado Kichaka ao chão quando o último a tinha agarrado, ela, completamente trêmula, correu para a corte, onde o rei Yudhishthira estava, em busca de proteção. E enquanto ela estava correndo com toda a sua velocidade, Kichaka (que a seguia), agarrando-a pelo cabelo, e derrubando-a no chão, chutou-a na própria presença do rei. Nisso, ó Bharata, o Rakshasa que tinha sido designado por Surya para proteger Draupadi deu em Kichaka um empurrão com uma força poderosa como a do vento. E subjugado pela força do Rakshasa, Kichaka cambaleou e caiu inconsciente no chão, assim como uma árvore arrancada. E ambos, Yudhishthira e Bhimasena, que estavam sentados lá, contemplaram com olhos coléricos aquele ultraje à Krishnâ por Kichaka. E desejoso de empreender a destruição do pecaminoso Kichaka, o ilustre Bhima rangeu os dentes de raiva. E a sua testa estava coberta de suor, e rugas terríveis apareceram sobre ela. E uma exalação fumegante se projetou dos seus olhos, e seus cílios se eriçaram. E aquele matador de heróis hostis pressionou sua testa com as mãos. E impelido pela raiva, ele estava prestes a se levantar com velocidade. Nisso o rei Yudhishthira, com medo de ser descoberto, apertou seus polegares e mandou Bhima se conter. E Bhima que então parecia um elefante enfurecido mirando uma árvore grande foi assim proibido por seu irmão mais velho. E o último disse, 'Procura, ó cozinheiro, árvores para combustível. Se tu precisas de molhos de paus, então sai e derruba árvores'. E a lamentosa Draupadi de quadris formosos, aproximando-se da entrada da corte, e vendo seus maridos melancólicos, desejosos ainda de manter o disfarce obrigados por sua promessa, com olhos queimando em fogo, falou estas palavras para o rei dos Matsyas, 'Ai, o filho de um Suta chutou hoje a esposa orgulhosa e querida daqueles cujo inimigo nunca pode dormir em paz mesmo que quatro reinos estejam entre ele e eles. Ai, o filho de um Suta chutou hoje a esposa orgulhosa e querida daqueles personagens sinceros, que são devotados aos brâmanes e que sempre doam sem pedir nada em doação. Ai! O filho de um Suta chutou hoje a esposa orgulhosa e querida daqueles, os sons de cujos timbales e as vibrações de cujas cordas de arco são ouvidos incessantemente. Ai, o filho de um Suta chutou hoje a esposa orgulhosa e querida daqueles que são possuidores de energia e poder abundantes, e que são generosos em doações e orgulhosos de sua dignidade. Ai, o filho de um Suta chutou hoje a esposa orgulhosa e querida daqueles que, se eles não fossem impedidos pelos laços do dever, poderiam destruir este mundo inteiro. Onde, ai, estão aqueles guerreiros poderosos hoje que, embora vivendo disfarçados, tem sempre concedido proteção para aqueles que a solicitam? Oh, por que aqueles heróis hoje, dotados como eles são de força e possuidores de energia incomensurável, permitem quietamente, como eunucos, que sua esposa querida e casta seja insultada dessa maneira pelo filho de um Suta? Oh, onde está aquela cólera deles, aquela bravura, e aquela energia, quando eles toleram calmamente que sua esposa seja assim insultada por um patife pecaminoso? O que posso fazer eu (uma mulher fraca), quando Virata, deficiente em virtude, permite calmamente que a minha pessoa inocente seja assim ofendida por um canalha? Tu, ó rei, não ages como um rei em relação a este Kichaka. O teu comportamento

é semelhante ao de um ladrão, e não brilha em uma corte. Que eu seja insultada dessa maneira na tua própria presença, ó Matsya, é altamente impróprio. Oh, que todos os cortesões aqui contemplem esta violência de Kichaka. Kichaka é ignorante do dever e da moralidade, e Matsya também é igualmente assim. Esses cortesãos também que servem tal rei são desprovidos de virtude'.

"Vaisampayana continuou, 'Com essas e outras palavras do mesmo tipo a bela Krishnâ com olhos lacrimosos repreendeu o rei dos Matsyas. E ouvindo-a, Virata disse, 'Eu não sei qual foi sua contenda fora da nossa vista. Não sabendo a causa verdadeira como eu posso mostrar meu discernimento?' Então os cortesãos, tendo sido informados da situação toda, elogiaram Krishnâ, e eles todos exclamaram, 'Muito bem!' 'Muito bem!' e criticaram Kichaka. E os cortesãos disseram, 'Aquele homem que possui como esposa esta dama de olhos grandes que tem todos os seus membros dotados de beleza, possui o que é de imenso valor e não tem motivo para se entregar a nenhuma aflição. Sem dúvida, semelhante donzela de beleza transcendente e membros perfeitamente impecáveis é rara entre os homens. De fato, nos parece que ela é uma deusa'.

"Vaisampayana continuou, 'E enquanto os cortesãos, tendo contemplado Krishnâ (sob tais circunstâncias), a estavam elogiando dessa maneira, a testa de Yudhishthira, de raiva, ficou coberta de suor. E aquele touro da raça Kuru então se dirigiu àquela princesa, sua esposa querida, dizendo, 'Não fiques aqui, ó Sairindhri; mas recolhe-te aos aposentos de Sudeshna. As esposas de heróis aguentam aflição por causa de seus maridos, e passando por trabalho pesado em atender aos seus maridos, elas finalmente alcançam a região para onde seus maridos possam ir. Os teus maridos Gandharva, refulgentes como o sol, eu imagino, não consideram esta como uma ocasião para manifestar sua cólera, visto que eles não se apressaram para te ajudar. Ó Sairindhri, tu és ignorante da oportunidade das coisas, e é por isso que tu derramas lágrimas como uma atriz, além de interromper o jogo de dados na corte de Matsya. Retira-te, ó Sairindhri; os Gandharvas farão o que for agradável para ti. E eles certamente revelarão seu pesar e tirarão a vida daquele que te ofendeu'. Ouvindo essas palavras a Sairindhri respondeu, 'Aqueles de quem eu sou esposa são, eu penso, extremamente bondosos. E como o mais velho deles todos é viciado nos dados, eles estão sujeitos a serem oprimidos por todos'.

"Vaisampayana continuou, 'E tendo dito isso, Krishnâ de quadris formosos com cabelo despenteado e olhos vermelhos de raiva correu em direção aos aposentos de Sudhesna. E por consequência de ter chorado por muito tempo o seu rosto parecia belo como o disco lunar no firmamento, emergido das nuvens. E vendo-a nessa condição Sudeshna perguntou, 'Quem, ó bela dama, te insultou? Por que, ó donzela amável, tu choras? Quem, amável, te fez mal? De onde vem essa tua aflição?' Assim abordada, Draupadi disse, 'Quando eu fui trazer vinho para ti Kichaka bateu em mim na corte na própria presença do rei, como se no meio de uma floresta solitária'. Ouvindo isso Sudeshna disse, 'Ó tu de cabelos que terminam em belos cachos, como Kichaka, enlouquecido pela luxúria, insultou a ti que não podes ser possuída por ele, eu o farei ser morto se tu desejares'. Nisso

Draupadi respondeu, 'Outros o matarão, aqueles mesmos a quem ele ofendeu. Eu penso que é evidente que ele terá que ir para a residência de Yama hoje mesmo!'

17

"Vaisampayana disse, 'Assim insultada pelo filho de Suta, aquela princesa ilustre, a bela Krishnâ, desejando avidamente a destruição do general de Virata, foi para seus alojamentos. E a filha de Drupada de cor escura e cintura fina então realizou suas abluções. E lavando o seu corpo e roupas com água Krishnâ começou a ponderar lamentosamente sobre os meios de dissipar sua aflição. E ela refletiu, dizendo, 'O que eu devo fazer? Para onde irei? Como o meu propósito pode ser efetuado?' E enquanto ela estava pensando assim ela se lembrou de Bhima e disse a si mesma, 'Não há ninguém, exceto Bhima, que possa hoje realizar o propósito no qual meu coração está fixado!' E afligida com grande dor Krishnâ de olhos grandes e inteligente possuidora de protetores poderosos então se levantou à noite, e deixando sua cama procedeu rapidamente em direção aos alojamentos de Bhimasena, desejosa de ver seu marido. E possuidora de grande inteligência, a filha de Drupada entrou nos alojamentos de seu marido, dizendo, 'Como tu podes dormir enquanto aquele comandante infame das forças de Virata, que é meu inimigo, ainda vive, tendo cometido hoje aquele (ato vil)?'

"Vaisampayana continuou, 'Então o quarto onde Bhima dormia, respirando fortemente como um leão, sendo cheio com a beleza da filha de Drupada e de Bhima de grande alma, resplandeceu em esplendor. E Krishnâ de sorrisos doces, encontrando Bhimasena nos aposentos da cozinha, aproximou-se dele com a avidez de uma vaca de três anos de idade criada nas florestas se aproximando de um touro forte, em sua primeira estação, ou de uma grande garça fêmea vivendo perto da margem do rio se aproximando de seu companheiro na época do acasalamento. E a Princesa de Panchala então abraçou o segundo filho de Pandu, assim como uma trepadeira abraça uma Sala enorme e poderosa nas margens do Gomati. E abraçando-o, Krishnâ de feições impecáveis o acordou como uma leoa acorda um leão adormecido em uma floresta não pisada. E abraçando Bhimasena assim como uma elefanta abraça seu companheiro poderoso, a impecável Panchali se dirigiu a ele em voz doce como o som de um instrumento de corda emitindo a nota Gandhara. E ela disse, 'Levanta, levanta! Por que tu, ó Bhimasena, deitas como um morto? Certamente, aquele que não está morto nunca permite que viva um canalha pecaminoso que envergonhou sua esposa'. E, despertado pela princesa, Bhima de braços fortes então se levantou e sentou em sua cama coberta com um colchão esplêndido. E ele da tribo Kuru então se dirigiu à princesa, sua esposa querida, dizendo, 'Para que propósito tu vieste para cá em tal inquietação? Tua cor está fraca e tu pareces magra e pálida. Conta-me tudo em detalhes. Eu devo saber a verdade. Seja aprazível ou doloroso, agradável ou desagradável, conta-me tudo. Tendo ouvido tudo eu aplicarei o remédio. Só eu, ó Krishnâ, tenho direito à tua confiança em todas as coisas, pois sou eu que te liberto de perigos repetidas vezes! Dize-me rapidamente qual é o

teu desejo, e qual é o propósito que tu tens em vista, e volta para a tua cama antes que outros despertem'.

18

"Draupadi disse, 'Qual aflição não tem aquela que tem Yudhishthira como marido? Conhecendo todas as minhas angústias, por que tu me perguntas? O Pratikamin me arrastou para a corte no meio de uma assembleia de cortesãos, me chamando de escrava. Aquela dor, ó Bharata, me consome. Que outra princesa, exceto Draupadi, viveria tendo sofrido tal miséria intensa? Quem mais, salvo eu mesma, poderia suportar este segundo insulto como o perverso Saindhava me ofereceu enquanto residia na floresta? Quem mais da minha posição, exceto eu mesma, poderia viver, tendo sido chutada por Kichaka na própria vista do rei perverso dos Matsyas? De que vale a vida, ó Bharata, quando tu, ó filho de Kunti, não me achas miserável, embora eu esteja afligida com semelhantes mágoas? Aquele canalha vil e pecaminoso, ó Bharata, conhecido pelo nome de Kichaka, que é o cunhado do rei Virata e o comandante das suas tropas, todos os dias, ó tigre entre homens, se dirige a mim que estou residindo no palácio como uma Sairindhri, dizendo, 'Torna-te minha esposa'. Assim solicitada, ó matador de inimigos, por aquele canalha que merece ser morto, o meu coração está rebentando como uma fruta amadurecida na estação. Critica aquele teu irmão mais velho viciado no execrável jogo de dados, por cujo ato somente eu sou afligida com tal dor. Quem mais, salvo ele que é um jogador irremediável, jogaria abandonando reino e tudo inclusive até eu mesma, para levar uma vida nas florestas? Se ele tivesse jogado de manhã e à noite por muitos anos, apostando nishkas aos milhares e outras espécies de riquezas substanciais, ainda assim sua prata e ouro, e mantos, e veículos, e parelhas, e cabras, e ovelhas, e multidões de corcéis e éguas e mulas não teriam sofrido nenhuma diminuição. Mas agora privado de prosperidade pela rivalidade dos dados ele se senta mudo como um tolo, refletindo sobre os seus próprios delitos. Ai, ele que, enquanto viajava, era seguido por dez mil elefantes adornados com guirlandas douradas agora se sustenta por lançar dados. Aquele Yudhishthira que em Indraprastha era adorado por reis de destreza incomparável às centenas de milhares, aquele poderoso monarca em cuja cozinha cem mil criadas, com pratos na mão, costumavam todos os dias alimentar convidados numerosos dia e noite, aquele melhor dos homens generosos, que dava (todos os dias) mil nishkas, ai, ele mesmo subjugado pelo infortúnio por consequência do jogo que é a raiz de todos os males agora se sustenta por lançar dados. Bardos e encomiastas aos milhares, enfeitados com brincos ornamentados com pedras preciosas brilhantes, e dotados de voz melodiosa, costumavam lhe prestar homenagem de manhã e à noite. Ai, aquele Yudhishthira, que era diariamente servido por mil sábios de mérito ascético, versados nos Vedas e tendo todos os desejos satisfeitos, como seus cortesãos, aquele Yudhishthira que mantinha oitenta e oito mil de Snatakas caseiros com trinta criadas designadas para cada um, como também dez mil yatis que não aceitavam nada em doação e com a semente vital parada, ai, aquele mesmo rei

poderoso agora vive em tal aparência. Aquele Yudhishthira que não tem malícia, que é cheio de bondade, e que dá para toda criatura o que lhe é devido, que tem todas essas qualidades excelentes, ai, ele mesmo agora vive de tal forma. Possuidor de firmeza e destreza imbatíveis, com coração disposto a dar para toda criatura o que lhe é devido, o rei Yudhishthira, movido por compaixão, constantemente sustentava em seu reino os cegos, os idosos, os desamparados, os órfãos e todos os outros em seus domínios em tal situação difícil. Ai, aquele Yudhishthira, se tornando um dependente e um empregado de Matsya, um lançador de dados em sua corte, agora chama a si mesmo de Kanka. Ele para quem enquanto residindo em Indraprastha todos os soberanos da terra costumavam pagar tributo adequado, ai, ele mesmo agora mendiga para subsistência das mãos de outros. Ele a quem os reis da terra estavam sujeitos, ai, aquele mesmo rei tendo perdido a sua liberdade vive em submissão a outros. Tendo deslumbrado a terra inteira como o sol por sua energia, aquele Yudhishthira, ai, é agora um cortesão do rei Virata. Ó filho de Pandu, aquele Pandava que era respeitosamente servido em corte por reis e sábios, vê a ele agora servindo a outro. Ai, vendo Yudhishthira como um cortesão sentado junto de outro e murmurando discursos adulatórios para outro, quem pode deixar de ser afligido pela dor? E contemplando o altamente sábio e virtuoso Yudhishthira, não merecedor como ele é de servir a outros, realmente servindo a outro por sustento, quem pode deixar de ser afligido pela dor? E, ó herói, aquele Bharata que era reverenciado em corte pela terra inteira, vê agora reverenciando outro. Por que então, ó Bharata, tu não me consideras como uma pessoa afligida com diversas misérias, como alguém desesperada e submersa em um mar de tristeza?'

19

"Draupadi disse, 'Isto, ó Bharata, que eu vou te dizer é outra grande angústia minha. Tu não deves me culpar, pois eu te digo isso por tristeza de coração. Quem há cuja angústia não seja aumentada à visão de ti, ó touro da raça Bharata, engajado no ofício ignóbil de cozinheiro, tão completamente indigno de ti e chamando a ti mesmo como alguém da casta Vallava? O que pode ser mais triste do que isto, que as pessoas devam te conhecer como o cozinheiro de Virata, de nome Vallava, e, portanto, alguém que está afundado em servidão? Ai, quando o trabalho da cozinha está terminado, tu te sentas humildemente junto de Virata, te chamando de Vallava o cozinheiro, então o desalento se apodera do meu coração. Quando o rei dos reis em alegria te faz lutar com elefantes, e as mulheres dos aposentos internos (do palácio) dão risada o tempo todo, então eu fico extremamente angustiada. Quando tu lutaste nos aposentos internos com leões, tigres e búfalos, com a princesa Kaikeyi assistindo, então eu quase desmaiei. E quando Kaikeyi e aquelas criadas, deixando seus assentos, vieram me ajudar e descobriram que em vez de sofrer algum ferimento em meus membros (aquilo) era somente um desmaio, a princesa falou para as suas mulheres, dizendo, 'Certamente é por afeição e pelo dever gerado do relacionamento que esta dama de doces sorrisos se aflige pelo cozinheiro extremamente poderoso quando ele luta com os animais. Sairindhri é possuidora de grande beleza e Vallava também é

eminentemente bonito. O coração da mulher é difícil de se conhecer, e eles, eu imagino, merecem um ao outro. É, portanto, plausível que a Sairindhri invariavelmente lamente (em tais momentos) por conta de sua ligação com seu amante. E então, eles ambos entraram nesta casa real ao mesmo tempo'. E falando palavras semelhantes ela sempre me repreende. E me vendo irada por isso ela suspeita que eu sou afeiçoada a ti. Quando ela fala dessa maneira, é grande a dor que eu sinto. De fato, ao ver-te, ó Bhima de bravura terrível, afligido por tal infortúnio, mergulhada como eu já estou em aflição por causa de Yudhishthira, eu não desejo viver. Aquele jovem que em um único carro tinha derrotado todos os celestiais e homens é agora, ai, o professor de dança da filha do rei Virata. Aquele filho de Pritha de alma incomensurável, que satisfez Agni na floresta de Khandava, está agora vivendo nos aposentos internos (de um palácio) como fogo escondido em um poço. Ai, o touro entre homens, Dhananjaya, que era sempre o terror dos inimigos, está agora vivendo de uma forma que é completamente desanimadora. Ai, ele cujos braços semelhantes a maças foram cicatrizados por consequência dos golpes da corda de seu arco, ai, aquele Dhananjaya está passando os dias em aflição cobrindo seus pulsos com pulseiras de conchas. Ai, aquele Dhananjaya, a vibração de cuja corda de arco e o som de cujas proteções feitas de couro faziam todos os inimigos tremerem, agora diverte somente mulheres alegres com suas canções. Oh, aquele Dhananjaya cuja cabeça estava antigamente adornada com um diadema de esplendor solar está agora usando tranças que terminam em cachos feios. Ó Bhima, vendo aquele arqueiro terrível, Arjuna, agora usando tranças e no meio de mulheres, o meu coração é atingido pela dor. Aquele herói de grande alma que é o mestre de todas as armas celestes e que é o repositório de todas as ciências agora usa brincos (como alguém do sexo belo). Aquele jovem a quem reis de bravura incomparável não podiam dominar em combate, assim como as águas do poderoso oceano não podem saltar por cima dos continentes, é agora o professor de dança das filhas do rei Virata e as serve disfarçado. Ó Bhima, aquele Arjuna o estrépito de cujas rodas de carro fazia a terra inteira com suas montanhas e florestas com suas coisas móveis e imóveis tremer, e cujo nascimento dissipou todas as tristezas de Kunti, aquele herói exaltado, aquele teu irmão mais novo, ó Bhimasena, agora me faz chorar por ele. Observando-o vindo em direção a mim, enfeitado com brincos dourados e outros ornamentos, e usando nos pulsos pulseiras de conchas, o meu coração é tomado pelo desalento. E Dhananjaya que não tem um arqueiro igual a ele sobre a terra em destreza agora passa seus dias cantando, cercado por mulheres. Contemplando aquele filho de Pritha que em virtude, heroísmo e verdade era o mais admirado no mundo, agora vivendo na aparência de uma mulher, o meu coração é afligido pela tristeza. Quando eu vejo Partha semelhante a um deus no salão de música, como um elefante com têmporas fendidas cercado por elefantes fêmeas, no meio de mulheres, servindo diante de Virata o rei dos Matsyas, então eu perco todo o senso de direção. Sem dúvida, a minha sogra não sabe que Dhananjaya está sendo afligido por tal angústia extrema. Nem ela sabe que aquele descendente da linhagem Kuru, Ajatasatru, viciado no jogo de dados desastroso, está mergulhado em miséria. Ó Bharata, vendo o mais jovem de vocês todos, Sahadeva, superintendendo as vacas, no disfarce de um vaqueiro, eu empalideço. Sempre pensando na situação difícil de Sahadeva, eu, ó

Bhimasena, não posso conseguir dormir, o que te falar do restante? Eu não sei, ó de braços poderosos, que pecado Sahadeva pode ter cometido pelo qual aquele herói de destreza imbatível sofre tal miséria. Ó principal dos Bharatas, contemplando aquele teu irmão querido, aquele touro entre homens, empregado por Matsya em cuidar de suas vacas, eu estou cheia de dor. Vendo aquele herói de disposição orgulhosa gratificando Virata, por viver na chefia dos seus vaqueiros, vestido em mantos tingidos de vermelho, eu sou acometida pela febre. Minha sogra sempre elogia o heroico Sahadeva como alguém possuidor de nobreza, comportamento excelente, e retidão de conduta. Ardentemente apegada aos seus filhos, a lamentosa Kunti permaneceu abraçando Sahadeva quando ele estava prestes a partir (conosco) para a grande floresta. E ela se dirigiu a mim dizendo, ‘Sahadeva é tímido e de fala gentil, e virtuoso. Ele é também meu filho favorito. Portanto, ó Yajnaseni, cuida dele dia e noite na floresta. Delicado e valente, devotado ao rei, e sempre reverenciando seu irmão mais velho, ó Panchali, alimenta-o tu mesma'. Ó Pandava, vendo aquele principal dos guerreiros, Sahadeva, engajado em cuidar das vacas, e dormindo à noite sobre peles de bezerro, como eu posso aguentar viver? Aquele também que é coroado com os três atributos de beleza, armas e inteligência é agora o superintendente dos corcéis de Virata. Vê a mudança ocasionada pelo tempo. Granthika (Nakula), à vista de quem hostes hostis fugiam do campo de batalha, agora treina cavalos na presença do rei, dirigindo-os com velocidade. Ai, eu agora vejo aquele jovem bonito servir o magnificamente enfeitado e excelente Virata, o rei dos Matsyas, e exibir cavalos perante ele. Ó filho de Pritha, afligida como eu estou com todas essas cem espécies de miséria por conta de Yudhishthira, por que tu, ó castigador de inimigos, ainda me julgas feliz? Escuta-me agora, ó filho de Kunti, enquanto eu te falo de outras dores que superam essas de longe. O que me pode ser mais triste do que misérias tão diversas quanto essas estejam emaciando a mim enquanto vocês ainda estão vivos?’

20

"Draupadi disse, 'Ai, por conta daquele jogador precipitado, eu estou agora sob as ordens de Sudeshna, vivendo no palácio no disfarce de uma Sairindhri. E, ó castigador de inimigos, vê a situação de aflição pungente na qual eu, uma princesa, estou agora. Eu estou vivendo na expectativa do término desse período fixado. O extremo da miséria, portanto, é meu. Sucesso de propósito, vitória e derrota, em relação aos mortais, são transitórios. É nessa crença que eu estou vivendo na esperança da volta da prosperidade para meus maridos. Prosperidade e adversidade giram como uma roda. É nessa crença que eu estou vivendo na expectativa do retorno da prosperidade para meus maridos. Aquela causa que produz vitória pode trazer derrota também. Eu vivo nessa esperança. Por que tu, ó Bhimasena, não me consideras como alguém morto? Eu ouvi que pessoas que dão podem pedir; que aqueles que matam podem ser mortos; e que aqueles que derrotam outros podem eles mesmos ser derrotados por inimigos. Nada é difícil para o Destino e ninguém pode sobrepujar o Destino. É por isso que eu estou esperando a volta da sorte favorável. Como um tanque uma vez secado é enchido

uma vez mais, assim esperando por uma mudança para o melhor eu espero o retorno da prosperidade. Quando o propósito de alguém que tem sido bem provido é visto ser frustrado, uma pessoa realmente sábia nunca deve se esforçar para trazer de volta a boa sorte. Mergulhada como eu estou em tristeza, pedida ou não por ti para explicar o propósito dessas palavras faladas por mim, eu te direi tudo. Rainha dos filhos de Pandu e filha de Drupada, quem mais, exceto eu mesma, desejaria viver, tendo caído em tal situação? Ó repressor de inimigos, a miséria, portanto, que me surpreendeu, realmente humilhou toda a linhagem Kuru, os Panchalas, e os filhos de Pandu. Cercada por numerosos irmãos e sogro e filhos, que outra mulher tendo tal motivo para alegria, salvo eu mesma, seria afligida por tal angústia? Certamente, eu devo, na minha infância, ter cometido alguma ação altamente ofensiva para Dhatri por cujo desprazer, ó touro da raça Bharata, eu tenho sido visitada por tais consequências. Nota, ó filho de Pandu, a palidez que veio sobre a minha cor a qual nem uma vida nas florestas, repleta como ela foi de extrema miséria, pode ocasionar. Tu, ó filho de Pritha, sabes qual felicidade, ó Bhima, era minha antigamente. Eu mesma, que era de assim, agora caí em servidão. Muito triste, eu não posso achar descanso. Que o arqueiro poderosamente armado e terrível, Dhananjaya o filho de Pritha, deva agora viver como um fogo que foi extinto, me faz pensar em tudo isso como atribuível ao Destino. Certamente, ó filho de Pritha, é impossível os homens compreenderem os destinos das criaturas (neste mundo). Eu, portanto, penso na nossa queda como algo que não poderia ser evitado por prevenção. Ai, ela que tem vocês todos, que parecem o próprio Indra, para cuidar dos seus confortos, ela mesma, tão casta e exaltada, agora tem que cuidar dos confortos de outros, que são muito inferiores a ela em posição. Vê, ó Pandava, a minha situação. Isso não é o que eu mereço. Vocês estão vivos, ainda assim contemplam essa inversão de ordem que o tempo trouxe. Ela que tinha a Terra inteira até a beira do mar sob o seu total controle está agora sob o controle de Sudeshna e vivendo com medo dela. Ela que tinha dependentes para caminhar na frente e atrás dela, ai, agora ela mesma caminha na frente e atrás de Sudeshna. Esta, ó Kaunteya, é outra dor minha que é intolerável. Ó, ouve. Ela que nunca tinha, exceto para Kunti, socado unguentos nem para o seu próprio uso, agora, que o bem te aconteça, tritura sândalo (para outros). Ó Kaunteya, vê estas minhas mãos que não eram assim antes'. Dizendo isso ela mostrou a ele as suas mãos marcadas por calos. E ela continuou, 'Aquela que nunca tinha temido a própria Kunti nem a ti e teus irmãos agora permanece temerosa diante de Virata como uma escrava, ansiosa sobre o que aquele rei de reis possa dizer a ela com relação à preparação apropriada dos unguentos, pois Matsya não gosta de sândalo socado por outros'.

Vaisampayana continuou: 'Relatando suas dores dessa maneira, ó Bharata, para Bhimasena, Krishnâ começou a chorar silenciosamente, lançando seus olhos em Bhima. E então, com palavras sufocadas em lágrimas, e suspirando repetidamente, ela se dirigiu a Bhima nestas palavras, tocando poderosamente o seu coração, 'Notável, ó Bhima, deve ter sido a minha ofensa de antigamente aos deuses, pois, infeliz como estou, eu ainda estou viva, quando, ó Pandava, eu devo morrer'.

"Vaisampayana continuou, 'Então aquele matador de heróis hostis, Vrikodara, cobrindo seu rosto com aquelas mãos delicadas de sua esposa marcada com calos, começou a chorar. E aquele filho poderoso de Kunti, segurando as mãos de Draupadi nas dele, derramou lágrimas copiosas. E afligido com grande dor, ele falou estas palavras'".

21

"Bhima disse, 'Que vergonha para a força dos meus braços e que vergonha para o Gandiva de Falguni, visto que as tuas mãos, antes vermelhas, agora ficaram cobertas com calos. Eu teria causado uma carnificina na corte de Virata exceto pelo fato que o filho de Kunti me olhou (para proibir isso), ou como um elefante poderoso. Eu teria, sem dificuldade, esmagado a cabeça de Kichaka embriagado com o orgulho da soberania. Quando, ó Krishnâ, eu te vi chutada por Kichaka, eu concebi naquele instante uma matança indiscriminada dos Matsyas. Yudhishthira, no entanto, me proibiu por meio de um olhar de relance, e, ó bela dama, compreendendo a sua intenção eu me mantive quieto. Que nós estejamos privados do nosso reino, que eu ainda não tenha matado os Kurus, que eu ainda não tenha obtido as cabeças de Suyodhana e Karna, e do filho de Suvala Sakuni, e do perverso Duhsasana; esses atos e omissões, ó dama, estão consumindo todos os meus membros. O pensamento sobre esses permanece em meu coração como um dardo plantado nele. Ó tu de quadris graciosos, não sacrifiques a virtude, e, ó dama de coração nobre, subjugues a tua ira. Se o rei Yudhishthira ouvir de ti tais reprimendas ele certamente porá um fim à vida dele. Se também Dhananjaya e os gêmeos te ouvirem falar assim, até eles renunciarão à vida. E se esses, ó moça de cintura fina, desistirem da vida, eu também não serei capaz de aguentar a minha própria. Antigamente a filha de Sarjati, a bela Sukanya, seguiu para a floresta Chyavana da linhagem de Bhrigu, cuja mente estava sob controle completo, e sobre quem, enquanto ele estava engajado em meditação ascética, as formigas tinham construído uma colina. Tu podes ter ouvido que Indrasena também que em beleza era como a própria Narayani seguiu seu marido idoso mil anos. Tu podes ter ouvido que a filha de Janaka, Sita, a princesa de Videha, seguiu seu marido enquanto ele estava vivendo em florestas densas. E aquela dama de quadris graciosos, a querida esposa de Rama, afligida por calamidades e perseguida pelos Rakshasas, finalmente recuperou a companhia de Rama. Lopamudra também, ó tímida, dotada de juventude e beleza, seguiu Agastya, renunciando a todos os objetos de prazer inalcançáveis pelos homens. E a inteligente e impecável Savitri também seguiu o heroico Satyavan, o filho de Dyumatsena, sozinha para o mundo de Yama. Assim como essas damas castas e belas que eu mencionei, tu, ó moça abençoada, vicejas com todas as virtudes. Passa mais um tempo curto que é medido por exatamente meio mês. E quando o décimo terceiro ano estiver completo, tu (novamente) te tornarás a Rainha reinante de um rei'. Ouvindo essas palavras, Draupadi disse, 'Incapaz, ó Bhima, de suportar as minhas aflições, é só por angústia que eu derramei essas lágrimas. Eu não critico Yudhishthira. Nem há alguma utilidade em se estender sobre o passado. Ó Bhima de força imensa, te adianta rapidamente para o trabalho do

momento. Ó Bhima, Kaikeyi, ciumenta da minha beleza, sempre me atormenta por meio de seus esforços para impedir o rei de se agradar de mim. E compreendendo essa disposição dela, Kichaka de alma pecaminosa de hábitos imorais constantemente me solicita. Zangada com ele por isso, mas então suprimindo a minha cólera eu respondo para aquele canalha privado da razão por luxúria, dizendo, 'Ó Kichaka, protege a ti mesmo. Eu sou a rainha querida e esposa de cinco Gandharvas. Aqueles heróis em cólera matarão a ti que és tão imprudente'. Assim abordado, Kichaka de alma perversa me respondeu dizendo, 'Eu não tenho o menor medo dos Gandharvas, ó Sairindhri de doces sorrisos. Eu matarei cem mil Gandharvas, enfrentando-os em batalha. Portanto, ó tímida, consente'. Ouvindo tudo isso, eu me dirigi novamente ao Suta afligido pela luxúria, dizendo, 'Tu não estás à altura daqueles Gandharvas ilustres. De linhagem respeitável e boa disposição, eu sempre adiro à virtude e nunca desejo a morte de ninguém. É por isso que eu te aviso, ó Kichaka!' Nisso, aquele indivíduo de alma perversa gargalhou alto. E aconteceu que Kaikeyi, anteriormente incitada por Kichaka, e movida por afeição por seu irmão, e desejosa de fazer um favor a ele, me despachou para ele, dizendo 'Ó Sairindhri, vai buscar vinho dos alojamentos de Kichaka!' Ao ver-me o filho de Suta a princípio se dirigiu a mim em palavras doces, e quando isso falhou ele ficou muito enfurecido, e tentou usar a violência. Compreendendo o propósito do perverso Kichaka eu corri rapidamente em direção ao lugar onde o rei estava. Derrubando-me no chão o desgraçado então me chutou na presença do próprio rei e diante dos olhos de Kanka e muitos outros, incluindo os quadrigários, e favoritos reais, e condutores de elefantes, e cidadãos. Eu repreendi o rei e Kanka repetidas vezes. O rei, no entanto, nem impediu Kichaka, nem infligiu nenhuma punição a ele. O principal aliado do rei Virata em guerra, o cruel Kichaka privado de virtude é amado por ambos o rei e a rainha. O exaltado, corajoso, orgulhoso, pecaminoso, adúltero e absorto em todos os objetos de prazer, ele ganha riqueza imensa (do rei), e rouba as posses de outros mesmo que eles chorem em aflição. E ele nunca anda no caminho da virtude, nem faz nenhuma ação virtuosa. De alma perversa e disposição violenta, soberbo e desprezível, e sempre afligido pelas flechas de Kama, embora repelido repetidamente, se ele me vir outra vez ele me ultrajará. Eu então sem dúvida eu renunciarei à minha vida. Embora se esforçando para adquirir virtude, (a partir da minha morte) as suas ações altamente meritórias se reduzirão a zero. Vocês que estão agora obedecendo à sua promessa, vocês perderão sua esposa. Por proteger a própria esposa os filhos de um homem são protegidos, e por proteger seus filhos, sua própria pessoa é protegida. E é porque um homem gera a si mesmo na própria esposa que a esposa é chamada de Jaya (aquela de quem alguém é nascido) pelos sábios. O marido também deve ser protegido pela esposa, pensando, ‘De que outra maneira ele tomará seu nascimento no meu útero?’ Eu tenho ouvido de brâmanes explicando os deveres das várias classes que um Kshatriya não tem outro dever além de subjugar inimigos. Ai, Kichaka me chutou na própria presença de Yudhishthira o justo, e também de ti mesmo, ó Bhimasena de força imensa. Foste tu, ó Bhima, que me salvaste do terrível Jatasura. Foste tu também que com teus irmãos derrotaste Jayadratha. Agora mata esse desgraçado também que me insultou. Prevalecendo-se de ele ser um favorito do rei, Kichaka, ó Bharata, aumentou a minha dor. Portanto, quebra

aquele indivíduo lascivo assim como um recipiente de terra arremessado sobre uma pedra. Se, ó Bharata, o sol da manhã derramar seus raios sobre ele que é a fonte de muitas aflições minhas, eu, sem dúvida, misturando veneno (com alguma bebida), o beberei, pois eu nunca me entregarei a Kichaka. Muito melhor seria, ó Bhima, que eu morresse diante de ti'.

"Vaisampayana continuou: 'Tendo dito isso, Krishnâ, escondendo o rosto no peito de Bhima, começou a chorar. E Bhima, abraçando-a, consolou-a da melhor maneira que podia. E tendo consolado abundantemente aquela filha de Drupada de cintura fina por meio de palavras repletas de grave razão e sentido, ele secou com as mãos o rosto dela inundado de lágrimas. E pensando em Kichaka e lambendo com a língua os cantos de sua boca, Bhima, cheio de cólera falou desta forma àquela dama angustiada'".

22

"Bhima disse, 'Ó tímida, eu farei como tu disseste. Eu logo matarei Kichaka com todos os seus amigos. Ó Yajnaseni de doces sorrisos, amanhã à noite, renunciando à tristeza e à dor, manobra para ter um encontro com Kichaka. O salão de dança que o rei dos Matsyas fez ser construído é usado pelas moças para dançar durante o dia. Elas se dirigem, no entanto, para as suas casas à noite. Lá naquela sala há uma excelente e bem colocada armação de cama de madeira. Lá mesmo eu o farei ver os espíritos dos seus antepassados falecidos. Mas, ó bela, quando tu mantiveres conversa com ele, tu deves arranjar isso de modo que outros não possam te espiar'.

"Vaisampayana continuou: 'Tendo assim conversado entre si, e derramado lágrimas em aflição, eles esperaram pela alvorada daquela noite com dolorosa impaciência. E quando a noite tinha passado, Kichaka, levantando-se de manhã, foi ao palácio, e abordou Draupadi dizendo, 'Jogando-te no chão na corte eu te chutei na presença do rei. Atacada por uma pessoa poderosa tu não pudeste obter proteção. Esse Virata é rei dos Matsyas só em nome. Comandando as forças armadas desse reino, sou eu que sou o senhor real dos Matsyas. Ó tímida, aceita-me alegremente. Eu me tornarei teu escravo. E, ó tu de quadris graciosos, eu te darei imediatamente cem nishkas, e encarregarei cem empregados homens e cem empregadas mulheres (para cuidarem de ti), e também te concederei carros unidos a mulas. Ó dama tímida, que a nossa união se realize'. Draupadi respondeu, 'Ó Kichaka, saibas que exatamente esta é a minha condição: nem teus amigos nem teus irmãos devem saber da tua união comigo. Eu tenho um pavor de descoberta por aqueles Gandharvas ilustres. Promete-me isso, e eu me entregarei a ti'. Ouvindo isso Kichaka disse, 'Ó tu de quadris graciosos, eu farei assim como tu disseste. Afligido pelo deus do amor, ó bela donzela, eu me dirigirei sozinho para a tua residência para me unir contigo, ó tu de coxas redondas e afiladas como os troncos da bananeira, para que aqueles Gandharvas, refulgentes como o sol, não possam vir a saber desse teu ato'. Draupadi disse, 'Quando estiver escuro, vai ao salão de dança erigido pelo rei dos Matsyas onde as moças

dançam durante o dia, se dirigindo para suas respectivas casas à noite. Os Gandharvas não conhecem aquele lugar. Nós então sem dúvida escaparemos de toda censura'.

"Vaisampayana continuou: 'Refletindo sobre o assunto da sua conversa com Kichaka, aquela metade de um dia pareceu para Krishnâ tão longa quanto um mês inteiro. E o estúpido Kichaka também, não sabendo que era a Morte que tinha assumido a forma de uma Sairindhri, voltando para casa sentiu o maior deleite. E privado da razão por luxúria, Kichaka se dedicou rapidamente a embelezar seu corpo com unguentos e guirlandas e ornamentos. E enquanto ele estava fazendo tudo isso, pensando naquela donzela de olhos grandes, o dia para ele parecia não ter fim. E a beleza de Kichaka, que estava prestes a abandonar sua beleza para sempre, pareceu se intensificar, como o pavio de uma lâmpada queimando prestes a expirar. E, depositando total confiança em Draupadi, Kichaka, privado de juízo pela luxúria e absorto na contemplação do encontro esperado, nem percebeu que o dia tinha acabado. Enquanto isso, a bela Draupadi, se aproximando de seu marido Bhima da linhagem Kuru, ficou diante dele na cozinha. E aquela dama com cabelos terminando em belos cachos então falou para ele, dizendo, 'Ó castigador de inimigos, assim como tu instruíste, eu dei a entender para Kichaka que a nossa reunião se realizará no salão de dança. Ele irá sozinho à noite à sala vazia. Mata-o lá, ó tu de braços poderosos. Ó filho de Kunti, dirige-te àquele salão de dança, e tira a vida, ó Pandava, de Kichaka, aquele filho de um Suta intoxicado com vaidade. Só por vaidade, aquele filho de Suta desdenha os Gandharvas. Ó melhor dos batedores, levanta-o acima do solo assim como Krishna levantou o Naga (Kaliya) do Yamuna. Ó Pandava, afligida como eu estou pela angústia, enxuga as minhas lágrimas, e abençoado sejas tu, protege a tua própria honra e a da tua família'.

"Bhima disse, 'Bem-vinda, ó bela dama. Exceto as notícias agradáveis que tu me trazes, eu não preciso, ó tu de beleza excelente, de nenhuma outra ajuda. O prazer que eu sinto, ó tu de grande beleza, ao ouvir de ti sobre o meu encontro vindouro com Kichaka é igual ao que eu senti ao matar Hidimva. Eu te juro pela Verdade, por meus irmãos, e pela moralidade que eu matarei Kichaka assim como o senhor dos celestiais matou Vritra. Secretamente ou abertamente, eu esmagarei Kichaka, e se os Matsyas lutarem por ele, então eu os matarei também. E, matando Duryodhana depois, eu ganharei de volta a terra. Que Yudhishthira, o filho de Kunti, continue a prestar homenagem ao rei de Matsya'. Ouvindo essas palavras de Bhima, Draupadi disse, 'Para que, ó marido, tu não tenhas que renunciar à verdade já prometida a mim, ó herói, mata Kichaka em segredo'. Bhima, assegurando-a disse, 'Hoje mesmo eu matarei Kichaka junto com seus amigos desconhecido para outros durante a escuridão da noite. Eu esmagarei, ó dama impecável, assim como um elefante esmaga uma fruta *vela*, a cabeça do pecaminoso Kichaka que deseja o que é inatingível para ele!'

"Vaisampayana continuou: 'Chegando primeiro ao lugar do encontro à noite, Bhima sentou-se, se disfarçando. E ele esperou lá na expectativa de Kichaka, como um leão aguardando em emboscada um veado. E Kichaka, tendo embelezado seu corpo como queria, chegou ao salão de dança na hora designada

na esperança de encontrar Panchali. E pensando no encontro amoroso, ele entrou no aposento. E tendo entrado naquela sala envolvida em escuridão profunda, aquele patife de alma perversa encontrou Bhima de bravura incomparável, que tinha chegado um pouco antes e que estava esperando em um canto. E como um inseto se aproximando de um fogo flamejante, ou um débil animal em direção a um leão, Kichaka se aproximou de Bhima, deitado em uma cama e queimando de raiva ao pensar no insulto oferecido à Krishnâ, como se ele fosse a Morte do Suta. E tendo se aproximado de Bhima, Kichaka, tomado pela luxúria, e com seu coração e alma cheios de êxtase disse sorridente, 'Ó tu de sobrancelhas desenhadas, para ti eu já dei muitas e várias espécies de riqueza dos estoques ganhos por mim, assim como cem empregadas e muitos mantos finos, e também uma mansão com um aposento interno adornado com criadas belas e graciosas e jovens e embelezado por todos os tipos de passatempos e diversões. E tendo reservado tudo isso para ti, eu vim para cá rapidamente. E de repente as mulheres começaram a me elogiar, dizendo, 'Não há neste mundo nenhum outro homem semelhante a ti em beleza e traje!' Ouvindo isso, Bhima disse, 'É certo que tu és bonito, e é certo que tu louvas a ti mesmo. Eu penso, no entanto, que tu nunca tiveste antes disso tal toque agradável! Tu tens um toque intenso, e tu conheces os caminhos do galanteio. Hábil na arte do namoro, tu és um favorito das mulheres. Não há ninguém como tu neste mundo!'

"Vaisampayana continuou: 'Dizendo isso, aquele filho de Kunti, Bhima de braços fortes e bravura terrível, levantou-se de repente, e disse risonho, 'Tua irmã, ó patife, hoje te verá arrastado por mim no chão, como um elefante poderoso, enorme como uma montanha, puxado à força ao chão por um leão. Tu estando morto Sairindhri viverá em paz, e nós, seus maridos, também viveremos em paz'. Dizendo isso o poderoso Bhima agarrou Kichaka pelos cabelos, os quais estavam enfeitados com guirlandas. E assim agarrado com força pelos cabelos, aquele principal dos homens poderosos, Kichaka, rapidamente livrou seu cabelo e agarrou os braços de Bhima. E então entre aqueles leões entre homens, excitados com fúria, entre aquele chefe do clã Kichaka e aquele melhor dos homens seguiu-se um combate corpo a corpo, semelhante àquele entre dois elefantes fortes por uma elefanta na primavera, ou como aquele que ocorreu nos tempos passados entre aqueles leões entre os macacos, os irmãos Vali e Sugriva. E ambos igualmente enfurecidos e ávidos pela vitória, aqueles combatentes ergueram seus braços parecidos com cobras providas de cinco capelos, e atacaram um ao outro com suas unhas e dentes, excitados até o frenesi da cólera. Impetuosamente atacado pelo poderoso Kichaka naquele confronto, o resoluto Bhima não vacilou um único passo. E trancados dentro dos braços um do outro e arrastando um ao outro, eles lutaram como dois touros fortes. E tendo as unhas e dentes como suas armas, o combate entre eles foi violento e terrível como o de dois tigres furiosos. E derrubando um ao outro em fúria, eles se enfrentaram como um par de elefantes com têmporas fendidas. E o poderoso Bhima então agarrou Kichaka, e Kichaka, aquela principal das pessoas fortes, jogou Bhima ao chão com violência. E enquanto aqueles combatentes poderosos continuavam a lutar, o impacto dos seus braços produzia um barulho alto parecido com o ruído de bambus se partindo. Então Vrikodara jogando Kichaka ao chão à viva força dentro do quarto,

começou a lançá-lo em volta com fúria assim como um furacão joga uma árvore. E atacado assim em batalha pelo poderoso Bhima Kichaka ficou fraco e começou a tremer. Apesar de tudo isso, no entanto, ele lutou com o Pandava com todas as suas forças. E atacando Bhima, e fazendo-o oscilar um pouco, o poderoso Kichaka o golpeou com seus joelhos e derrubou-o no chão. E derrubado por Kichaka, Bhima ergueu-se rapidamente como o próprio Yama com maça na mão. E assim aquele Suta poderoso e o Pandava, embriagados com força e desafiando um ao outro, lutaram entre si à meia-noite naquele lugar solitário. E quando eles rugiam um para o outro em cólera, aquele edifício excelente e forte começava a tremer a todo momento. E golpeado no peito pelo poderoso Bhima, Kichaka excitado com cólera não se moveu um único passo. E suportando somente por um instante aquela investida incapaz de ser suportada sobre a terra, o Suta, subjugado pelo poder de Bhima, ficou enfraquecido. E vendo-o ficando fraco, Bhima dotado de grande força puxou Kichaka à força em direção ao seu peito, e começou a apertar duramente. E respirando fortemente repetidas vezes em cólera, aquele melhor dos vencedores, Vrikodara, agarrou Kichaka à força pelo cabelo. E tendo agarrado Kichaka, o poderoso Bhima começou a rugir como um tigre faminto que mata um animal grande. E percebendo-o extremamente esgotado, Vrikodara segurou-o firmemente com os braços, como alguém ata um animal com uma corda. E então Bhima começou por um longo tempo a girar o insensível Kichaka, que começou a rugir terrivelmente como uma trombeta quebrada. E para apaziguar a ira de Krishna Vrikodara agarrou a garganta de Kichaka com os braços e começou a apertá-la. E atacando com seus joelhos a cintura daquele pior dos Kichakas, todos os membros de cujo corpo tinham sido quebrados em fragmentos e cujas pálpebras estavam fechadas, Vrikodara o matou como alguém mataria um animal. E vendo Kichaka totalmente imóvel, o filho de Pandu começou ao rolá-lo em volta sobre o chão. E Bhima então disse, 'Matando este desgraçado que pretendia violar nossa esposa, este espinho na carne de Sairindhri, eu estou livre da dívida que eu tinha com meus irmãos, e obtive paz perfeita'. E tendo dito isso, aquele principal dos homens, com olhos vermelhos de raiva, abandonou seu aperto em Kichaka, cujas vestes e ornamentos tinham sido lançados longe do seu corpo, cujos olhos estavam rolando, e cujo corpo ainda estava tremendo. E aquela principal das pessoas poderosas, apertando as próprias mãos, e mordendo os lábios de raiva, outra vez atacou seu adversário e enfiou seus braços e pernas e pescoço e cabeça em seu corpo como o manejador do Pinaka reduzindo a uma massa informe o veado, cuja forma o sacrifício tinha assumido para fugir da sua ira. E tendo esmagado todos os seus membros, e o reduzido a uma bola de carne, o poderoso Bhimasena mostrou-o para Krishnâ. E dotado de energia imensa aquele herói então se dirigiu a Draupadi, aquela principal de todas as mulheres, dizendo, 'Vem, princesa de Panchala, e vê o que se tornou aquele canalha lascivo!' E dizendo isso, Bhima de bravura terrível começou a empurrar com os pés o corpo daquele indivíduo perverso. E acendendo uma tocha então e mostrando para Draupadi o corpo de Kichaka, aquele herói dirigiu-se a ela, dizendo, 'Ó tu de cabelos que terminam em belos cachos, aqueles que solicitam a ti, dotada como tu és de uma disposição excelente e todas os virtudes, será morto por mim assim como este Kichaka foi, ó tímida'. E tendo realizado aquela tarefa difícil assim muito agradável para Krishnâ,

tendo, de fato, matado Kichaka e dessa maneira apaziguado sua cólera, Bhima se despediu de Krishnâ, a filha de Drupada, e voltou rapidamente para a cozinha. E Draupadi também, aquela melhor das mulheres, tendo feito Kichaka ser morto teve sua aflição eliminada e sentiu a maior alegria. E se dirigindo aos guardas do salão de dança, ela disse, 'Venham vocês e vejam Kichaka, que tinha violado as esposas de outros homens e jaz aqui, morto por meus maridos Gandharva'. E ouvindo essas palavras os guardas do salão de dança logo chegaram aos milhares àquele local, com tochas nas mãos. E se dirigindo àquele aposento eles viram Kichaka sem vida jogado no chão, encharcado com sangue. E vendo-o sem braços e pernas, eles ficaram cheios de pesar. E quando olharam para Kichaka eles foram tomados pelo assombro. E vendo aquela ação sobre-humana, a derrota de Kichaka, eles disseram, 'Onde está seu pescoço, e onde estão suas pernas?' E vendo-o nessa situação todos eles concluíram que ele tinha sido morto por um Gandharva'.

23

"Vaisampayana disse, 'Então todos os parentes de Kichaka, chegando àquele local, o viram lá e começaram a lamentar alto, cercando-o por todos os lados. E vendo Kichaka com todos os membros mutilados, e jazendo como uma tartaruga arrastada da água para a terra seca, todos eles ficaram dominados por grande pavor, e os pelos dos seus corpos se arrepiaram. E vendo-o completamente esmagado por Bhima, como um Danava por Indra, eles foram levá-lo para fora, para realizar seus funerais. E então aquelas pessoas do clã Suta assim reunidas avistaram Krishnâ de membros impecáveis perto, que permanecia apoiada em um pilar. E todos os Kichakas reunidos lá exclamaram, 'Que seja morta esta mulher incasta por cuja causa o próprio Kichaka perdeu a vida. Ou, sem a matarmos aqui, vamos cremá-la com ele que a tinha cobiçado, pois cabe a nós realizarmos de todas as maneiras o que é agradável para esse falecido filho de Suta'. E então eles se dirigiram a Virata, dizendo, 'Foi por causa dela que Kichaka perdeu a vida. Que ele, portanto, seja cremado junto com ela. Cabe a ti conceder essa permissão'. Assim abordado por eles, o rei Virata, ó monarca, conhecendo muito bem a bravura do Suta, deu seu consentimento para Sairindhri ser queimada junto com o filho de Suta. E nisto, os Kichakas, se aproximando da assustada e perplexa Krishnâ de olhos como lótus agarraram-na com violência. E amarrando aquela donzela de cintura esbelta e colocando-a sobre o féretro, eles partiram com grande energia em direção ao cemitério. E, ó rei, enquanto era assim carregada à força em direção ao cemitério por aqueles filhos da tribo Suta, a inocente e casta Krishnâ vivendo sob a proteção de seus maridos então lamentou alto pela ajuda de seus maridos, dizendo, 'Oh, que Jaya, e Jayanta, e Vijaya e Jayatsena, e Jayadvala escutem as minhas palavras. Os Sutas estão me levando embora. Que aqueles Gandharvas ilustres dotados de velocidade de mão, o ruído de cujos carros é alto e as vibrações de cujas cordas de arco no meio do combate poderoso são ouvidas como o ribombar do trovão, escutem as minhas palavras, os Sutas estão me levando embora!'

Vaisampayana continuou: ‘Ouvindo essas palavras e lamentos tristes de Krishnâ, Bhima sem um momento de reflexão levantou-se bruscamente de sua cama e disse, ‘Eu ouvi, ó Sairindhri, as palavras que tu disseste. Tu, portanto, ó dama tímida, não tens mais o que temer nas mãos dos Sutas’.

"Vaisampayana continuou: 'Tendo dito isso, Bhima de braços poderosos desejoso de matar os Kichakas começou a expandir seu corpo. E trocando o seu traje cuidadosamente ele saiu do palácio por uma saída incorreta. E passando por cima de um muro pela ajuda de uma árvore ele procedeu em direção ao cemitério para onde os Kichakas tinham ido. E tendo saltado por cima do muro, e saído da cidade excelente, Bhima impetuosamente se apressou para onde os Sutas estavam. E, ó monarca, indo em direção à pira mortuária ele viu uma árvore grande, alta como uma palmeira, com projeções gigantescas e topo murcho. E aquele matador de inimigos, agarrando com os braços aquela árvore que media dez Vyamas, arrancou-a assim como um elefante, e colocou-a sobre seus ombros. E erguendo aquela árvore com tronco e ramos e medindo dez Vyamas, aquele herói poderoso avançou em direção aos Sutas, como o próprio Yama, com maça na mão. E pelo ímpeto do seu avanço bananeiras e figueiras-dos-pagodes e Kinsukas caindo sobre a terra jaziam em grupos. E vendo aquele Gandharva se aproximar deles como um leão em fúria todos os Sutas tremendo de medo e imensamente afligidos foram tomados pelo pânico. E eles se dirigiram uns aos outros, dizendo, 'Vejam, o Gandharva poderoso vem para cá, cheio de raiva, e com uma árvore erguida na mão. Que Sairindhri, portanto, de quem este nosso perigo surgiu, seja libertada'. E vendo a árvore que tinha sido arrancada por Bhimasena eles libertaram Draupadi e correram de modo esbaforido em direção à cidade. E vendo-os fugirem, Bhima, aquele poderoso filho do deus do vento, despachou, ó principal dos reis, por meio daquela árvore, cento e cinco deles para a residência de Yama, como o manejador do raio matando os Danavas. E libertando Draupadi dos seus grilhões, ele então, ó rei, a confortou. E aquele de braços fortes e irreprimível Vrikodara, o filho de Pandu, então dirigiu-se à aflita princesa de Panchala com rosto banhado em lágrimas, dizendo, 'Dessa maneira, ó tímida, estão mortos aqueles que te fizeram mal sem motivo. Volta, ó Krishnâ, para a cidade. Tu não tens mais nenhum temor; eu mesmo irei para a cozinha de Virata por outra rota'.

"Vaisampayana continuou, 'Foi assim, ó Bharata, que cento e cinco daqueles Kichakas foram mortos. E os seus cadáveres jaziam sobre o solo, fazendo o lugar parecer com uma grande floresta coberta com árvores arrancadas depois de um furacão. Assim morreram aqueles cento e cinco Kichakas. E incluindo o general de Virata morto antes, os Sutas massacrados totalizavam cento e seis. E contemplando aquela façanha extremamente admirável, homens e mulheres que se reuniram ficaram cheios de espanto. E o poder da fala, ó Bharata, estava suspenso em todos'.

24

"Vaisampayana disse, 'E vendo os Sutas mortos, os cidadãos foram até o rei e relataram para ele o que tinha acontecido, dizendo, 'Ó rei, aqueles filhos poderosos dos Sutas foram todos mortos pelos Gandharvas. De fato, eles jazem espalhados sobre o solo como topos enormes de montanhas rachados pelo raio. Sairindhri também, tendo sido libertada, retorna para o teu palácio na cidade. Ai, ó rei, se Sairindhri vier, o teu reino inteiro será posto em perigo. Sairindhri é dotada de grande beleza, os Gandharvas também são extremamente poderosos. Os homens, além disso, sem dúvida, são naturalmente sexuais. Planeja, portanto, ó rei, sem demora, tais medidas que por causa dos males feitos para Sairindhri o teu reino não possa encontrar a destruição'. Ouvindo essas palavras deles, Virata, aquele senhor de hostes, disse a eles, 'Realizem os últimos ritos dos Sutas. Que todos os Kichakas sejam queimados em uma pira flamejante com pedras preciosas e unguentos fragrantes em profusão'. E cheio de temor, o rei então se dirigiu à sua rainha Sudeshna, dizendo, 'Quando Sairindhri voltar, dize a ela estas palavras de minha parte, 'Abençoada sejas tu, ó Sairindhri de rosto formoso. Vai para onde quer que tu queiras. O rei está alarmado, ó tu de quadris graciosos, pela derrota já sofrida nas mãos dos Gandharvas. Protegida como tu és pelos Gandharvas, eu não ouso dizer isso pessoalmente para ti. Uma mulher, no entanto, não pode ofender, e é por isso que eu te digo tudo isso através de uma mulher'.

"Vaisampayana continuou, 'Assim libertada por Bhimasena depois da matança dos Sutas, a inteligente e jovem Krishnâ, aliviada de todos os seus temores, lavou seus membros e roupas em água e procedeu em direção à cidade, como uma corça assustada por um tigre. E vendo-a, os cidadãos, ó rei, afligidos pelo medo dos Gandharvas fugiram em todas as direções. E alguns deles foram tão longe a ponto de fecharem os olhos. E então, ó rei, no portão da cozinha, a princesa de Panchala viu Bhimasena de pé, como um elefante enfurecido de proporções gigantescas. E olhando para ele com olhos arregalados de admiração, Draupadi, por meio de palavras inteligíveis somente para eles, disse, 'Eu reverencio aquele príncipe dos Gandharvas, que me salvou'. A essas palavras dela, Bhima disse, 'Ouvindo essas palavras dela em obediência a quem aquelas pessoas estiveram até agora vivendo na cidade, elas de agora em diante vagarão aqui, se considerando como livres da dívida[5]'.

"Vaisampayana continuou, 'Então ela contemplou o poderosamente armado Dhananjaya no salão de dança instruindo as filhas do rei Virata em dança. E saindo com Arjuna do salão de dança, todas aquelas donzelas foram até Krishnâ que tinha chegado lá, e que tinha sido perseguida tão violentamente, embora ela fosse completamente inocente. E elas disseram, 'Por boa sorte também é, ó Sairindhri, que tu foste libertada dos teus perigos. Por boa sorte é que tu retornaste ilesa. E por boa sorte também é que foram mortos aqueles Sutas que

[5] Ou seja: 'Os Gandharvas, teus maridos, são sempre obedientes a ti! Se eles foram capazes de te fazer um serviço eles somente pagaram uma dívida'.

foram injustos contigo, embora tu sejas inocente'. Ouvindo isso Virhannala disse, 'Como, ó Sairindhri, tu foste libertada? E como aqueles canalhas pecaminosos foram mortos? Eu desejo saber tudo isso de ti exatamente como ocorreu'. Sairindhri respondeu, 'Ó abençoado Vrihannala, sempre passando os teus dias alegremente nos aposentos das moças, que preocupação tu tens com o destino de Sairindhri para exprimir? Tu não tens que suportar a aflição que Sairindhri tem que suportar! É por isso que tu me questionas dessa maneira, angustiada como eu estou no ridículo'. Nisso Vrihannala disse, 'Ó abençoada, Vrihannala também tem suas próprias tristezas sem paralelo. Ela se tornou tão inferior quanto um animal irracional. Tu, ó moça, não compreendes isso. Eu tenho vivido contigo, e tu, também, tens vivido conosco. Quando, portanto, tu estás afligida pela tristeza, quem é, ó tu de quadris belos, que não sentiria isso? Mas ninguém pode ler completamente o coração do outro. É por isso, ó amável, que tu não conheces o meu coração!'

"Vaisampayana continuou, 'Então Draupadi, acompanhada por aquelas moças, entrou na residência real, desejosa de aparecer perante Sudeshna. E quando ela chegou diante da rainha, a esposa de Virata se dirigiu a ela por ordem do rei, dizendo, 'Ó Sairindhri, vai rapidamente para onde quer que tu queiras. O rei, que o bem te aconteça, ficou cheio de temor por causa dessa derrota nas mãos dos Gandharvas. Tu és, ó tu de sobrancelhas graciosas, jovem e incomparável sobre a terra em beleza. Tu és, além disso, um objeto de desejo para os homens. Os Gandharvas, além disso, são extremamente coléricos'. Nisso Sairindhri disse, 'Ó bela senhora, que o rei me permita viver aqui somente por mais treze dias. Sem dúvida os Gandharvas também ficarão muito gratos por isso. Eles então me levarão daqui e farão o que será agradável para Virata. Sem dúvida, o rei, por fazer isso, com seus amigos, colherá grande benefício'.

25

Go-grahaṇa Parva

"Vaisampayana disse, 'Pelo massacre de Kichaka e seus irmãos, o povo, ó rei, pensando naquela façanha terrível, estava cheio de surpresa. E na cidade e nas províncias era geralmente ouvido o boato que por bravura o Vallava do rei e Kichaka eram ambos guerreiros poderosos. O perverso Kichaka, no entanto, tinha sido um opressor de homens e um desonrador de esposas de outros homens. E foi por isso que aquele perverso de alma pecaminosa tinha sido morto pelos Gandharvas. E foi assim, ó rei, que as pessoas começaram a falar, de província em província a respeito do invencível Kichaka, aquele matador de tropas hostis.

'Enquanto isso os espiões empregados pelo filho de Dhritarashtra, tendo investigado várias aldeias e cidades e reinos e feito tudo o que eles tinham sido mandados fazer e completado a sua investigação, da maneira ordenada, dos países indicados em suas ordens, voltaram para Nagarupa, satisfeitos com pelo menos uma coisa que eles souberam. E vendo o filho de Dhritarashtra, o rei Duryodhana da linhagem de Kuru, sentado em sua corte com Drona e Karna e

Kripa, com Bhishma de grande alma, seus próprios irmãos, e aqueles grandes guerreiros, os Trigartas, eles se dirigiram a ele, dizendo, 'Ó senhor de homens, grande foi o cuidado sempre aplicado por nós na busca pelos filhos de Pandu naquela floresta imensa. Nós procuramos por selvas solitárias ricas em veados e outros animais e cobertas com árvores e trepadeiras de diversas espécies. Nós também procuramos em caramanchões de florestas e plantas e trepadeiras emaranhadas de todas as espécies, mas fracassamos em descobrir aquela rota pela qual o filho de Pritha de energia irreprimível possa ter seguido. Nós procuramos nesses e outros lugares por suas pegadas. Nós procuramos rigorosamente, ó rei, em topos de montanha e em fortalezas inacessíveis, em vários reinos e províncias cheios de pessoas, em acampamentos e cidades. Ainda assim nenhum traço foi encontrado dos filhos de Pandu. Que o bem te aconteça, ó touro entre homens, parece que eles pereceram sem deixar uma marca para atrás. Ó principal dos guerreiros, embora nós tenhamos seguido no rastro daqueles guerreiros, ainda assim, ó melhor dos homens, nós logo perdemos as suas pegadas e não conhecemos a sua residência atual. Ó senhor de homens, por algum tempo nós seguimos na esteira dos seus quadrigários. E fazendo as nossas perguntas devidamente, nós realmente averiguamos o que desejávamos saber. Ó matador de inimigos, os quadrigários alcançaram Dwaravati sem os filhos de Pritha entre eles. Ó rei, nem os filhos de Pandu nem a casta Krishnâ estão naquela cidade dos Yadavas. Ó touro da raça Bharata, nós não pudemos descobrir nem seu caminho nem sua residência atual. Saudações a ti, eles se foram definitivamente. Nós estamos familiarizados com a disposição dos filhos de Pandu e sabemos alguma coisa das façanhas realizadas por eles. Cabe a ti, portanto, ó senhor de homens, nos dar instruções, ó monarca, quanto ao que devemos fazer em seguida na busca pelos filhos de Pandu. Ó herói, ouve também estas nossas palavras agradáveis, promissoras de grande benefício para ti. O comandante do rei de Matsya, Kichaka de alma perversa, por quem os Trigartas, ó monarca, foram repetidamente derrotados e mortos com força poderosa, agora jaz sobre a terra com todos os seus irmãos, morto, ó monarca, por Gandharvas invisíveis durante as horas da escuridão, ó tu de glória imperecível. Tendo ouvido essa notícia agradável acerca da derrota dos nossos inimigos, nós ficamos muito satisfeitos, ó Kauravya. Agora ordena o que deve ser feito em seguida'.

26

"Vaisampayana disse, 'Após ouvir essas palavras de seus espiões, o rei Duryodhana refletiu internamente por um tempo e então se dirigiu aos seus cortesãos, dizendo, 'É difícil averiguar o rumo dos acontecimentos definitivamente. Discirnam vocês todos, portanto, para onde os filhos de Pandu foram, (pois) deste décimo terceiro ano que eles deviam passar não detectados por nós todos a maior parte já passou. A que resta à mão é muito pequena. Se, de fato, os filhos de Pandu puderem passar escondidos o que resta deste ano, dedicados ao voto de veracidade como eles são, eles então terão cumprido a sua promessa. Eles então voltarão como elefantes poderosos com suco temporal escorrendo, ou como

cobras de veneno virulento. Cheios de cólera, eles, sem dúvida, infligirão castigo terrível aos Kurus. Cabe a vocês, portanto, sem perda de tempo fazerem esforços tais que possam induzir os filhos de Pandu, familiarizados como eles são com as propriedades de tempo, e permanecendo como eles agora estão em disfarce penoso, a reentrarem nas florestas suprimindo sua raiva. De fato, adotem tais medidas que possam remover todas as causas de discussão e ansiedade do reino, tornando-o tranquilo e sem inimigos e incapaz de sofrer uma diminuição de território'. Ouvindo essas palavras de Duryodhana, Kama disse, 'Que outros espiões, mais habilidosos e mais astutos, e capazes de realizar seu objetivo, partam rapidamente daqui, ó Bharata. Que eles, bem disfarçados, vaguem por reinos que crescentes e províncias populosas, indagando em assembleias de eruditos e retiros encantadores de províncias. Nos aposentos internos de palácios, em santuários e lugares sagrados, em minas e diversas outras regiões, os filhos de Pandu devem ser procurados com avidez bem dirigida. Que os filhos de Pandu que estão vivendo em disfarce sejam procurados por espiões bem habilidosos em grandes números, dedicados ao seu trabalho, eles mesmos bem disfarçados, e todos bem familiarizados com os objetos de sua busca. Que a busca seja feita nas margens de rios, em regiões sagradas, em aldeias e cidades, em retiros de ascetas, em montanhas encantadoras e cavernas de montanha'. Quando Karna parou de falar, o segundo irmão de Duryodhana, Dussasana, ligado a uma disposição pecaminosa, então se dirigiu a seu irmão mais velho e disse, 'Ó monarca, ó senhor de homens, que somente aqueles espiões em quem nós temos confiança, recebendo suas recompensas com antecedência, empreendam a busca novamente. Isso e o que mais foi dito por Karna tem a nossa total aprovação. Que todos os espiões se engajem na busca de acordo com as indicações já dadas. Que estes e outros se engajem na busca de província em província segundo regras aprovadas. É minha opinião, no entanto, que o caminho que os Pandavas seguiram ou sua residência atual ou ocupação não serão descobertos. Talvez eles estejam escondidos perto; talvez eles tenham ido para o outro lado do oceano. Ou, talvez, orgulhosos como eles são de sua força e coragem, eles tenham sido devorados por bestas selvagens; ou talvez, tendo sido alcançados por algum perigo incomum, eles tenham perecido pela eternidade. Portanto, ó príncipe da linhagem Kuru, dissipando todas as ansiedades do teu coração, realiza o que tu queres, sempre agindo de acordo com a tua energia'.

27

"Vaisampayana disse, "Dotado de energia poderosa e possuidor de grande discernimento, Drona então disse, 'Pessoas como os filhos de Pandu nunca perecem nem sofrem derrota. Bravos e habilidosos em todas as ciências, inteligentes e com sentidos sob controle, virtuosos e gratos e obedientes ao virtuoso Yudhishthira, sempre seguindo na esteira de seu irmão mais velho que está familiarizado com as conclusões de política e virtude e lucro, que tem afeição por eles como um pai, e que adere estritamente à virtude e é firme em verdade, pessoas como eles que são assim devotados ao seu irmão ilustre e nobre, que,

dotado de grande inteligência, nunca fere ninguém e que por sua vez ele mesmo obedece aos seus irmãos mais jovens, nunca perecem dessa maneira. Por que, então, (Yudhishthira) o filho de Pritha que possui conhecimento de política não seria capaz de restaurar a prosperidade de seus irmãos que são tão obedientes e dedicados e de grande alma? É por isso que eles estão esperando cuidadosamente pela chegada da sua oportunidade. Homens como esses nunca perecem. Isso é o que eu vejo por meu intelecto. Faze, portanto, rapidamente e sem perda de tempo o que deve agora ser feito, depois de reflexão apropriada. E que também a residência que os filhos de Pandu com almas sob controle com relação a todos os propósitos da vida devem ocupar seja agora determinada. Heroicos e impecáveis e possuidores de mérito ascético, os Pandavas são difíceis de serem descobertos (dentro do período de não-descobrimento). Inteligente e possuidor de todas as virtudes, devotado à verdade e versado nos princípios de política, dotado de pureza e santidade, e a encarnação da energia incomensurável, o filho de Pritha é capaz de consumir (seus inimigos) só por um relance de seus olhos. Sabendo disso tudo, faze o que for apropriado. Que nós, portanto, procuremos novamente por eles, enviando brâmanes e Charanas, ascetas coroados com êxito, e outros desse tipos que possam ter um conhecimento daqueles heróis!'

28

"Vaisampayana disse, 'Então aquele avô dos Bharatas, Bhishma o filho de Sutanu, conhecedor dos Vedas, conhecedor das propriedades de hora e lugar, e possuidor do conhecimento de todos os deveres de moralidade, depois da conclusão do discurso de Drona, elogiou as palavras do preceptor e falou aos Bharatas para o seu benefício estas palavras compatíveis com virtude, expressivas do seu afeto pelo virtuoso Yudhishthira, raramente faladas por homens que são desonestos, e que sempre encontram a aprovação dos honestos. E as palavras que Bhishma falou eram completamente imparciais e respeitadas pelos sábios. E o avô dos Kurus disse, 'As palavras que o regenerado Drona conhecedor da verdade de todas as questões proferiu são aprovadas por mim. Eu não tenho hesitação em falar dessa maneira. Dotados de todos os sinais auspiciosos, cumpridores de votos virtuosos, possuidores de saber vêdico, dedicados a práticas religiosas, familiarizados com várias ciências, obedientes aos conselhos dos idosos, aderindo ao voto de veracidade, conhecedores das propriedades de tempo, cumpridores da promessa que eles deram (em relação ao seu exílio), puros em seu comportamento, sempre aderindo os deveres da classe Kshatrya, sempre obedientes a Kesava, de grande alma, possuidores de grande força, e sempre portando as cargas dos sábios, aqueles heroicos nunca podem enfraquecer sob o infortúnio. Ajudados por sua própria energia, os filhos de Pandu que estão agora levando uma vida de encobrimento em obediência à virtude certamente nunca perecerão. É assim mesmo que a minha mente imagina. Portanto, ó Bharata, eu sou a favor de empregar a ajuda de conselhos honestos em nosso comportamento em relação aos filhos de Pandu. Não seria a política de

um homem sábio fazê-los serem descobertos agora por meio de espiões, o que nós devemos fazer para os filhos de Pandu eu direi, refletindo com a ajuda do intelecto. Saibas que eu não direi nada por hostilidade a ti. Pessoas como eu nunca devem dar tais conselhos para aquele que é desonesto, pois somente conselhos (como os que eu darei) devem ser oferecidos àqueles que são honestos. Conselhos, no entanto, que são maus, nunca devem ser oferecidos. Aquele, ó filho, que é devotado à verdade e obediente aos idosos, aquele, de fato, que é sábio, enquanto fala no meio de uma assembleia, deve sob todas as circunstâncias falar a verdade, se a aquisição de virtude for um objetivo para ele. Eu devo, portanto, dizer o que eu penso diferentemente de todas estas pessoas aqui, a respeito da residência de Yudhishthira o justo nesse décimo terceiro ano do seu exílio. O soberano, ó filho, da cidade ou da província onde o rei Yudhishthira reside não pode ter nenhum infortúnio. Caridoso e generoso e humilde e modesto deve ser o povo do país onde o rei Yudhishthira reside. Agradável em palavras, com paixões sob controle, praticante de veracidade, alegre, saudável, puro em conduta, e habilidoso em trabalho deve ser o povo do país onde o rei Yudhishthira reside. As pessoas do lugar onde Yudhishthira está não podem ser invejosas ou maliciosas, ou vaidosas, ou orgulhosas, mas devem todas aderir aos seus respectivos deveres. De fato, no lugar onde Yudhishthira reside, hinos vêdicos serão cantados por toda parte, sacrifícios serão realizados, as últimas libações abundantes sempre serão derramadas (indicando a conclusão desobstruída do sacrifício), e as doações para os brâmanes sempre serão em profusão. Lá as nuvens, sem dúvida, derramarão chuva abundante, e suprido com boas colheitas o país sempre estará sem temor. Lá o arrozal não será sem grãos, frutas não serão desprovidas de suco, guirlandas florais não serão sem fragrância, e a conversa dos homens sempre será cheia de palavras agradáveis. Lá onde o rei Yudhishthira reside as brisas serão deliciosas, as reuniões dos homens sempre serão amistosas, e não haverá motivo para medo. Lá vacas serão abundantes, sem nenhuma delas ser magra ou fraca, e leite e coalhada e manteiga serão todos saborosos e nutritivos. Lá onde o rei Yudhishthira reside todo tipo de grão será cheio de nutrição e todo comestível cheio de sabor. Lá onde o rei Yudhishthira reside os objetos de todos os sentidos, paladar, tato, olfato, e audição, serão dotados de atributos excelentes. Lá onde o rei Yudhishthira reside as visões e cenas serão alegres. E os regenerados daquele local serão virtuosos e firmes em cumprir seus respectivos deveres. De fato, no país onde os filhos de Pandu possam ter tomado sua residência durante este décimo terceiro ano do seu exílio as pessoas serão contentes e alegres, puras em conduta e sem miséria de nenhum tipo. Devotadas aos deuses e convidados e ao culto destes com toda sua alma, elas gostarão muito de doar, e cheias com grande energia, elas serão todas praticantes de virtude eterna. Lá onde o rei Yudhishthira reside, as pessoas, evitando tudo o que é mau, serão desejosas de realizar somente o que é bom. Sempre realizadoras de sacrifícios e votos puros, e odiando falsidade em palavras, as pessoas do lugar onde o rei Yudhishthira reside sempre estarão desejosas de obter o que é bom, auspicioso e benéfico. Lá onde Yudhishthira reside as pessoas certamente serão desejosas de realizar o que é bom, e seus corações sempre se inclinarão em direção à virtude, e seus votos sendo agradáveis elas mesmas estarão sempre engajadas na aquisição de mérito

religioso. Ó filho, aquele filho de Pritha em quem há inteligência e caridade, a maior tranquilidade e perdão indubitável, modéstia e prosperidade, e fama e grande energia e um amor por todas as criaturas, é incapaz de ser descoberto (agora que ele se escondeu) até por brâmanes, sem falar das pessoas comuns. O sábio Yudhishthira está vivendo em disfarce perfeito em regiões cujas características eu descrevi. Considerando seu modo excelente de vida, eu não ouso dizer nada mais. Refletindo bem sobre tudo isso, faze sem perda de tempo o que pensas ser benéfico, ó príncipe da família Kuru, se de fato, tu tens alguma fé em mim'".

29

"Vaisampayana disse, 'Então o filho de Saradwata, Kripa, disse, 'O que o idoso Bhishma disse sobre os Pandavas é razoável, apropriado à ocasião, compatível com virtude e lucro, agradável aos ouvidos, repleto de razão perfeita, e digno dele. Escutem também o que eu direi sobre esse assunto. Cabe a ti averiguar o caminho que eles seguiram e sua residência também por meio de espiões, e adotar a política que possa ocasionar o teu bem-estar. Ó filho, aquele que é solícito de seu bem-estar não deve desconsiderar nem um inimigo comum. O que eu direi, então, ó filho, dos Pandavas que são mestres perfeitos de todas as armas em combate? Quando, portanto, chegar o momento da reaparição dos Pandavas de grande alma, que, tendo entrado na floresta, estão agora passando os seus dias em disfarce cuidadoso, tu deves averiguar a tua força no teu próprio reino e nos de outros reis. Sem dúvida, a volta dos Pandavas está perto. Quando o seu prazo de exílio prometido estiver terminado, os filhos ilustres e poderosos de Pritha, dotados de bravura incomensurável, virão para cá cheios de energia. Portanto, para firmar um tratado vantajoso com eles, recorre à política forte e te dedique a aumentar as tuas forças armadas e melhorar a tesouraria. Ó filho, averiguando todos esses, calcule a tua própria força em relação a todos os teus aliados fracos e fortes. Averiguando a eficiência, e fraqueza, e indiferença das tuas tropas, como também quais entre elas são bem-intencionadas e quais são desleais, nós devemos ou lutar com o inimigo ou fazer um tratado com ele. Recorrendo às artes de conciliação, desunião, punição, suborno, presentes e comportamento justo, ataca teus inimigos e subjuga os fracos pela força, e conquista os teus aliados e tropas por meio de discursos agradáveis. Quando tu tiveres (por esses meios) fortalecido o teu exército e enchido a tua tesouraria, o êxito total será teu. Quando tu tiveres feito tudo isso tu serás capaz de lutar com inimigos poderosos que possam se apresentar, sem falar dos filhos de Pandu deficientes em tropas e animais próprios. Por adotar todos esses recursos de acordo com os costumes da tua classe, ó principal dos homens, tu obterás felicidade duradoura no devido tempo!'"

30

"Vaisampayana disse, 'Derrotado antes, ó monarca, muitas vezes pelo Suta Kichaka de Matsya ajudado pelos Matsyas e os Salyas, o rei poderoso dos Trigartas, Susarman, que possuía incontáveis carros, considerando a oportunidade como favorável, então falou as seguintes palavras sem perder um momento. E, ó monarca, subjugado à força junto com seus parentes pelo poderoso Kichaka, o rei Susarman, olhando Karna de soslaio, falou estas palavras para Duryodhana, 'O meu reino foi muitas vezes invadido à força pelo rei dos Matsyas. O poderoso Kichaka era o generalíssimo daquele rei. Desonesto e colérico e de alma perversa, de bravura famosa por todo o mundo, pecaminoso em atos e muito cruel, aquele canalha, no entanto, foi morto pelos Gandharvas, Kichaka estando morto, o rei Virata, desprovido de orgulho e com sua proteção perdida, perderá, eu imagino, toda a coragem. Eu penso que nós devemos agora invadir aquele reino, se isso te agradar, ó impecável, como também ao ilustre Karna e todos os Kauravas. O incidente que aconteceu é, eu imagino, favorável para nós. Que nós, portanto, nos dirijamos para o reino de Virata rico em grãos. Nós nos apropriaremos das suas pedras preciosas e outras riquezas de diversos tipos, e vamos repartir uns com os outros as suas aldeias e reino. Ou, invadindo sua cidade pela força, vamos sequestrar aos milhares seus bovinos excelentes de várias espécies. Unindo, ó rei, as forças armadas dos Kauravas e dos Trigartas, vamos furtar seu gado em rebanhos. Ou, unindo bem as nossas tropas, nós controlaremos seu poder por forçá-lo a apelar pela paz. Ou, destruindo a sua hoste inteira, nós traremos Matsya sob submissão. Tendo-o levado à submissão por meios justos, nós viveremos em nosso reino alegremente, enquanto o teu poder também será, sem dúvida, aumentado'. Ouvindo essas palavras de Susarman, Karna se dirigiu ao rei, dizendo, 'Susarman falou bem; a oportunidade é favorável e promete ser lucrativa para nós. Portanto, se isso te agradar, ó impecável, que nós, alinhando as nossas tropas em formação de combate e as ordenando em divisões, partamos rapidamente. Ou, que a expedição seja gerenciada como o filho de Saradwata, Kripa, o preceptor Drona, e o sábio e idoso avô dos Kurus possam idear. Consultando uns aos outros, que nós, ó senhor da terra, partamos depressa para alcançar nosso objetivo. Que assunto nós temos com os filhos de Pandu, desprovidos como eles estão de riqueza, poder e bravura? Eles ou desapareceram para sempre ou foram para a residência de Yama. Nós iremos, ó rei, sem ansiedade para a cidade de Virata, e pilharemos seu gado e outras riquezas de diversos tipos'.

"Vaisampayana continuou: 'Aceitando essas palavras de Karna, o filho de Surya, o rei Duryodhana rapidamente ordenou seu irmão Dussasana, nascido imediatamente depois dele e sempre obediente aos seus desejos, dizendo, 'Consultando com os mais velhos, põe em ordem sem demora as nossas forças armadas. Nós iremos, com todos os Kauravas, ao local apontado. Que também o guerreiro poderoso, o rei Susarman, acompanhado por uma força suficiente com veículos e animais, saia com os Trigartas para os domínios dos Matsyas. E que Susarman proceda primeiro, escondendo cuidadosamente a sua intenção. Seguindo em sua esteira, nós partiremos no dia seguinte em ordem de batalha

cerrada, para os domínios prósperos do rei Matsya. Que os Trigartas, no entanto, se dirijam de repente à cidade de Virata, e, se aproximando dos vaqueiros, se apoderem daquela riqueza imensa (de gado). Nós também, marchando em duas divisões, apanharemos milhares de vacas excelentes providas de marcas auspiciosas'.

"Vaisampayana continuou, 'Então, ó Senhor da terra, aqueles guerreiros, os Trigartas, acompanhados por sua infantaria de bravura terrível, marcharam em direção ao sudoeste, pretendendo empreender hostilidades com Virata pelo desejo de apanhar seu gado. E Susarman partiu no sétimo dia da quinzena escura para capturar os bovinos. E então, ó rei, no oitavo dia seguinte da quinzena escura, os Kauravas também acompanhados por todas as suas tropas começaram a sequestrar as vacas aos milhares".

31

"Vaisampayana disse, 'Ó rei poderoso, entrando no serviço ao rei Virata, e morando disfarçados em sua cidade excelente, os Pandavas de grande alma de destreza incomensurável completaram o período prometido de não-descoberta. E depois que Kichaka tinha sido morto, aquele matador de heróis hostis, o poderoso rei Virata, começou a apoiar suas esperanças nos filhos de Kunti. E foi no término do décimo terceiro ano do seu exílio, ó Bharata, que Susarman se apoderou do gado de Virata aos milhares. E quando os bovinos tinham sido apanhados, os vaqueiros de Virata foram com grande velocidade à cidade, e viram seu soberano, o rei dos Matsyas, sentado no trono no meio de conselheiros sábios, e aqueles touros entre homens, os filhos de Pandu, e cercado por guerreiros valentes enfeitados com brincos e pulseiras. E aparecendo perante aquele aumentador de seu domínio, o rei Virata sentado na corte, os vaqueiros se curvaram a ele, e se dirigiram a ele dizendo, 'Ó principal dos reis, nos derrotando e humilhando em batalha junto com nossos amigos os Trigartas estão pegando o teu gado às centenas e aos milhares. Portanto, resgata-os depressa. Oh, cuida para que eles não sejam perdidos por ti'. Ouvindo essas palavras o rei pôs em ordem para a batalha as tropas Matsya ricas em carros e elefantes e cavalos e infantaria e estandartes. E reis e príncipes puseram rapidamente, cada um em seu lugar apropriado (ou de acordo com a sua respectiva divisão), as suas armaduras brilhantes e belas dignas de serem vestidas por heróis. E o caro irmão de Virata, Satanika, colocou uma armadura feita de aço impenetrável, adornada com ouro polido. E Madirakshya, seguinte em nascimento a Satanika, colocou uma cota de malha forte laminada com ouro e capaz de resistir a todas as armas. E a cota de malha que o próprio rei dos Matsyas pôs era invulnerável e decorada com cem sóis, cem círculos, cem manchas, e cem olhos. E a armadura que Suryadatta (um dos generais de Virata) colocou era brilhante como o sol, laminada com ouro, e larga como cem lótus da espécie perfumada (Kahlara). E a cota de malha que o filho mais velho de Virata, o heroico Sanksha, pôs era impenetrável e feita de aço polido, e decorada com cem olhos de ouro. E foi dessa maneira que aqueles guerreiros semelhantes a deuses e poderosos às centenas, equipados com

armas, e ávidos pela batalha, cada um vestiu seu corselete (proteção para o peito). E então eles atrelaram aos seus carros excelentes de cor branca corcéis equipados com armadura. E então foi içado o glorioso estandarte de Matsya sobre o seu carro excelente enfeitado com ouro e parecido com o sol ou a lua em sua refulgência. E outros guerreiros Kshatriya também ergueram sobre os seus respectivos carros estandartes decorados com ouro de várias formas e emblemas. E o rei Matsya então se dirigiu ao seu irmão Satanika nascido imediatamente depois dele, dizendo, 'Kanka e Vallava e Tantripala e Damagranthi de grande energia lutarão, como me parece, sem dúvida. Dá a eles carros equipados com estandartes e deixa-os cobrir seus corpos com belas cotas de malha que devem ser invulneráveis e fáceis de usar. E que eles também tenham armas. Possuindo tais formas marciais e possuidores de braços parecidos com trombas de elefantes poderosos, eu nunca poderia me convencer de que eles não podem lutar'. Ouvindo essas palavras do rei, Satanika, ó monarca, imediatamente ordenou carros para aqueles filhos de Pritha, ou seja, o nobre Yudhishthira, e Bhima, e Nakula, e Sahadeva, e mandados pelo rei, os quadrigários, com corações alegres e mantendo a lealdade em mente, logo aprontaram os carros (para os Pandavas). E aqueles repressores de inimigos então puseram aquelas belas cotas de malha, invulneráveis e fáceis de usar, que Virata tinha ordenado para aqueles heróis de fama imaculada. E montados em carros unidos com bons corcéis, aqueles batedores de tropas hostis, aqueles principais dos homens, os filhos de Pritha, partiram com corações alegres. De fato, aqueles poderosos guerreiros hábeis em luta, aqueles touros da raça Kuru e filhos de Pandu, aqueles quatro irmãos heroicos possuidores de bravura incapaz de ser frustrada, subindo em carros adornados com ouro, partiram juntos, seguindo na esteira de Virata. E elefantes enfurecidos de aparência terrível, de sessenta anos de idade completos, com presas bem formadas e têmporas fendidas e suco gotejando e parecendo (por causa disso) com nuvens derramando chuva e montados por guerreiros treinados hábeis em combate, seguiram o rei como colinas moventes. E os principais guerreiros de Matsya que seguiram o rei alegremente tinham oito mil carros, mil elefantes e sessenta mil cavalos. E, ó touro entre os Bharatas, a tropa de Virata, ó rei, quando ela marchou adiante prestando atenção às pegadas do gado, parecia extremamente bela. E em sua marcha aquele principal dos exércitos possuído por Virata, apinhado com soldados armados com armas fortes, e cheio de elefantes, cavalos e carros, parecia realmente esplêndido'".

32

"Vaisampayana disse, 'Marchando para fora da cidade, aqueles heroicos batedores, os Matsyas, agrupados em ordem de batalha, alcançaram os Trigartas quando o sol tinha passado o meridiano. E ambos excitados à fúria e ambos desejosos de ter o rei, os Trigartas poderosos e os Matsyas, irreprimíveis em batalha, deram rugidos altos. E então os terríveis e enfurecidos elefantes conduzidos pelos combatentes habilidosos de ambos os lados foram instigados adiante com cassetetes e ganchos com pontas. E o confronto, ó rei, que ocorreu quando o sol estava baixo no horizonte, entre infantaria e cavalaria e carruagens e

elefantes de ambos os partidos foi semelhante ao de antigamente entre os deuses e os Asuras, terrível e violento e suficiente para fazer os cabelos de alguém se arrepiarem e calculado para aumentar a população do reino de Yama. E quando os combatentes avançaram uns contra os outros, golpeando e cortando, nuvens espessas de poeira começaram a se erguer, pelo que nada podia ser avistado. E cobertas com a poeira levantada pelos exércitos contendentes, aves começaram a cair ao chão. E o próprio sol desapareceu atrás da nuvem densa de flechas atiradas, e o firmamento parecia brilhante como se com miríades de pirilampos. E mudando seus arcos, cujas varas eram adornadas com ouro, de uma mão para outra, aqueles heróis começaram derrubar uns aos outros, disparando suas flechas à direita e à esquerda. E carros enfrentaram carros, e soldados de infantaria lutaram com soldados de infantaria, e cavaleiros com cavaleiros, e elefantes com elefantes fortes. E eles combateram uns aos outros furiosamente com espadas e machados, dardos farpados e lanças, e maças de ferro. E embora, ó rei, aqueles guerreiros poderosamente armados atacassem uns aos outros com fúria naquele conflito, ainda assim nenhum partido conseguiu prevalecer sobre o outro. E cabeças cortadas, algumas com narizes belos, algumas com lábios superiores profundamente cortados, algumas enfeitadas com brincos, e algumas divididas com ferimentos perto do cabelo bem enfeitado eram vistas rolando no chão coberto de pó. E logo o campo de batalha estava coberto com os membros dos guerreiros Kshatriya, cortados por meio de flechas e jazendo como troncos de árvores Sala. E coberto com cabeças enfeitadas com brincos e braços cobertos com pasta de sândalo parecidos com os corpos de cobras, o campo de batalha tornou-se muito belo. E conforme carros enfrentavam carros, e cavaleiros combatiam cavaleiros, e soldados de infantaria lutavam com soldados de infantaria, e elefantes encontravam com elefantes, a poeira terrível logo ficou encharcada com torrentes de sangue. E alguns entre os combatentes começaram a desmaiar, e os guerreiros começaram a lutar indiferentes à consideração de humanidade, amizade e relacionamento. E, seu rumo e visão estando obstruídos pela chuva de flechas, urubus começaram a pousar sobre o solo. Mas embora aqueles combatentes de braços fortes lutassem furiosamente uns com os outros, ainda assim os heróis de nenhum dos partidos tiveram êxito em derrotar seus adversários. E Satanika, tendo matado uma centena completa do inimigo e Visalaksha quatrocentos, ambos aqueles guerreiros poderosos penetraram no centro da grande hoste Trigarta. E tendo entrado na parte mais densa da hoste Trigarta, aqueles heróis famosos e poderosos começaram a privar seus adversários dos seus sentidos por fazerem um combate mais próximo se iniciar, um combate no qual os combatentes agarravam uns aos outros pelos cabelos e dilaceravam uns aos outros com as unhas. E olhando para o ponto onde os carros dos Trigartas estavam reunidos em grande número, aqueles heróis finalmente dirigiram seu ataque em direção a ele. E aquele principal dos guerreiros em carros, o rei Virata também, com Suryadatta em sua vanguarda e Madiraksha em sua retaguarda, tendo destruído quinhentos carros naquele conflito, oitocentos cavalos, e cinco guerreiros em carros grandes, exibiu várias manobras habilidosas em seu carro naquele campo de batalha. E finalmente o rei se aproximou do soberano dos Trigartas montado em uma carruagem dourada. E aqueles guerreiros poderosos e de grande alma, desejosos de lutar, avançaram rugindo

um contra o outro como dois touros em um curral. Então aquele touro entre homens, irreprimível em batalha, Susarman, o rei dos Trigartas, desafiou Matsya para um duelo de carros. Então aqueles guerreiros excitados à fúria avançaram um contra o outro em seus carros e começaram a derramar suas flechas um sobre o outro como nuvens derramando torrentes de chuva. E enfurecidos um com o outro, aqueles guerreiros ferozes, ambos habilidosos com armas, ambos brandindo espadas e dardos e maças, então se movimentaram continuamente (no campo de batalha) atacando um ao outro com flechas afiadas. Então o rei Virata perfurou Susarman com dez flechas e cada um dos seus quatro cavalos também com cinco flechas. E Susarman também, irresistível em batalha e familiarizado com armas fatais, perfurou o rei de Matsya com cinquenta flechas afiadas. E então, ó monarca poderoso, por consequência do pó no campo de batalha, os soldados de Susarman e do rei de Matsya não podiam distinguir uns aos outros'.

33

"Vaisampayana disse, 'Então, ó Bharata, quando o mundo estava envolto em poeira e na escuridão da noite, os guerreiros de ambos os lados, sem romperem a ordem de batalha, desistiram por um tempo. E então, dissipando a escuridão a lua surgiu iluminando a noite e alegrando os corações dos guerreiros Kshatriya. E quando tudo ficou visível a batalha começou novamente. E ela continuou tão furiosamente que os combatentes não podiam distinguir uns aos outros. E então o senhor de Trigarta, Susarman com seu irmão mais novo, e acompanhado por todos os seus carros, avançou em direção ao rei de Matsya. E descendo dos seus carros aqueles touros entre os Kshatriyas, os irmãos (reais), com maças nas mãos, avançaram com fúria em direção aos carros do inimigo. E as hostes hostis atacaram ferozmente uma à outra com maças e espadas e cimitarras, machados de combate e dardos farpados de gumes afiados e pontas de têmpera excelente. E o rei Susarman, o senhor dos Trigartas, tendo por sua energia oprimido e derrotado todo o exército dos Matsyas, impetuosamente avançou em direção ao próprio Virata dotado de grande energia. E os dois irmãos, tendo matado separadamente os dois corcéis de Virata e seu quadrigário, como também aqueles soldados que protegiam a sua retaguarda, o capturaram vivo, quando privado de seu carro. Então afligindo-o violentamente, como um homem lascivo afligindo uma donzela indefesa, Susarman colocou Virata sobre o seu próprio carro, e se apressou rapidamente para fora do campo. E quando o poderoso Virata, privado de seu carro, foi levado prisioneiro, os Matsyas, muito atormentados pelos Trigartas, começaram a fugir com medo em todas as direções. E vendo-os em pânico, o filho de Kunti, Yudhishthira, dirigiu-se àquele subjugador de inimigos, Bhima de braços poderosos, dizendo, 'O rei dos Matsyas foi pego pelos Trigartas. Ó de braços fortes, resgata-o, para que ele não possa cair sob o poder do inimigo. Como nós temos vivido alegremente na cidade de Virata, tendo todos os nossos desejos satisfeitos, cabe a ti, ó Bhimasena, pagar essa dívida (por libertares o rei)'. Nisso Bhimasena respondeu, 'Eu o libertarei, ó rei, por tua ordem. Observa a façanha que eu realizarei (hoje) ao lutar com o inimigo confiando somente no

poder dos meus braços. Ó rei, fica à parte, junto com nossos irmãos e testemunha a minha destreza hoje. Arrancando esta árvore imensa de tronco enorme parecida com uma maça, eu derrotarei o inimigo'.

"Vaisampayana continuou: 'Vendo Bhima lançando seus olhos naquela árvore como um elefante louco, o heroico rei Yudhishthira o justo falou para seu irmão, dizendo, 'Ó Bhima, não cometas esse ato imprudente. Deixa a árvore ficar aí. Tu não deves realizar tais façanhas de uma maneira de sobre-humana por meio desta árvore, pois se tu fizeres isso as pessoas, ó Bharata, te reconhecerão e dirão, ‘Este é Bhima’. Pega, portanto, uma arma humana tal como um arco (e flechas), ou um dardo, ou uma espada, ou um machado de combate. E pegando, portanto, ó Bhima, alguma arma que seja humana, liberta o rei sem dares a ninguém os meios de te conhecer realmente. Os gêmeos dotados de grande força defenderão as tuas rodas. Lutando juntos, ó filho, libertem o rei dos Matsyas!'

"Vaisampayana continuou, 'Assim abordado, o poderoso Bhimasena dotado de grande velocidade rapidamente pegou um arco excelente e impetuosamente atirou dele uma chuva de flechas, grossa como o aguaceiro de uma nuvem carregada de chuva. E Bhima então avançou furiosamente em direção a Susarman de atos terríveis, e encorajando Virata com as palavras ‘Ó bom rei!’, disse ao senhor dos Trigartas, ‘Espera! Espera!’ Vendo Bhima como o próprio Yama em sua retaguarda, dizendo, ‘Espera! Espera! Testemunha esta façanha poderosa, este combate que está perto!’, o touro entre os guerreiros, Susarman, considerou seriamente (a situação), e pegando seu arco voltou atrás, junto com seus irmãos. Em um piscar de olhos Bhima destruiu aqueles carros que procuravam se opor a ele. E logo novamente centenas de milhares de carros e elefantes e cavalos e cavaleiros e arqueiros bravos e ferozes foram derrubados por Bhima na própria vista de Virata. E a infantaria hostil também começou a ser massacrada pelo ilustre Bhima, com maça na mão. E vendo aquela investida terrível, Susarman, irreprimível em luta, pensou consigo mesmo, 'Meu irmão parece já ter sucumbido no meio da sua hoste poderosa. O meu exército será aniquilado?' E puxando sua corda de arco até o ouvido Susarman então recuou e começou a disparar flechas de gume afiado incessantemente. E vendo os Pandavas voltarem à carga em seus carros, os guerreiros Matsya de hoste poderosa, incitando seus corcéis, dispararam armas excelentes para oprimir os soldados Trigarta. E o filho de Virata também, extremamente enfurecido, começou a realizar feitos prodigiosos de heroísmo. E o filho de Kunti Yudhishthira matou mil (do inimigo), e Bhima mostrou a residência de Yama para sete mil. E Nakula enviou setecentos (para as suas últimas prestações de contas) por meio das suas flechas. E o poderoso Sahadeva também, comandado por Yudhishthira, matou trezentos guerreiros corajosos. E tendo matado tais números, aquele guerreiro feroz e poderoso, Yudhishthira, com armas erguidas, avançou contra Susarman. E, avançando impetuosamente em Susarman, aquele principal dos guerreiros em carros, o rei Yudhishthira, o atacou com saraivadas de flechas. E Susarman também, em grande ira, rapidamente perfurou Yudhishthira com nove flechas, e cada um dos seus quatro corcéis com quatro setas. Então, ó rei, o filho de Kunti Bhima de movimentos rápidos se aproximando de Susarman aniquilou seus corcéis. E tendo matado também

aqueles soldados que protegiam sua retaguarda, ele arrastou do carro o quadrigário de seu adversário ao solo. E vendo o carro do rei Trigarta sem motorista, o defensor das rodas do seu carro, o famoso e valente Madiraksha, foi rapidamente ajudá-lo. E nisso, saltando do carro de Susarman, e segurando a maça do último o poderoso Virata correu em perseguição dele. E embora velho, ele se movimentou no campo, com maça na mão, assim como um jovem robusto. E vendo Susarman fugir Bhima se dirigiu a ele, dizendo, 'Desiste, ó príncipe! Esta tua fuga não é apropriada! Com esta tua coragem, como tu pudeste desejar raptar o gado pela força? Como também, abandonando teu seguidor, tu enfraqueces assim entre os inimigos?' Assim abordado pelo filho de Pritha, o poderoso Susarman, aquele senhor de incontáveis carros dizendo para Bhima, 'Espera! Espera!' repentinamente voltou e avançou nele. Então Bhima, o filho de Pandu, saltando de seu carro, como só ele podia fazer, avançou adiante com grande frieza, desejoso de tirar a vida de Susarman. E desejoso de agarrar o rei de Trigarta avançando em direção a ele, o poderoso Bhimasena se apressou impetuosamente em direção a ele, assim como um leão avançando em um veado pequeno. E avançando impetuosamente, Bhima de braços poderosos agarrou Susarman pelo cabelo, e erguendo-o em cólera, arremessou-o ao chão. E quando ele jazia gritando em agonia, Bhima de braços poderosos chutou-o na cabeça, e colocando seu joelho sobre seu peito lhe deu golpes severos. E violentamente afligido por aqueles chutes, o rei dos Trigartas ficou inconsciente. E quando o rei dos Trigartas privado de seu carro tinha sido agarrado dessa maneira, o exército Trigarta inteiro tomado pelo pânico se dividiu e fugiu em todas as direções, e os filhos poderosos de Pandu, dotados de modéstia e cumpridores de votos e confiando na força dos seus próprios braços, depois de terem derrotado Susarman, e resgatado as vacas assim como outras espécies de riqueza e tendo assim dissipado a ansiedade de Virata, ficaram juntos diante daquele monarca. E Bhimasena então disse, 'Este patife dado a atos perversos não merece escapar de mim com vida. Mas o que eu posso fazer? O rei é tão indulgente!' E então, pegando Susarman pelo pescoço quando ele estava jazendo no chão sem sentidos e coberto com poeira, e amarrando-o firmemente, o filho de Pritha Vrikodara colocou-o em seu carro, e foi para onde Yudhishthira estava permanecendo no meio do campo. E Bhima então mostrou Susarman para o monarca. E vendo Susarman naquela situação, aquele tigre entre homens o rei Yudhishthira sorridente se dirigiu a Bhima, aquele ornamento de batalha, dizendo, 'Que este pior dos homens seja libertado'. Assim abordado, Bhima falou para o poderoso Susarman, dizendo, 'Se, ó patife, tu desejas viver, escuta estas minhas palavras. Tu deves dizer em toda corte e reunião de homens, 'Eu sou um escravo'. Somente sob essa condição eu te concederei tua vida. Na verdade, esta é a lei acerca do derrotado'. Nisto seu irmão mais velho dirigiu-se carinhosamente a Bhima, dizendo, 'Se tu nos consideras como uma autoridade, liberta este indivíduo perverso. Ele já se tornou escravo do rei Virata'. E virando então para Susarman, ele disse, 'Tu estás livre. Vai como um homem livre, e nunca ajas novamente dessa maneira'.

34

"Vaisampayana disse, 'Assim abordado por Yudhishthira Susarman foi dominado pela vergonha e baixou a cabeça. E libertado (da escravidão), ele foi até o rei Virata, e tendo saudado o monarca, partiu. E os Pandavas também, confiando no poder dos seus próprios braços, e dotados de modéstia e cumpridores de votos, tendo matado seus inimigos e libertado Susarman, passaram aquela noite alegremente no campo de batalha. E Virata gratificou aqueles guerreiros poderosos, os filhos de Kunti, possuidores de destreza sobre-humana, com riqueza e honra. E Virata disse, 'Todas estas minhas pedras preciosas são agora tanto minhas quanto suas. De acordo com a sua vontade vivam aqui alegremente. E, ó batedores de inimigos em batalha, eu concederei a vocês donzelas enfeitadas com ornamentos, riqueza em abundância, e outras coisas que vocês possam querer. Libertado dos perigos hoje pela sua coragem, eu estou agora coroado com a vitória. Que vocês todos se tornem os senhores dos Matsyas'.

"Vaisampayana continuou, 'E quando o rei dos Matsyas tinha se dirigido a eles dessa maneira, aqueles descendentes dos Kurus com Yudhishthira em sua dianteira, unindo suas mãos, responderam a ele separadamente dizendo, 'Nós estamos bem satisfeitos com tudo o que tu disseste, ó monarca. Nós, no entanto, estamos muito satisfeitos que tu tenhas sido hoje libertado dos teus inimigos'. Assim respondido, aquele principal dos reis, Virata, o senhor dos Matsyas, se dirigiu a Yudhishthira novamente, dizendo, 'Vem, nós te instalaremos na soberania dos Matsyas. E nós também te concederemos coisas que são raras sobre a terra e são objetos de desejo, pois tu mereces tudo em nossas mãos. Ó principal dos brâmanes da ordem Vaiyaghra, eu te concederei pedras preciosas e vacas e ouro e rubis e pérolas. Eu me curvo a ti. É devido a ti que eu mais uma vez vejo hoje meus filhos e o reino. Afligido e ameaçado como eu fui por desastre e perigo, foi pela tua destreza que eu não sucumbi ao inimigo'. Então Yudhishthira dirigiu-se outra vez ao (rei dos) Matsyas, dizendo, 'Nós estamos bem satisfeitos com as palavras encantadoras que tu falaste. Que tu sejas sempre feliz, sempre praticando bondade para com todas as criaturas. Que mensageiros agora, por tua ordem, se dirijam rapidamente à cidade para comunicar as notícias agradáveis para os nossos amigos e proclamar a tua vitória'. Ouvindo essas palavras dele o rei Matsya ordenou os mensageiros, dizendo, 'Vão para a cidade e proclamem a minha vitória em batalha. E que donzelas e cortesãos, enfeitados com ornamentos, saiam da cidade com todos os tipos de instrumentos musicais'. Ouvindo essa ordem proferida pelo rei dos Matsyas, os homens, colocando o mandato em sua cabeça, partiram todos com corações alegres. E tendo se dirigido à cidade naquela mesma noite, eles proclamaram na hora do nascer do sol a vitória do rei nas imediações dos portões da cidade'".

35

"Vaisampayana disse, 'Quando o rei dos Matsyas, ansioso para recuperar o gado, tinha saído em perseguição aos Trigartas, Duryodhana com seus conselheiros invadiu os domínios de Virata. E Bhishma e Drona, e Karna, e Kripa familiarizados com as melhores armas, Aswatthaman e o filho de Suvala, e Dussasana, ó senhor de homens, e Vivingsati e Vikarna e Chitrasena dotados de grande energia, e Durmukha e Dussaha, esses e muitos outros grandes guerreiros, se aproximando do domínio de Matsya rechaçaram rapidamente os vaqueiros do rei Virata e levaram o gado à força. E os Kauravas, cercando todos os lados com uma multidão de carros, apanharam sessenta mil vacas. E alto foi o grito de aflição dado pelos vaqueiros derrotados por aqueles guerreiros naquele conflito terrível. E o chefe dos vaqueiros muito assustado subiu depressa em uma carruagem e partiu para a cidade, lamentando em aflição. E entrando na cidade do rei ele procedeu para o palácio, e, descendo rápido da carruagem, conseguiu entrar para relatar (o que tinha acontecido). E vendo o filho orgulhoso de Matsya, chamado Bhuminjaya, ele lhe disse tudo acerca da captura do gado real. E ele disse, os Kauravas estão levando embora sessenta mil vacas. Levanta-te, portanto, ó realçador da glória do reino, para trazer de volta os teus bovinos. Ó príncipe, se tu desejas realizar o bem (do reino) parte tu mesmo sem perda de tempo. De fato, o rei dos Matsyas te deixou na cidade vazia. O rei (teu pai) se gaba de ti na corte, dizendo, 'Meu filho, igual a mim, é um herói e é o arrimo (da glória) da minha linhagem. Meu filho é um guerreiro habilidoso com flechas e armas e é sempre possuidor de grande coragem'. Oh, que as palavras daquele senhor de homens sejam verdadeiras! Ó chefe de donos de rebanhos, traze de volta o gado depois de derrotares os Kurus, e consome as suas tropas com a energia magnífica das tuas flechas. Como um líder de elefantes avançando em um rebanho, perfura as tropas do inimigo com flechas retas de asas douradas, disparadas do teu arco. Teu arco é assim como uma Vina. Suas duas extremidades representam os travesseiros (apoios) de marfim; sua corda, a corda principal; sua vara, o braço; e as flechas disparadas dele as notas musicais. Toca no meio do inimigo aquela Vina de som musical[6]. Que os teus corcéis, ó senhor, de cor prateada, sejam atrelados ao teu carro, e que o teu estandarte seja içado, portando o emblema do leão dourado. Que as tuas flechas de gume afiado dotadas de asas de ouro, atiradas pelos teus braços fortes, obstruam o caminho daqueles reis e eclipsem o próprio sol. Vencendo todos os Kurus em batalha como o manejador do raio derrotando os Asuras, volta novamente à cidade tendo obtido grande renome. Filho do rei de Matsya, tu és o único amparo deste reino, como

[6] A Vina consiste em um bambu de cerca de 50 centímetros ligado a duas cabaças próximas às suas extremidades. Ao longo do bambu o qual serve ao propósito de um braço está a corda principal e várias cordas mais finas. Todas essas passam sobre um número de trastos, duas e meia heptacordas, representando a extensão total do instrumento. As cordas se apoiam perto das suas extremidades em duas peças de marfim chamadas Upadhanas.

aquele principal dos guerreiros virtuosos, Arjuna, é dos filhos de Pandu. Assim como Arjuna dos seus irmãos, tu és, sem dúvida, o amparo daqueles que residem dentro destes domínios. De fato, nós, os súditos deste reino, temos nosso protetor em ti'.

"Vaisampayana continuou, 'Assim abordado pelo vaqueiro na presença das mulheres, em palavras exalando coragem, o príncipe entregando-se ao auto-elogio dentro dos aposentos femininos, falou estas palavras'.

36

"Uttara disse, 'Firme como eu sou no uso do arco, eu partiria hoje mesmo no rastro do gado se somente alguém habilidoso na direção de cavalos se tornasse o meu quadrigário. Eu, no entanto, não conheço o homem que possa ser meu quadrigário. Procurem, portanto, sem demora, por um quadrigário para mim que estou preparado para partir. O meu próprio quadrigário foi morto na grande batalha que foi lutada dia a dia por um mês inteiro ou pelo menos por vinte e oito noites. Logo que eu conseguir outra pessoa familiarizada com a condução de corcéis eu partirei imediatamente, içando ao alto o meu próprio estandarte. Penetrando no meio do exército hostil cheio de elefantes e cavalos e carruagens, eu trarei o gado de volta, tendo subjugado os Kurus que são débeis em força e fracos em armas. Como um segundo manejador do raio apavorando os Danavas, eu trarei de volta o gado neste mesmo momento, aterrorizando em luta Duryodhana e Bhishma e Karna e Kripa e Drona com seu filho, e outros arqueiros poderosos reunidos para o combate. Não encontrando ninguém (para se opor) os Kurus estão roubando o gado. O que eu posso fazer quando eu não estou lá? Os Kurus reunidos testemunharão a minha destreza hoje. E eles dirão uns aos outros, 'É o próprio Arjuna que está se opondo a nós?'"

“Vaisampayana continuou: 'Tendo ouvido essas palavras faladas pelo príncipe, Arjuna, totalmente familiarizado com o significado de tudo, depois de um breve momento falou alegremente em particular para sua esposa querida de beleza impecável, Krishnâ, a princesa de Panchala, filha de Drupada de feitio delgado, nascida do fogo (sacrifical) e dotada das virtudes de veracidade e honestidade e sempre atenta ao bem dos seus maridos. E o herói disse, 'Ó bela, a meu pedido dize para Uttara sem demora, 'Este Vrihannala era antigamente o talentoso quadrigário resoluto do filho de Pandu (Arjuna). Experimentado em muitas grandes batalhas, ele mesmo será o teu quadrigário'.

"Vaisampayana continuou: 'Ouvindo essas palavras proferidas pelo príncipe (Uttara) repetidas vezes no meio das mulheres, Panchali não pode tolerar quietamente aquelas alusões a Vibhatsu. E timidamente saindo dentre as mulheres, a pobre princesa de Panchala falou suavemente para ele estas palavras, 'O belo jovem, semelhante a um elefante forte e conhecido pelo nome de Vrihannala era antigamente o quadrigário de Arjuna. Um discípulo daquele guerreiro ilustre, e inferior a ninguém no uso do arco, ele foi conhecido por mim

enquanto eu estava vivendo com os Pandavas. Foi por ele que foram seguradas as rédeas dos corcéis excelentes de Arjuna quando Agni consumiu a floresta de Khandava. Foi com ele como quadrigário que Partha conquistou todas as criaturas em Khandava-prastha. Realmente, não há nenhum quadrigário igual a ele'.

Uttara disse, ‘Tu conheces, ó Sairindhri, aquele jovem. Tu sabes o que aquele do sexo neutro pode ser ou não. Eu não posso, no entanto, ó abençoada, eu mesmo pedir a Vrihannala para segurar as rédeas dos meus cavalos’.

"Draupadi disse, 'Vrihannala, ó herói, sem dúvida obedecerá às palavras da tua irmã mais nova, aquela donzela de quadris graciosos. Se ele consentir em ser teu quadrigário, tu sem dúvida retornarás tendo derrotado Kurus e resgatado o teu gado'.

"Assim abordado pela Sairindhri, Uttara falou para sua irmã, 'Vai tu mesma, ó tu de beleza impecável, e traze Vrihannala aqui'. E, enviada por seu irmão, ela se dirigiu rapidamente ao salão de dança onde aquele filho de braços fortes de Pandu estava permanecendo disfarçado'".

37

"Vaisampayana disse, 'Assim enviada por seu irmão mais velho, a muito afamada filha do rei Matsya, enfeitada com um colar dourado, sempre obediente ao seu irmão e possuidora de uma cintura fina como a da vespa, dotada do esplendor da própria Lakshmi, enfeitada com as plumas do pavão, de feitio delgado e membros graciosos, com os quadris envolvidos por uma faixa de pérolas, seus cílios ligeiramente curvados, e sua forma dotada de toda graça, foi depressa ao salão de dança como uma luz de relâmpago precipitando-se em direção a uma massa de nuvens escuras[7]. E a impecável e auspiciosa filha de Virata, de dentes excelentes e cintura fina, de coxas próximas uma à outra e cada uma semelhante à tromba de um elefante, seu corpo embelezado com uma guirlanda excelente, procurou o filho de Pritha como uma elefanta procurando seu companheiro. E como uma pedra preciosa ou a própria encarnação da prosperidade de Indra, de beleza excelente e olhos grandes, aquela encantadora e adorada e célebre donzela saudou Arjuna. E saudado por ela, Partha questionou aquela moça de coxas próximas e cor dourada, dizendo 'O que te traz aqui, uma donzela enfeitada com um colar de ouro? Por que tu estás em tal inquietação, ó moça de olhos de gazela? Por que o teu rosto, ó dama bela, está tão desanimado? Dize-me tudo isso sem demora!'

"Vaisampayana continuou: 'Vendo, ó rei, sua amiga, a princesa de olhos grandes (naquela situação), seu amigo (Arjuna) alegremente perguntou a ela (nessas palavras) a causa da sua chegada lá. E tendo se aproximado daquele touro entre homens, a princesa, permanecendo no meio de suas servidoras,

[7] A princesa sendo da cor do ouro polido e Arjuna escuro como uma massa de nuvens.

demonstrando modéstia apropriada, dirigiu-se a ele, dizendo, 'O gado deste reino, ó Vrihannala, estão sendo roubados pelos Kurus, e é para subjugá-los que o meu irmão partirá com arco na mão. Há pouco tempo o seu próprio quadrigário foi morto em combate, e não há ninguém igual ao morto que possa agir como quadrigário do meu irmão. E para ele, se esforçando para obter um quadrigário, Sairindhri, ó Vrihannala, falou sobre a tua habilidade na condução de corcéis. Tu foste antigamente o quadrigário favorito de Arjuna, e foi contigo que aquele touro entre os filhos de Pandu subjugou sozinho a terra inteira. Portanto, ó Vrihannala, age como o quadrigário do meu irmão. (Nesse meio tempo) o nosso gado certamente foi levado pelos Kurus a uma grande distância. Requisitado por mim, se tu não agires de acordo com as minhas palavras, eu, que estou pedindo este serviço a ti por afeição, abandonarei a minha vida!' Assim abordado por sua amiga de quadris graciosos, aquele opressor de inimigos, dotado de bravura imensurável, foi até a presença do príncipe. E como uma elefanta correndo atrás de sua cria, a princesa possuidora de olhos grandes seguiu aquele herói avançando com passos apressados como um elefante com têmporas fendidas. E vendo-o de uma distância, o próprio príncipe disse, 'Contigo como seu quadrigário, Dhananjaya o filho de Kunti gratificou Agni na floresta Khandava e subjugou o mundo inteiro! A Sairindhri falou de ti para mim. Ela conhece os Pandavas. Portanto, ó Vrihannala, segura, como tu fizeste, as rédeas dos meus corcéis, desejoso como eu estou de fazer justiça com os Kurus e resgatar a minha riqueza bovina. Tu foste antigamente o quadrigário querido de Arjuna e foi contigo que aquele touro entre os filhos de Pandu subjugou sozinho a terra inteira!' Assim abordado, Vrihannala respondeu ao príncipe, dizendo, 'Que habilidade eu tenho para agir como um quadrigário no campo de batalha? Se for canto ou dança ou instrumentos musicais ou outras coisas semelhantes eu posso te entreter com eles, mas onde está a minha habilidade para me tornar um quadrigário?'

Uttara disse, ‘Ó Vrihannala, sejas um cantor ou um dançarino, segura (por agora), sem perda de tempo, as rédeas dos meus corcéis excelentes, subindo em meu carro!’

"Vaisampayana continuou, 'Embora aquele opressor de inimigos, o filho de Pandu, estivesse familiarizado com tudo, ainda assim na presença de Uttara ele começou a fazer muitos erros por diversão. E quando ele procurou pôr a cota de malha em seu corpo por levantá-la para cima, as moças de olhos grandes, vendo isso, irromperam em risadas. E vendo-o totalmente ignorante em colocar a armadura, o próprio Uttara equipou Vrihannala com uma cota de malha cara. E cobrindo o seu próprio corpo com uma armadura excelente de refulgência solar, e içando seu estandarte portando a figura de um leão, o príncipe fez Vrihannala se tornar seu quadrigário. E com Vrihannala para segurar suas rédeas o herói partiu, levando com ele muitos arcos valiosos e um grande número de flechas belas. E sua amiga Uttarâ e suas donzelas então disseram para Vrihannala, 'Ó Vrihannala, traze para as nossas bonecas (quando tu voltares) vários tipos de tecidos bons e finos depois de venceres os Kurus reunidos para o combate dos quais Bhishma e Drona são os principais!' Assim abordado, Partha o filho de Pandu, em uma voz profunda como o ribombo das nuvens, falou sorridente para aquele grupo de

moças formosas desta maneira, ‘Se Uttara puder subjugar aqueles guerreiros poderosos em batalha, eu sem dúvida trarei tecidos excelentes e belos'.

"Vaisampayana continuou: 'Tendo dito essas palavras, o heroico Arjuna incitou os corcéis em direção ao exército Kuru sobre o qual flutuavam inúmeras bandeiras. Exatamente, no entanto, quando eles estavam partindo, damas idosas e moças e brâmanes de votos rígidos, vendo Uttara sentado em seu carro excelente com Vrihannala como quadrigário e sob aquele grande estandarte içado no alto, caminharam ao redor do carro para abençoar o herói. E as mulheres disseram, 'Que a vitória que Arjuna que caminha como um touro obteve antigamente na ocasião da queima da floresta de Khandava seja tua, ó Vrihannala, quando tu enfrentares os Kurus hoje com o príncipe Uttara'.

38

Vaisampayana disse, 'Tendo saído da cidade, o filho intrépido de Virata se dirigiu ao seu quadrigário, dizendo, 'Procede para onde os Kurus estão. Derrotando os Kurus reunidos que vieram para cá por desejo de vitória, e resgatando rapidamente o meu gado deles, eu voltarei para a capital'. A essas palavras do príncipe o filho de Pandu incitou aqueles corcéis excelentes. E dotados da velocidade do vento e enfeitados com colares de ouro, aqueles corcéis, instigados por aquele leão entre homens, pareciam voar pelo ar. E eles não tinham ido longe quando aqueles batedores de inimigos, Dhananjaya e o filho de Matsya, avistaram o exército dos poderosos Kurus. E procedendo em direção ao cemitério, eles se aproximaram dos Kurus e observaram o seu exército organizado em ordem de batalha. E aquele grande exército deles parecia com o vasto oceano ou uma floresta de inúmeras árvores se movendo pelo céu. E então era vista, ó melhor entre os Kurus, a poeira erguida por aquele exército movente a qual alcançava o céu e obstruía a visão de todas as criaturas. E observando aquela hoste imensa cheia de elefantes, cavalos e carruagens, e protegida por Karna e Duryodhana e Kripa e o filho de Santanu, e aquele arqueiro inteligente e formidável Drona, com seu filho (Aswatthaman), o filho de Virata, agitado com medo e com os pelos do seu corpo eriçados, falou dessa maneira para Partha, 'Eu não ouso lutar com os Kurus. Vê, os pelos do meu corpo se arrepiaram. Eu não posso lutar com essa hoste incontável dos Kurus, cheia de guerreiros heroicos, que são extremamente ferozes e difíceis de serem vencidos até pelos celestiais. Eu não ouso penetrar no exército dos Bharatas consistindo em arqueiros terríveis e cheio de cavalos e elefantes e carros e soldados de infantaria e estandartes. A minha mente está perturbada demais pela própria visão do (exército) inimigo no campo de batalha no qual estão Drona e Bhishma, e Kripa, e Karna, e Vivingsati, e Aswatthaman e Vikarna, e Saumadatti, e Vahlika, e o rei heroico Duryodhana também, aquele principal dos guerreiros em carros, e muitos outros arqueiros esplêndidos, todos hábeis em combate. Os meus cabelos se arrepiaram, e eu estou desfalecendo de medo pela própria visão desses batedores, os Kurus organizados em ordem de batalha'.

Vaisampayana continuou, “E o tolo Uttara de mente inferior só por insensatez começou a lamentar (o seu destino) na presença do dinâmico (Arjuna) disfarçado (como seu quadrigário) nestas palavras, ‘Meu pai partiu para enfrentar os Trigartas levando com ele seu exército inteiro, me deixando na cidade vazia. Não há tropas para me ajudar. Sozinho e um mero garoto que não tem praticado muito exercício com armas eu sou incapaz de enfrentar esses guerreiros incontáveis e todos habilidosos com armas. Portanto, ó Vrihannala, para de avançar!’

"Vrihannala disse, 'Por que tu pareces tão pálido pelo medo e aumentas a alegria dos teus inimigos? Até agora tu não fizeste nada no campo de batalha com o inimigo. Foste tu que me ordenaste, dizendo, ‘Leva-me em direção aos Kauravas’. Eu, portanto, te levarei para onde aquelas inúmeras bandeiras estão. Eu certamente te levarei, ó de braços fortes, para o meio dos Kurus hostis, preparados para lutar como eles estão pelo gado como falcões pela carne. Eu faria isso mesmo que eu considerasse que eles vieram para cá para lutar por um prêmio muito superior tal como a soberania da terra. Tendo, na hora de partir, falado perante homens e mulheres tão favoravelmente da tua coragem, por que tu desistirias da luta? Se tu voltares para casa sem recapturar o gado, homens corajosos e até mulheres, quando eles se reunirem, rirão de ti (em menosprezo). Com relação a mim mesmo, eu não posso voltar à cidade sem ter resgatado o gado, elogiado com eu fui tão favoravelmente pela Sairindhri a respeito da minha habilidade na direção de carros. É por causa daqueles elogios da Sairindhri e por aquelas tuas palavras também (que eu vim). Por que eu não deveria, portanto, dar combate aos Kurus? (Quanto a ti mesmo), fica calmo'.

Uttara disse, ‘Que os Kurus roubem dos Matsyas toda a sua riqueza. Que os homens e mulheres, ó Vrihannala, riam de mim. Que o meu gado pereça, que a cidade seja um deserto. Que eu fique exposto perante o meu pai. Entretanto não há necessidade de combate’.

"Vaisampayana continuou: 'Dizendo isso, aquele príncipe muito aterrorizado enfeitado com brincos pulou de seu carro, e jogando ao chão seu arco e flechas começou a fugir, sacrificando a honra e o orgulho. Vrihannala, no entanto, exclamou, 'Esta não é a prática dos corajosos, esta fuga de um Kshatriya do campo de batalha. Até a morte em combate é melhor do que a fuga por medo'. Tendo dito isso, Dhananjaya, o filho de Kunti, descendo daquele carro excelente correu atrás daquele príncipe que fugia dessa maneira, com sua própria trança comprida e roupas vermelhas puras esvoaçando no ar. E alguns soldados, não sabendo que era Arjuna que estava assim correndo com sua trança esvoaçado no ar, caíram na gargalhada à visão. E vendo-o correr daquela maneira, os Kurus começaram a discutir, 'Quem é esta pessoa, assim disfarçada como fogo oculto em cinzas? Ele é parte homem e parte mulher. Embora portando uma forma neutra, ele ainda assim parece Arjuna. Ele tem a mesma cabeça e pescoço, e os mesmos braços semelhantes a um par de maças. E o modo de andar deste também é como o dele. Ele não pode ser ninguém mais do que Dhananjaya. Como Indra é entre os celestiais, assim é Dhananjaya entre os homens. Quem mais neste mundo além de Dhananjaya viria sozinho contra nós? Virata deixou um único filho dele na cidade vazia. Ele saiu por infantilidade e não por heroísmo

verdadeiro. É Uttara quem deve ter saído da cidade, tendo, sem dúvida, feito de Arjuna o quadrigário, o filho de Pritha, agora vivendo disfarçado. Parece que ele está agora fugindo em pânico à visão do nosso exército. E sem dúvida Dhananjaya corre atrás dele para trazê-lo de volta'.

Vaisampayana continuou: 'Vendo o filho disfarçado de Pandu, os Kauravas, ó Bharata, começaram a se entregar a essas conjeturas, mas eles não podiam chegar a nenhuma conclusão definitiva. Enquanto isso Dhananjaya, perseguindo rapidamente o retirante Uttara, agarrou-o pelos cabelos dentro de cem passos. E agarrado por Arjuna, o filho de Virata começou a lamentar mais angustiadamente como alguém em grande aflição, e disse, 'Escuta, ó bom Vrihannala, ó tu de cintura bonita. Muda rapidamente a direção do carro. Aquele que vive encontra a prosperidade. Eu te darei cem moedas de ouro puro e oito lápis lazúli de grande brilho ornamentados com ouro, e uma carruagem equipada com um mastro de bandeira dourado e puxado por corcéis excelentes, e também dez elefantes de bravura enfurecida. Ó Vrihannala, liberta-me'.

"Vaisampayana continuou, 'Assim abordado aquele tigre entre homens rindo arrastou Uttara que estava quase privado dos seus sentidos, e que estava proferindo essas palavras de lamento, em direção ao carro. E o filho de Pritha então se dirigiu ao príncipe apavorado que quase tinha perdido os sentidos, dizendo, 'Se, ó castigador de inimigos, tu não ousas lutar com o inimigo, vem e segura as rédeas dos corcéis enquanto eu luto com o inimigo. Protegido pelo poder das minhas armas penetra naquele formidável e invencível esquadrão de carros protegido por guerreiros heroicos e poderosos. Não temas, ó castigador de inimigos, tu és um Kshatriya e o principal dos príncipes reais. Por que tu, ó tigre entre homens, sucumbes em meio ao inimigo? Eu sem dúvida lutarei com os Kurus e recuperarei o gado, penetrando naquele formidável e inacessível esquadrão de carros. Sê tu o meu quadrigário, ó melhor dos homens, eu lutarei com os Kurus'. Falando assim para Uttara, o filho de Virata, Vibhatsu, antes inconquistado em combate, por algum tempo o confortou. E então o filho de Pritha, aquele principal dos batedores, ergueu no carro aquele príncipe fraco e relutante tomado pelo medo!'"

39

"Vaisampayana disse, 'Observando aquele touro entre homens sentado no carro no traje de uma pessoa do terceiro sexo, dirigindo em direção à árvore Sami, tendo erguido Uttara (que fugia), todos os grandes guerreiros em carros dos Kurus com Bhishma e Drona em sua vanguarda ficaram profundamente assustados, suspeitando que aquele que chegava era Dhananjaya. E vendo-os assim desanimados e notando também os muitos presságios admiráveis, aquele principal de todos os portadores de armas, o preceptor Drona, filho de Bharadwaja, disse, 'Violentos e quentes são os ventos que sopram, derramando cascalhos em profusão. O céu também está nublado com uma escuridão de cor cinzenta. As nuvens apresentam a visão estranha de estarem secas e sem água.

As nossas armas também de vários tipos estão saindo dos seus estojos. Os chacais estão gritando horrivelmente assustados pelas conflagrações por todos os lados. Os cavalos também estão derramando lágrimas, e nossos estandartes estão tremendo embora não movidos por ninguém. Sendo essas as indicações inauspiciosas vistas, um grande perigo está próximo. Fiquem vigilantes, protejam a si mesmos e organizem as tropas em formação de batalha. Fiquem esperando um massacre terrível, e protejam bem o gado. Esse arqueiro poderoso, esse principal de todos os manejadores de armas, esse herói que vem no traje de uma pessoa do terceiro sexo é o filho de Pritha. Não há dúvida disso'. Então dirigindo-se a Bhishma o preceptor continuou, 'Ó filho do Ganges, vestido como uma mulher, aquele é Kiriti que recebeu o nome de uma árvore (pois Arjuna é o nome de uma árvore indiana), o filho do inimigo das montanhas[8], e que tem no seu estandarte o símbolo do devastador dos jardins do senhor de Lanka (Hanuman). Nos derrotando ele sem dúvida levará o gado hoje! Aquele castigador de inimigos é o filho valente de Pritha apelidado de Savyasachin. Ele não desiste de lutar nem com os deuses e demônios unidos. Sujeitado à grande privação na floresta ele vem em fúria. Ensinado até pelo próprio Indra, ele é semelhante a Indra em batalha. Portanto, ó Kauravas, eu não vejo algum herói que possa resistir a ele. É dito que o próprio senhor Mahadeva, disfarçado no traje de um caçador, foi gratificado por este filho de Pritha em combate nas montanhas de Himavat'. Ouvindo essas palavras Karna disse, 'Você sempre nos critica por falar nas virtudes de Falguna, Arjuna, no entanto, não é igual nem a uma décima sexta parte completa de mim mesmo ou Duryodhana!' E Duryodhana disse, 'Se este for Partha, ó Radheya, então o meu propósito já foi realizado, pois então, ó rei, se descobertos, os Pandavas terão que vagar por doze anos novamente. Ou, se este for alguma outra pessoa em um traje de eunuco, eu logo o prostrarei na terra com flechas de gume afiado'.

"Vaisampayana continuou, 'O filho de Dhritarashtra, ó castigador de inimigos, tendo dito isso, Bhishma e Drona e Kripa e o filho Drona todos elogiaram a sua coragem!'"

40

"Vaisampayana disse, 'Tendo alcançado aquela árvore Sami, e tendo averiguado que o filho de Virata era muito delicado e inexperiente em batalha, Partha se dirigiu a ele dizendo, 'Mandado por mim, ó Uttara, tira rapidamente de cima (desta árvore) alguns arcos que estão lá. Pois estes teus arcos são incapazes de aguentar a minha força, a minha pressão forte quando eu oprimir efetivamente cavalos e elefantes, e o estiramento dos meus braços quando eu procurar subjugar o inimigo. Portanto, ó Bhuminjaya, sobe nesta árvore de folhagem espessa, pois nesta árvore estão amarrados os arcos e flechas e estandartes e excelentes cotas de malha dos filhos heroicos de Pandu,

[8] Filho de Indra, pois antigamente foi Indra quem cortou as asas de todas as montanhas e as obrigou a serem estacionárias. Ele falhou no caso de Mainaka, o filho de Himavat.

Yudhishthira e Bhima e Vibhatsu e os gêmeos. Lá também está aquele arco de grande energia, o Gandiva de Arjuna, o qual sozinho é igual a muitos milhares de outros arcos e que é capaz de estender os limites de um reino. Grande como uma palmeira, capaz de suportar a maior pressão, a maior de todas as armas, capaz de obstruir o inimigo, belo e liso, e largo, sem um nó, e adornado com ouro, ele é firme e belo em feitio e suporta a maior pressão. E os outros arcos também que estão lá, de Yudhishthira e Bhima e Vibhatsu e dos gêmeos, são igualmente fortes e resistentes'.

41

Uttara disse, ‘Nós soubemos que um cadáver está amarrado nessa árvore. Como eu posso, portanto, sendo um príncipe por nascimento, tocá-lo com minhas mãos? Nascido na classe Kshatriya, e filho de um grande rei, e sempre praticante de mantras e votos, não é apropriado que eu o toque. Por que tu deverias, ó Vrihannala, me tornar um poluído e impuro carregador de cadáveres, por me obrigares a entrar contato com um cadáver?’

"Vrihannala disse, 'Tu, ó rei dos reis, permanecerás puro e não poluído. Não temas, há somente arcos nessa árvore e não corpos. Herdeiro do rei dos Matsyas, e nascido em uma família nobre, por que, ó príncipe, eu te faria executar tal ato reprovável?'

"Vaisampayana disse, 'Assim abordado por Partha, o filho de Virata, enfeitado com brincos, desceu do carro e subiu naquela árvore Sami relutantemente. E ficando no carro, Dhananjaya, aquele matador de inimigos, disse para ele, ‘Traze depressa para baixo aqueles arcos do topo da árvore’. E cortando os seus envoltórios primeiro e então as cordas com as quais eles estavam atados, o príncipe contemplou o Gandiva lá junto com quatro outros arcos. E como eles estavam unidos, o esplendor daqueles arcos radiante como o sol começou a brilhar com grande refulgência semelhante à dos planetas perto do momento de sua ascensão. E contemplando as formas daqueles arcos, tão semelhantes a cobras suspirando, ele ficou afligido pelo medo e num momento os pelos do seu corpo se arrepiaram. E tocando aqueles arcos grandes de esplendor magnífico, o filho de Virata, ó rei, falou desta maneira para Arjuna'".

42

"Uttara disse, 'À qual guerreiro famoso pertence este arco excelente, sobre o qual há cem enfeites dourados (em relevo) e que tem essas extremidades radiantes? De quem é este arco excelente de bons lados e alça confortável, na vara do qual brilham elefantes dourados de tal esplendor? De quem é este arco excelente, adornado com três entalhes de Indragoapkas (insetos indianos de uma espécie específica) de ouro puro, colocados no verso da vara a intervalos apropriados? De quem é este arco excelente, equipado com três sóis dourados de

grande refulgência, resplandecendo com tal brilho? De quem é este arco belo que é matizado com ouro e pedras preciosas, e sobre o qual há insetos dourados cravejados de pedras belas? De quem são estas flechas equipadas com asas em volta, totalizando mil, tendo cabeças douradas, e envolvidas em aljavas douradas? Quem possui estas flechas grandes, tão grossas, equipadas com asas de urubu, afiadas em pedra, de cor amarelada, de pontas afiadas, bem temperadas, e feitas totalmente de ferro? De quem é esta aljava de cor negra, portando cinco imagens de tigres, que contém setas misturadas com flechas [em forma] de orelha de javali totalizando dez? De quem são estas setecentas flechas, longas e grossas, capazes de beber o sangue (do inimigo), e parecidas com a lua crescente? De quem são estas flechas coroadas com ouro, cujas metades inferiores são bem equipadas com asas da cor das penas dos papagaios e as metades superiores de aço bem temperado? De quem é esta espada excelente irresistível, e terrível para os adversários, com a marca de um sapo nela, e pontuda como uma cabeça de sapo? Envolta em bainha matizada de pele de tigre, de quem é esta grande espada de lâmina excelente e matizada com ouro e provida de sinos tilintantes? De quem é esta bela cimitarra de lâmina polida e punho dourado? Fabricada no país dos Nishadas, irresistível, incapaz de ser quebrada, de quem é esta espada de lâmina polida em uma bainha de pele de vaca? De quem é esta espada bela e comprida, de cor escura como o céu, engastada com ouro, bem temperada, e encaixada em uma bainha de pele de cabra? Quem possui esta espada pesada, bem temperada, e larga, mais longa que a extensão de trinta dedos, polida pela colisão constante com armas de outros e mantida em um estojo de ouro, brilhante como fogo? De quem é esta cimitarra bela de lâmina escura coberta com saliências douradas, capaz de atravessar os corpos dos adversários, cujo toque é tão fatal quanto o de uma cobra venenosa que é irresistível e excita o terror dos inimigos? Questionado por mim, ó Vrihannala, responde-me verdadeiramente. Grande é a minha admiração à visão de todos esses objetos excelentes'.

43

"Vrihannala disse, 'Aquele sobre o qual tu perguntaste primeiro é o arco de Arjuna, de fama mundial, chamado Gandiva, capaz de devastar hostes hostis. Embelezado com ouro, este Gandiva, a mais sublime e a maior de todas as armas, pertence à Arjuna. Sozinho igual a cem mil armas, e sempre capaz de estender os confins de reinos, foi com ele que Partha venceu em batalha homens e celestiais. Venerado até pelos deuses, os Danavas e os Gandharvas, e matizado com cores excelentes, este arco grande e liso não tem um nó ou mancha em lugar nenhum. Shiva o teve primeiro por mil anos. Depois Prajapati o teve por quinhentos e três anos. Depois disso Sakra, por oitenta e cinco anos. E então Soma o teve por quinhentos anos. E depois disso Varuna o teve por cem anos. E finalmente Partha, apelidado de Swetavahana (da cor de seus corcéis), o teve por sessenta e cinco anos. Dotado de grande energia e de origem celeste superior, este é o melhor de todos os arcos. Adorado entre deuses e homens, ele tem uma forma vistosa. Partha obteve este arco belo de Varuna. Este outro arco

de lados bonitos e cabo dourado é de Bhima com o qual aquele filho de Pritha, aquele castigador de inimigos, conquistou todas as regiões do leste. Este outro arco excelente de forma bela, adornado com imagens de Indragopakas, pertence, ó filho de Virata, ao rei Yudhishthira. Esta outra arma, com sóis dourados de esplendor brilhante derramando uma refulgência deslumbrante em volta, pertence a Nakula. E este arco adornado com imagens douradas de insetos e cravejado também com joias e pedras pertence àquele filho de Madri que se chama Sahadeva. Estas flechas aladas, mil em número, afiadas como navalhas e destrutivas como o veneno de cobras, pertencem, ó filho de Virata, a Arjuna. Quando disparando-as em batalha contra inimigos, estas flechas rápidas resplandecem mais brilhantemente e se tornam inesgotáveis. E estas flechas longas e grossas parecidas com o crescente lunar em forma, de gume afiado e capazes de diminuir as tropas do inimigo, pertencem a Bhima. E esta aljava portando cinco imagens de tigres, cheia de flechas amareladas afiadas em pedra e equipadas com asas douradas pertencem a Nakula. Esta é a aljava do filho inteligente de Madri, com a qual ele conquistou em batalha todas as regiões ocidentais. E estas flechas, todas refulgentes como o sol, pintadas por todos os lados com várias cores, e capazes de destruir inimigos aos milhares são as de Sahadeva. E estas flechas curtas e bem temperadas e grossas, equipadas com penas longas e cabeças douradas, e consistindo em três grupos, pertencem ao rei Yudhishthira. E esta espada com lâmina longa e gravada com a imagem de um sapo e cabeça moldada como a boca de um sapo, forte e irresistível pertence a Arjuna. Encaixada em uma bainha de pele de tigre, de lâmina longa, bela e irresistível, e terrível para adversários, esta espada pertence a Bhimasena. De lâmina excelente e envolta em uma bainha bem pintada, e equipada com um punho dourado, esta espada vistosa pertence ao sábio Kaurava, Yudhishthira o justo. E esta espada de lâmina forte, irresistível e planejada para vários modos excelentes de luta e envolta em uma bainha de pele de cabra pertence a Nakula. E esta cimitarra enorme, envolta em uma bainha de couro de vaca, forte e irresistível pertence a Sahadeva'.

44

Uttara disse, 'De fato, estas armas enfeitadas com ouro, pertencentes a Partha de mãos ágeis e de grande alma, parecem extremamente belas. Mas onde está aquele Arjuna, o filho de Pritha, e Yudhishthira da linhagem Kuru, e Nakula, e Sahadeva, e Bhimasena, os filhos de Pandu? Tendo perdido seu reino nos dados, não se tem mais notícias dos Pandavas de grande alma, capazes de destruir a todos os inimigos. Onde também está Draupadi, a princesa de Panchala, afamada como a joia entre as mulheres, que seguiu os filhos de Pandu para a floresta depois da sua derrota nos dados?'

Arjuna disse, 'Eu sou Arjuna, também chamado Partha. O cortesão do teu pai é Yudhishthira e o cozinheiro do teu pai Vallava é Bhimasena, o tratador de cavalos é Nakula, e Sahadeva está no curral. E saibas que Sairindhri é Draupadi, por cuja causa os Kichakas foram mortos'.

Uttara disse, ‘Eu acreditarei em tudo isso se tu puderes enumerar os dez nomes de Partha, previamente ouvidos por mim!’

"Arjuna disse, 'Ó filho de Virata, eu te direi os meus dez nomes. Escuta e os compara com o que tu ouviste antes. Ouve com total atenção e mente concentrada. Eles são: Arjuna, Falguna, Jishnu, Kiritin, Swetavahana, Vibhatsu, Vijaya, Krishna, Savyasachin e Dhananjaya".

Uttara disse, ‘Dize-me realmente por que tu és chamado Vijaya, e por que Swetavahana. Por que tu és chamado de Krishna e por que Arjuna e Falguna e Jishnu e Kiritin e Vibhatsu, e por que tu és Dhananjaya e Savyasachin? Eu ouvi antes sobre a origem dos vários nomes daquele herói, e poderei por fé nas tuas palavras se tu puderes me dizer tudo sobre eles’.

"Arjuna disse, 'Eles me chamaram de Dhananjaya porque eu vivia no meio de riqueza, tendo subjugado todos os países e levado os seus tesouros. Eles me chamaram de Vijaya porque quando eu parto para lutar com reis invencíveis eu nunca volto (do campo) sem subjugá-los. Eu sou chamado de Swetavahana porque quando lutando com o inimigo cavalos brancos enfeitados com armadura dourada estão sempre unidos ao meu carro. Eles me chamam de Falguna porque eu nasci no leito do Himavat em um dia em que a constelação Uttara Falguna estava em ascendência. Eu sou chamado de Kiritin por causa de um diadema, resplandecente como o sol, ter sido colocado antigamente sobre a minha cabeça por Indra durante o meu conflito com os Danavas poderosos. Eu sou conhecido como Vibhatsu entre deuses e homens por nunca ter cometido um ato detestável no campo de batalha. E já que ambas as minhas mãos são capazes de esticar o Gandiva, eu sou conhecido como Savyasachin entre deuses e homens. Eles me chamam de Arjuna porque a minha cor é muito rara dentro dos quatro limites da terra e também porque as minhas ações são sempre imaculadas. Eu sou conhecido entre seres humanos e celestiais pelo nome de Jishnu porque eu sou inalcançável e incapaz de ser reprimido, e um domador de adversários e filho do matador de Paka. E Krishna, meu décimo nome, foi dado a mim por meu pai por afeição por seu filho de pele negra de grande pureza'.

"Vaisampayana continuou, "O filho de Virata então, se aproximando mais saudou Partha e disse, 'Meu nome é Bhuminjaya, e eu sou também chamado de Uttara. É por boa sorte, ó Partha, que eu te vejo. Tu és bem-vindo, ó Dhananjaya, ó tu de olhos vermelhos e braços que são fortes e cada um semelhante à tromba de um elefante, cabe a ti perdoar o que eu disse para ti por ignorância. E como foram extraordinárias e difíceis as façanhas realizadas por ti antes, os meus medos foram dissipados, e de fato o amor que eu tenho por ti é grande'.

45

Uttara disse, ‘Ó herói, subindo neste carro grande comigo mesmo como condutor, em qual divisão do exército (hostil) tu penetrarás? Comandado por ti, eu te levarei para onde?’

"Arjuna disse, 'Eu estou satisfeito contigo, ó tigre entre homens. Tu não tens motivo para temer. Eu derrotarei todos os teus inimigos em batalha, ó grande guerreiro. E, ó tu de braços fortes, fica à vontade. Realizando façanhas grandiosas e terríveis no combate, eu lutarei com teus inimigos. Amarra rapidamente todas aquelas aljavas ao meu carro, e pega (dentre aquelas) uma espada de lâmina polida e enfeitada com ouro'.

"Vaisampayana continuou: 'Ouvindo essas palavras de Arjuna, Uttara abandonou toda a inatividade. E ele desceu rapidamente da árvore, trazendo com ele as armas de Arjuna. Então Arjuna se dirigiu a ele, dizendo, 'Sim, eu lutarei com os Kurus e recuperarei o teu gado. Protegido por mim, o topo deste carro será para ti como uma fortaleza. As passagens e vielas e outras divisões deste carro serão as ruas e edifícios dessa cidade fortificada. Estes meus braços serão seus baluartes e portões. Este poste triplo e minhas aljavas constituirão fortificações defensivas inacessíveis ao inimigo. Este meu estandarte, único e grandioso, ele sozinho não será igual àqueles da tua cidade? Esta minha corda de arco constituirá as catapultas e canhões para vomitar mísseis sobre a hoste sitiante. A minha cólera excitada tornará esta fortaleza temível, e o estrépito das rodas do meu carro, ele não parecerá com os timbales da tua capital? Ocupado por mim mesmo manejando o Gandiva, este carro não poderá ser subjugado pela hoste hostil, ó filho de Virata, que o teu medo seja dissipado'".

"Uttara disse, 'Eu não estou mais com medo deles. Eu conheço a tua firmeza em batalha, a qual é até semelhante à de Kesava ou do próprio Indra. Mas refletindo sobre isso eu estou continuamente confuso. Tolo como sou, eu sou incapaz de chegar à conclusão certa. Por quais circunstâncias aflitivas poderia uma pessoa de tais membros belos e sinais auspiciosos se tornar privado de virilidade? De fato, tu me pareces ser Mahadeva, ou Indra, ou o chefe dos Gandharvas, somente vivendo no disfarce de uma pessoa do terceiro sexo'".

"Arjuna disse, 'Eu te digo realmente que eu estou só cumprindo este voto por um ano inteiro em conformidade com a ordem do meu irmão mais velho. Ó tu de braços fortes, eu não sou realmente alguém do sexo neutro, mas adotei este voto de eunuquismo por subserviência à vontade de outro e por desejo de mérito religioso. Ó príncipe, saibas que agora eu completei o meu voto'".

"Uttara disse, 'Tu concedeste uma grande bênção a mim hoje, pois eu agora descubro que a minha suspeita não era totalmente infundada. De fato, uma pessoa como tu, ó melhor dos homens, não poderia ser do sexo neutro. Eu tenho agora um aliado em batalha. Eu posso agora lutar com os próprios celestiais. Os meus temores foram dissipados. O que eu devo fazer? Comanda-me agora.

Treinado em dirigir carros por um preceptor erudito, ó touro entre homens, eu segurarei as rédeas dos teus cavalos que são capazes de romper as tropas de carros hostis. Saibas, ó touro entre homens, que eu sou tão competente como quadrigário como Daruka de Vasudeva, ou Matali de Sakra. O cavalo que está unido ao poste à direita (do teu carro) e cujas patas quando pousam no chão mal são visíveis quando correndo, é semelhante a Sugriva de Krishna. Este outro cavalo belo, o principal da sua raça, que está unido ao poste esquerdo, é, eu considero, igual em velocidade a Meghapushpa. Este (terceiro) cavalo belo, vestido em armadura dourada, unido ao poste traseiro à esquerda, é, eu considero, igual a Sivya em velocidade, mas superior em força. E este (quarto) cavalo, unido ao poste traseiro à direita, é considerado como superior a Valahaka em velocidade e força. Este carro é digno de conduzir no campo de batalha um arqueiro como tu, e tu também és digno de lutar neste carro. Isso é o que eu penso!'"

"Vaisampayana continuou, 'Então Arjuna, dotado de grande energia, tirou as pulseiras dos seus braços e vestiu em suas mãos um belo par de luvas bordadas com ouro. E ele então amarrou seus cabelos negros e encaracolados com um pedaço de tecido branco. E sentado naquele carro excelente com rosto virado para o leste, o herói de braços poderosos, purificando o seu corpo e concentrando sua alma, evocou em sua mente todas as suas armas. E todas as armas vieram, e se dirigindo ao filho real de Partha, disseram, 'Nós estamos aqui, ó ilustre. Nós somos tuas servas, ó filho de Indra'. E reverenciando-as, Partha as recebeu em suas mãos e respondeu a elas, dizendo, 'Vivam vocês todas em minha memória'. E obtendo todas as suas armas, o herói parecia alegre. E encordoando seu arco rapidamente, o Gandiva, ele o vibrou. E o som daquele arco era tão alto quanto a colisão de dois touros fortes. E terrível foi o som que encheu a terra, e violento foi o vento que soprou por toda parte. E grossa foi a chuva de meteoros caídos, e todos lados ficaram envoltos em escuridão. E as aves começaram a cambalear no céu e árvores grandes começaram a tremer. E, alto como o estouro do trovão, os Kurus souberam a partir daquele som que foi Arjuna quem puxou com suas mãos a corda do seu melhor dos arcos a partir de seu carro. E Uttara disse, 'Tu, ó melhor dos Pandavas, estás sozinho. Esses poderosos guerreiros em carros são muitos. Como tu subjugarás em batalha todos esses que são habilidosos com todos os tipos de armas? Tu, ó filho de Kunti, estás sem um seguidor, enquanto os Kauravas têm muitos. É por isso, ó tu de armas poderosas, que eu fico junto de ti, tomado pelo medo'. Caindo na risada, Partha disse a ele, 'Não tenhas medo, ó herói, que seguidor aliado eu tinha enquanto lutava com os Gandharvas poderosos na ocasião do Ghoshayatra? Quem era meu aliado enquanto engajado no conflito terrível em Khandava contra tantos celestiais e Danavas? Quem foi meu aliado quando eu lutei em nome do senhor dos celestiais contra os poderosos Nivatakavachas e os Paulomas? E quem foi meu aliado, ó filho, quando eu enfrentei em combate inúmeros reis no Swayamvara da princesa de Panchala? Treinado em armas pelo preceptor Drona, por Sakra, e Vaisravana, e Yama, e Varuna, e Agni, e Kripa, e Krishna da linhagem de Madhu, e pelo manejador do Pinaka (Shiva), por que eu não lutaria com estes? Dirige o meu carro depressa, e que a ansiedade do teu coração seja dissipada'".

46

"Vaisampayana disse, 'Fazendo de Uttara o seu quadrigário, e circungirando a árvore Sami, o filho de Pandu partiu levando todas as suas armas com ele. E aquele poderoso guerreiro em carro partiu com Uttara como o motorista do seu carro, tendo descido aquele estandarte com a figura do leão e o depositado ao pé da árvore Sami. E ele içou sobre aquele carro o seu próprio estandarte dourado portando a figura de um macaco com um rabo de leão, que era uma ilusão celeste idealizada pelo próprio Viswakarman. Pois foi logo, de fato, que ele tinha pensado naquele presente de Agni, que o último, conhecendo o seu desejo, mandou aquelas criaturas sobre-humanas (que usualmente ficavam lá) tomarem os seus lugares naquele estandarte. E equipado com uma bandeira bela de feitio bonito, com aljavas presas a ele, e adornado com ouro, aquele excelente mastro de bandeira de beleza celeste então rapidamente desceu do firmamento sobre o seu carro. E contemplando aquele estandarte chegado ao seu carro, o herói o circungirou (respectivamente). E então Vibhatsu de estandarte de macaco, o filho de Kunti, chamado também de Swetavahana, com dedos envolvidos em proteções de couro feitas de pele de iguana, e pegando o seu arco e flechas partiu na direção norte. E aquele opressor de inimigos, possuidor de grande força, então soprou com força a sua grande concha, de som trovejante, capaz de fazer os pelos dos inimigos se arrepiarem. E ao som daquela concha aqueles corcéis dotados de rapidez caíram ao solo sobre os joelhos. E Uttara também, imensamente assustado, sentou-se no carro. E então o filho de Kunti pegou as rédeas ele mesmo e erguendo os corcéis colocou-os em suas posições corretas. E abraçando Uttara, ele o encorajou também, dizendo, 'Não temas, ó principal dos príncipes, tu és, ó castigador de inimigos, um Kshatriya por nascimento. Por que, ó tigre entre homens, tu ficas assim desanimado no meio de inimigos? Tu deves ter ouvido antes o clangor de muitas conchas e as notas de muitas trombetas, e o rugido também de muitos elefantes no meio de tropas organizadas para a batalha. Por que tu estás, portanto, tão desanimado e agitado e apavorado pelo clangor desta concha, como se tu fosses uma pessoa comum?'"

"Uttara disse, 'Eu ouvi antes o clangor de muitas conchas e muitas trombetas e o rugido de muitos elefantes colocados nas formações de batalha, mas nunca antes eu ouvi o clangor de tal concha. Nem alguma vez eu vi um estandarte como este. Nunca antes eu ouvi também o som de um arco tal como este. Realmente, senhor, com o clangor desta concha, a vibração deste arco, os gritos sobre-humanos das criaturas colocadas neste estandarte, e o estrépito deste carro, a minha mente está muito desnorteada. A minha percepção das direções também está confusa, e o meu coração está terrivelmente angustiado. O firmamento inteiro me parece ter sido coberto por este estandarte, e tudo parece estar oculto da minha vista! Os meus ouvidos também foram ensurdecidos pelo som do Gandiva!"

"Arjuna disse, 'Permanece firmemente no carro, pressionando os teus pés sobre ele, e te agarra firmemente às rédeas, pois eu soprarei a concha outra vez'".

"Vaisampayana disse, 'Arjuna então soprou novamente a sua concha, aquela concha que enchia de aflição os inimigos e aumentava a alegria dos amigos. E o som era tão alto que ele parecia rachar colinas e montanhas, e atravessar cavernas de montanha e os pontos cardeais. E Uttara novamente se sentou no carro, agarrando-se a ele com medo. E com o clangor da concha e o estrépito das rodas do carro, e o som do Gandiva, a própria terra parecia tremer. E observando a luta de Uttara Dhananjaya começou a confortá-lo novamente'".

"Enquanto isso Drona disse, 'Pelo estrépito do carro, e pela maneira na qual as nuvens envolveram o céu e a própria terra treme, este guerreiro não pode ser ninguém mais do que Savyasachin. Nossas armas não brilham, nossos corcéis estão abatidos, e nossos fogos, embora alimentados com combustível, não resplandecem. Tudo isso é agourento. Todos os nossos animais estão dando um uivo pavoroso, olhando em direção ao sol. Os corvos estão pousando em nossos estandartes. Tudo isso é agourento. Acolá urubus e milhafres à nossa direita pressagiam um grande perigo. Aquele chacal também, passando pelas nossas tropas, geme sombriamente. Vê, ele escapou não atingido. Tudo isso pressagia uma calamidade pesada. Os pelos também de vocês todos estão arrepiados. Certamente isso prediz uma grande destruição de Kshatriyas em batalha. Coisas dotadas de luz estão todas pálidas; animais e aves parecem ferozes; e acolá são testemunhados muitos presságios terríveis indicativos da destruição de Kshatriyas. E esses presságios prognosticam grande destruição entre nós. Ó rei, as tuas tropas parecem estar confusas por esses meteoros resplandecentes, e os teus animais parecem abatidos e parecem estar derramando lágrimas. Urubus e milhafres estão se movendo de forma circular em volta das tuas tropas. Tu te arrependerás quando vires o teu exército afligido pelas flechas de Partha. De fato, as nossas tropas parecem já ter sido derrotadas, pois ninguém está ansioso para lutar. Todos os nossos guerreiros estão com o rosto pálido, e quase privados de seus sentidos. Enviando as vacas adiante nós devemos permanecer aqui, preparados para o ataque, com todos os nossos guerreiros organizados em ordem de batalha".

47

"Vaisampayana disse, 'O rei Duryodhana então, no campo de batalha disse para Bhishma, e para Drona, aquele tigre entre os guerreiros, e para Kripa, aquele poderoso guerreiro em carro, estas palavras, 'Eu mesmo e Kama tínhamos dito isso para os preceptores, (mas) eu me refiro ao assunto de novo, pois eu não estou satisfeito por ter dito isso uma vez. Esta mesma foi a promessa dos filhos de Pandu: que se derrotados (nos dados) eles residiriam para o nosso conhecimento em países e florestas por doze anos, e mais um ano desconhecidos por nós. Aquele décimo terceiro ano, em vez de estar terminado, ainda está correndo. Vibhatsu, portanto, que ainda tem que viver escondido, apareceu diante de nós. E se Vibhatsu veio antes do período de exílio estar terminado os Pandavas terão que passar outros doze anos nas florestas. Se é devido a esquecimento (da parte

deles) induzido por desejo de domínio, ou se isso é um erro nosso, cabe a Bhishma calcular a curteza ou excesso (do período prometido). Quando um objeto de desejo pode ou não pode ser alcançado, uma dúvida necessariamente se liga a uma das alternativas, e o que é decidido de uma maneira muitas vezes termina de outro modo. Até moralistas são confundidos ao julgarem as suas próprias ações. Quanto a nós, nós viemos para cá para lutar com os Matsyas e arrebatar o seu gado colocado em direção ao norte. Se, enquanto isso, é Arjuna quem vem, que erro pode se vincular a nós? Nós viemos aqui para lutar com os Matsyas em nome dos Trigartas; e como foram numerosas as ações relatadas para nós das opressões cometidas pelos Matsyas, foi por isso que nós prometemos ajuda aos Trigartas que estavam dominados pelo medo. E estava combinado entre nós que eles deveriam capturar primeiro, na tarde do sétimo dia lunar, a enorme riqueza em gado que os Matsyas têm, e que nós devíamos, ao nascer do sol do oitavo dia da lua, apanhar essas vacas quando o rei dos Matsyas estivesse perseguindo aquelas roubadas primeiro. Pode ser que os Trigartas estejam agora levando as vacas no caminho, ou, sendo derrotados, estejam vindo em direção a nós para negociar com o rei dos Matsyas. Ou, pode ser que tendo rechaçado os Trigartas, o rei dos Matsyas, na vanguarda do seu povo e seu exército inteiro de guerreiros ferozes, apareça em cena e avance para fazer ataques noturnos sobre nós. Pode ser que algum líder entre eles, dotado de energia poderosa, esteja avançando para nos subjugar, ou pode ser que o próprio rei dos Matsyas esteja vindo. Mas seja o rei dos Matsyas ou Vibhatsu, todos nós devemos lutar com ele. Essa mesma foi a nossa promessa. Por que todos estes principais guerreiros em carros, Bhishma e Drona e Kripa e Vikarna e o filho de Drona, estão agora sentados em seus carros, em pânico? No momento não há nada melhor do que lutar. Portanto, decidam. Se pelo gado que nós arrebatamos ocorrer um combate com o próprio manejador divino do raio ou até com Yama, quem seria capaz de alcançar Hastinapura? Perfurados pelas flechas (do inimigo), como os soldados de infantaria, ao fugirem pela floresta profunda de costas para o campo, escapariam com vida, quando a fuga para a cavalaria é duvidosa?’ Ouvindo essas palavras de Duryodhana, Karna disse, 'Desconsiderando o preceptor, faze todos os arranjos. Ele conhece bem as intenções dos Pandavas e inflige terror em nossos corações. Eu vejo que o afeto dele por Arjuna é muito grande. Vendo-o apenas se aproximando ele canta os seus louvores. Façam os preparativos de modo que as nossas tropas não se rompam. Tudo está em confusão por Drona ter somente ouvido o relincho dos corcéis (de Arjuna). Façam planos para que estas tropas, vindo a uma terra distante nesta estação quente e no meio desta floresta imensa, não possam cair em confusão e ser subjugadas pelo inimigo. Os Pandavas são sempre os favoritos especiais do preceptor. Os Pandavas egoístas colocaram Drona contra nós. De fato, ele se trai por suas palavras. Quem exaltaria uma pessoa ao ouvir somente o relincho dos seus corcéis? Cavalos sempre relincham, estejam andando ou parados, os ventos sopram em todos os momentos; e Indra também sempre derrama chuva. O ribombo das nuvens pode ser ouvido frequentemente. O que Partha tem a ver com isso, e por que ele deve ser elogiado por isso? Tudo isso (da parte de Drona), portanto, é devido somente ao desejo de fazer o bem para Arjuna ou à sua cólera e ódio em relação a nós. Preceptores são sábios, e impecáveis, e muito bondosos para com todas as criaturas. Eles, no

entanto, nunca devem ser consultados em tempos de perigo. É em palácios luxuosos, e assembleias e jardins de diversão que homens eruditos, capazes de fazer discursos, parecem estar em seu lugar. Realizando muitas coisas admiráveis na assembleia, é lá que aqueles homens eruditos encontram o seu lugar, ou mesmo lá onde utensílios sacrificais e sua colocação e lavagem apropriadas são necessárias. No conhecimento dos lapsos de outros, no estudo do caráter dos homens, na ciência de cavalos e elefantes e carros, no tratamento das doenças dos jumentos e camelos e cabras e ovelhas e vacas, no planejamento de construções e portões, e na indicação dos defeitos de comida e bebida, os eruditos estão realmente em sua própria esfera. Desconsiderando homens eruditos que exaltam o heroísmo do inimigo, façam arranjos de modo que o inimigo possa ser destruído. Colocando o gado em segurança, organizem as tropas em formação de combate. Coloquem guardas em lugares apropriados para que nós lutemos com o inimigo'".

48

"Karna disse, 'Eu vejo todos esses abençoados parecendo alarmados e em pânico e irresolutos e relutantes em combater. Se aquele que vem é o rei dos Matsyas ou Vibhatsu, eu mesmo resistirei a ele como as margens resistem ao mar que aumenta. Atiradas do meu arco, estas flechas retas e voadoras, como cobras deslizantes, são todas certas do alvo. Disparadas pelas minhas mãos ágeis, estas flechas de gume afiado equipadas com asas douradas cobrirão Partha completamente, como gafanhotos cobrindo uma árvore. Fortemente pressionada por estas flechas aladas, a corda do arco fará estas minhas proteções de couro produzirem sons que serão ouvidos parecidos com os de um par de timbales. Tendo estado engajado em austeridades ascéticas pelos últimos oito e cinco anos, Vibhatsu só me atingirá brandamente neste conflito, e o filho de Kunti tendo se tornado um brâmane dotado de boas qualidades dessa maneira se tornou uma pessoa apta para receber quietamente flechas aos milhares disparadas por mim. Este arqueiro poderoso é, de fato, célebre nos três mundos. Eu, também, não sou, de nenhuma maneira, inferior a Arjuna, aquele principal dos seres humanos. Com flechas douradas equipadas com asas de urubu atiradas por todos os lados que o firmamento pareça hoje enxamear com pirilampos. Matando Arjuna em batalha, eu pagarei hoje aquela dívida, difícil de ser paga, mas prometida antigamente por mim para o filho de Dhritarashtra. Que homem há, mesmo entre todos os deuses e os Asuras, que aguentaria permanecer nos dentes das flechas retas disparadas do meu arco? Que as minhas flechas voadoras, aladas e achatadas no meio, apresentem o espetáculo do percurso dos pirilampos pelo céu. Embora ele seja firme como o raio de Indra e possuidor da energia do chefe dos celestiais, eu certamente oprimirei Partha, assim como alguém aflige um elefante por meio de tições ardentes. Um heroico e poderoso guerreiro em carro como ele é, e o principal de todos os manejadores de armas, eu apanharei Partha sem resistência assim como Garuda agarrando uma cobra. Irresistível como fogo e alimentado pelo combustível de espadas, dardos, e flechas, o flamejante fogo-Pandava que

consome inimigos será extinto por mim mesmo que sou como uma nuvem imensa constantemente derramando uma chuva de flechas, aquela multidão de carros (que eu liderarei) constituindo seu trovão, e a velocidade dos meus cavalos o vento em antecipação. Disparadas do meu arco, as minhas flechas como cobras venenosas furarão o corpo de Partha, como serpentes penetrando através de um formigueiro. Perfurado com flechas bem temperadas e retas dotadas de asas douradas e grande energia, contemplem hoje o filho de Kunti adornado como uma colina coberta com flores Karnikara. Tendo obtido armas daquele melhor dos ascetas, o filho de Jamadagni, eu, confiando em sua energia, lutaria com até os celestiais. Atingido pelo meu dardo, o macaco colocado no topo do seu estandarte cairá hoje na terra, proferindo gritos terríveis. O firmamento hoje ficará cheio com os gritos das criaturas (sobre-humanas) colocadas no mastro de bandeira do inimigo, e afligidas por mim, elas fugirão em todas as direções. Eu hoje arrancarei pelas raízes o dardo que está há muito tempo no coração de Duryodhana por derrubar Arjuna do seu carro. Os Kauravas hoje verão Partha com seu carro quebrado, seus cavalos mortos, sua bravura perdida, e ele mesmo suspirando como uma cobra. Que os Kauravas, seguindo a sua própria vontade vão embora levando esta fartura de gado, ou, se eles desejarem, que eles fiquem em seus carros e testemunhem o meu combate'".

49

"Kripa disse, 'Ó Radheya, o teu coração desonesto sempre se inclina para a guerra. Tu não conheces a natureza verdadeira das coisas; nem tu levas em conta as suas consequências posteriores. Há vários tipos de recursos deduzíveis das escrituras. Desses, um combate é considerado pelos conhecedores do passado como o mais pecaminoso. É só quando hora e lugar são favoráveis que operações militares podem levar ao êxito. No caso atual, no entanto, o tempo sendo desfavorável, nenhum bom resultado será derivado. Uma exposição de bravura em hora e lugar apropriados se torna benéfica. É pela benignidade ou não (de hora e lugar) ou o contrário que a conveniência de uma ação é determinada. Homens eruditos nunca podem agir segundo as ideias de um fabricante de carros. Em vista de tudo isso, um confronto com Partha não é aconselhável para nós. Sozinho ele salvou os Kurus (dos Gandharvas), e sozinho ele saciou Agni. Sozinho ele levou a vida de um Brahmacharin por cinco anos (no leito de Himavat). Colocando Subhadra em seu carro, sozinho ele desafiou Krishna para um duelo. Sozinho ele lutou com Rudra que ficou diante ele como um monteiro. Foi nessa mesma floresta que Partha resgatou Krishnâ quando ela estava sendo raptada (por Jayadratha). Foi só ele que, por cinco anos, estudou a ciência de armas sob Indra. Sozinho subjugando todos os inimigos ele espalhou a fama dos Kurus. Sozinho aquele castigador de inimigos venceu em batalha Chitrasena, o rei dos Gandharvas e num momento as suas tropas invencíveis também. Só ele derrotou em batalha os ferozes Nivatakavachas e os Kalakhanchas, que não podiam ser mortos pelos próprios deuses. O que, no entanto, ó Kama, foi realizado por ti sozinho como algum dos filhos de Pandu, cada um dos quais

subjugou sozinho muitos senhores da terra? Até o próprio Indra é inepto para enfrentar Partha em combate. Aquele, portanto, que deseja lutar com Arjuna deve tomar um sedativo. Quanto a ti mesmo, tu desejas tirar as presas de uma cobra enfurecida de veneno virulento por esticar a tua mão direita e estender o teu indicador. Ou, vagando sozinho na floresta tu desejas dominar um elefante enfurecido e ir até um javali sem um laço na mão. Ou, besuntado com manteiga clarificada e vestido em mantos de seda, tu desejas passar pelo meio de um fogo ardente alimentado com gordura e sebo e manteiga clarificada. Quem iria, atando suas próprias mãos e pés e amarrando uma pedra enorme ao seu pescoço, cruzar o oceano nadando com seus braços nus? Que virilidade há em tal ação? Ó Kama, é um tolo aquele que, sem habilidade com armas e sem força, deseja lutar com Partha que é tão poderoso e habilidoso com armas! Desonestamente enganado por nós e libertado de um exílio de treze anos, o herói ilustre não nos aniquilará? Tendo ignorantemente vindo para um lugar onde Partha se encontra oculto como fogo escondido em um poço, nós, de fato, nos expusemos a um grande perigo. Mas embora ele seja irresistível em batalha, nós devemos lutar contra ele. Que, portanto, as nossas tropas, vestidas com armaduras, fiquem aqui organizadas em fileiras e prontas para atacar. Que Drona e Duryodhana e Bhishma e tu mesmo e o filho de Drona e nós mesmos lutemos todos com o filho de Pritha. Ó Kama, não ajas tão imprudentemente a ponto de lutar sozinho. Se nós, seis guerreiros em carros, estivermos unidos, nós poderemos então estar à altura e lutar com aquele filho de Pritha que está decidido a lutar e que é tão feroz quanto o manejador do raio. Ajudados por nossas tropas organizadas em fileiras, nós mesmos, grandes arqueiros, permanecendo cautelosamente lutaremos com Arjuna assim como os Danavas enfrentaram Vasava em batalha'".

50

"Aswatthaman disse, 'O gado, ó Karna, ainda não foi obtido, eles ainda nem cruzaram o limite (dos domínios de seu dono), nem mesmo alcançaram Hastinapura. Por que tu, portanto, te gabas de ti mesmo? Tendo ganhado batalhas numerosas, e adquirido riqueza enorme, e subjugado hostes hostis, homens de heroísmo verdadeiro não falam uma palavra a respeito da sua coragem. O fogo queima silenciosamente e silenciosamente o sol brilha. Silenciosamente também a Terra sustenta as criaturas, móveis e imóveis. O Autoexistente sancionou tais ofícios para as quatro classes que recorrendo a eles cada um pode obter riqueza sem ser censurável. Um brâmane, tendo estudado os Vedas, deve realizar sacrifícios ele mesmo, e oficiar nos sacrifícios de outros. E um Kshatriya, dependendo do arco, deve realizar sacrifícios ele mesmo, mas nunca deve oficiar nos sacrifícios de outros. E o Vaisya, tendo ganhado riqueza, deve fazer os ritos ordenados nos Vedas serem realizados para si mesmo. Um Sudra deve sempre atender e servir às outras três classes. Com relação àqueles que vivem por praticar a profissão de flores e vendedores de carne, eles podem ganhar riqueza por meios repletos de engano e fraude. Sempre agindo segundo os ditames das escrituras, os filhos exaltados de Pandu adquiriram a soberania da terra inteira, e eles sempre agem respeitosamente para com os seus superiores, mesmo que os

últimos demonstrem ser hostis a eles. Qual Kshatriya expressaria alegria em ter obtido um reino por meio de um jogo de dados, como este filho mau e sem vergonha de Dhritarashtra? Tendo adquirido riqueza dessa maneira por engano e fraude como um vendedor de carne, quem que fosse sábio se gabaria disso? Em que duelo tu derrotaste Dhananjaya, ou Nakula, ou Sahadeva, embora tu tivesses roubado deles a sua riqueza? Em que combate tu derrotaste Yudhishthira, ou Bhima, aquele principal dos homens fortes? Em que batalha Indraprastha foi conquistada por ti? O que tu fizeste, no entanto, ó tu de atos perversos, foi arrastar aquela princesa para a corte enquanto ela estava indisposta e tinha somente um traje colocado! Tu cortaste a raiz poderosa, delicada como o sândalo, da árvore Pandava. Estimulado pelo desejo de riqueza, quando tu fizeste os Pandavas agirem como escravos, tu te lembras do que Vidura disse! Nós vemos que homens e outros, até insetos e formigas, demonstram clemência segundo o seu poder de tolerância. O filho de Pandu, no entanto, é incapaz de perdoar os sofrimentos de Draupadi. Certamente, Dhananjaya vem aqui para a destruição dos filhos de Dhritarashtra. É verdade, aparentando grande sabedoria, tu és a favor de fazer discursos, mas Vibhatsu, aquele matador de inimigos, não nos exterminará a todos? Sejam deuses, ou Gandharvas ou Asuras, ou Rakshasas, Dhananjaya o filho de Kunti desistirá de lutar por pânico? Inflamado com cólera, aquele sobre quem ele cair ele derrubará assim como uma árvore sob o peso de Garuda! Superior a ti em destreza, em perícia na arte de manejar o arco igual ao próprio senhor dos celestiais, e em batalha igual ao próprio Vasudeva, quem é que não elogiaria Partha? Neutralizando armas celestes com celestes, e armas humanas com humanas, que homem está à altura de Arjuna? Aqueles familiarizados com as escrituras declaram que um discípulo não é de forma alguma inferior a um filho, e é por isso que o filho de Pandu é um favorito de Drona. Emprega agora os meios que tu adotaste na partida de dados, os mesmos meios pelos quais tu subjugaste Indraprastha, e os mesmos meios pelos quais tu arrastaste Krishnâ para a assembleia! Este teu tio sábio, totalmente conhecedor dos deveres da classe Kshatriya, este jogador fraudulento Sakuni, o príncipe de Gandhara, que ele lute agora! O Gandiva, no entanto, não lança dados tais como o Krita ou o Dwapara, mas ele atira sobre inimigos flechas resplandecentes de gume afiado às miríades. As flechas ardentes disparadas do Gandiva, dotadas de grande energia e equipadas com asas de urubu, podem perfurar até montanhas. O destruidor de todos, chamado Yama, e Vayu, e Agni de rosto de cavalo, deixam um resíduo para trás, mas Dhananjaya inflamado com fúria nunca faz isso. Como tu, ajudado por teu tio, jogaste os dados na assembleia, dessa maneira luta nesta batalha protegido pelo filho de Suvala. Que o preceptor, se ele escolher, lute; eu, no entanto, não lutarei com Dhananjaya. Nós devemos lutar com o rei dos Matsyas, se de fato, ele vier no rastro do gado'".

51

"Bhishma disse, 'O filho de Drona observou bem, e Kripa também observou corretamente. Quanto a Kama, é somente por respeito pelos deveres da classe

Kshatriya que ele deseja lutar. Nenhum homem de sabedoria pode culpar o preceptor. Eu, no entanto, sou de opinião que nós devemos lutar, considerando a hora e o lugar. Por que não deveria ficar desnorteado aquele homem que tem cinco adversários refulgentes como cinco sóis, que são heroicos combatentes e que há pouco saíram da adversidade? Até aqueles familiarizados com a moralidade ficam confusos em relação aos seus próprios interesses. É por isso, ó rei, que eu te digo isso, sejam as minhas palavras aceitáveis para vocês ou não. O que Karna disse para ti foi só para fortalecer a nossa coragem (que enfraquecia). Com relação a ti mesmo, ó filho do preceptor, perdoa tudo. O assunto à mão é muito sério. Quando o filho de Kunti se aproxima, este não é o momento para discussão. Tudo deve agora ser perdoado por ti e pelo preceptor Kripa. Como luz no sol, o domínio de todas as armas reside em vocês. Como a beleza nunca está separada de Chandramas, assim os Vedas e a arma Brahma estão ambos estabelecidos em vocês. É visto frequentemente que os quatro Vedas vivem em um objeto e os atributos Kshatriya em outro. Nós nunca soubemos desses dois residindo juntos em alguma outra pessoa além do preceptor da família Bharata e seu filho. Isso mesmo é o que eu penso. Nos Vedantas, nos Puranas, e nas histórias antigas, quem exceto Jamadagni, ó rei, seria superior a Drona? Uma combinação da arma Brahma com os Vedas, isso nunca é visto em algum outro lugar. Ó filho do preceptor, perdoa. Este não é o momento para desunião. Que todos nós, nos unindo, lutemos com o filho de Indra que se aproxima. De todas as calamidades que podem acontecer a um exército enumeradas por homens de sabedoria, a pior é a desunião entre os líderes’. Aswatthaman disse, 'Ó touro entre homens, essas tuas observações justas não precisam ser proferidas na nossa presença; o preceptor, no entanto, cheio de ira, falou das virtudes de Arjuna. As virtudes até de um inimigo devem ser admitidas, enquanto as falhas mesmo do próprio preceptor podem ser indicadas; portanto se deve, com todas as forças, declarar os méritos de um filho ou de um discípulo'.

"Duryodhana disse, 'Que o preceptor conceda seu perdão e que a paz seja restaurada. Se o preceptor estivesse de acordo conosco, o que quer que devesse ser feito (em vista da emergência atual) pareceria já ter sido feito'.

Vaisampayana continuou, ‘Então, ó Bharata, Duryodhana ajudado por Kama e Kripa e Bhishma de grande alma acalmaram Drona’.

"Drona disse, 'Eu já fui apaziguado pelas palavras faladas primeiro por Bhishma, o filho de Santanu. Que sejam feitos arranjos de tal maneira que Partha não possa se aproximar de Duryodhana em batalha. E que sejam feitos planos para que o rei Duryodhana não possa ser capturado pelo inimigo, por consequência da sua impetuosidade ou falta de juízo. Arjuna, de fato, não se revelou antes do término do período de exílio. Nem ele perdoará esta (nossa) ação hoje, tendo somente recuperado o gado. Que arranjos, portanto, sejam feitos para que ele não tenha êxito em atacar o filho de Dhritarashtra e derrotar nossas tropas. Como eu mesmo (que estou incerto do término do período de exílio) Duryodhana também tinha falado assim antes. Mantendo isso em mente, cabe ao filho de Ganga dizer o que é verdadeiro'".

52

"Bhishma disse, 'A roda do tempo gira com suas divisões, ou seja, com Kalas e Kasthas e Muhurtas e dias e quinzenas e meses e constelações e planetas e estações e anos. Por causa dos seus excedentes fracionários e dos desvios também dos corpos celestes há um aumento de dois meses a cada cinco anos. Parece-me que calculando dessa maneira haveria um excedente de cinco meses e doze noites em treze anos. Tudo, portanto, o que os filhos de Pandu prometeram foi cumprido exatamente por eles. Sabendo isso com certeza Vibhatsu fez seu aparecimento. Todos eles são de grande alma e totalmente conhecedores dos sentidos das escrituras. Como se desviariam da virtude aqueles que têm Yudhishthira como seu guia? Os filhos de Kunti não cedem à tentação. Eles realizaram uma façanha difícil. Se eles tivessem cobiçado a posse do seu reino por meios injustos então aqueles descendentes da linhagem Kuru teriam procurado mostrar sua bravura na hora da partida de dados. Amarrados nos laços da virtude eles não se desviam dos deveres da classe Kshatriya. Aquele que os considerar como tendo se comportado falsamente certamente encontrará a derrota. Os filhos de Pritha prefeririam a morte à mentira. Quando chega a hora, no entanto, aqueles touros entre homens, os Pandavas, dotados de energia como a de Sakra, não desistirão do que é deles mesmo que aquilo seja defendido pelo próprio manejador do raio. Nós teremos que nos opor em batalha àquele principal de todos os manejadores de armas. Portanto, que tais arranjos vantajosos que têm a sanção dos bons e honestos sejam feitos agora sem perda de tempo para que as nossas posses não sejam apropriadas pelo inimigo. Ó rei dos reis, ó Kaurava, eu nunca vi uma batalha na qual um dos partidos pudesse dizer, 'Nós estamos certos da vitória'. Quando uma batalha ocorre deve haver vitória ou derrota, prosperidade ou adversidade. Sem dúvida, um partido em uma batalha deve ter um dos dois. Portanto, ó rei dos reis, se um combate é agora apropriado ou não, compatível com a virtude ou não, faze logo os teus arranjos, pois Dhananjaya está perto'.

Duryodhana disse, 'Eu, ó avô, não devolverei aos Pandavas o seu reino. Que toda a preparação, portanto, para a batalha seja feita sem demora'.

"Bhishma disse, 'Escuta o que eu considero apropriado, se isto te agradar. Eu devo sempre dizer o que é para o teu bem, ó Kaurava. Procede em direção à capital, sem perda de tempo, levando contigo uma quarta parte do exército. E que outro quarto marche escoltando o gado. Com metade das tropas nós lutaremos com o Pandava. Eu mesmo e Drona, e Karna e Aswatthaman e Kripa resistiremos resolutamente a Vibhatsu, ou ao rei dos Matsyas, ou ao próprio Indra, se ele se aproximar. De fato, nós resistiremos a qualquer um desses como a margem resistindo à elevação do oceano'.

"Vaisampayana continuou, 'Essas palavras faladas por Bhishma de grande alma foram aceitáveis para eles, e o rei dos Kauravas agiu em conformidade sem demora. E tendo expedido o rei e então as vacas, Bhishma começou a organizar

os soldados em formação de combate. E dirigindo-se ao preceptor ele disse, 'Ó preceptor, permanece no centro, e que Aswatthaman fique à esquerda, e que o sábio Kripa, filho de Saradwata, defenda a ala direita, e que Karna da casta Suta, vestido em armadura, permaneça na vanguarda. Eu ficarei na retaguarda do exército inteiro, protegendo-o daquele ponto'".

53

"Vaisampayana disse, 'Depois que os Kauravas, ó Bharata, tinham tomado a sua posição nessa ordem, Arjuna, enchendo o ar com o estrépito e ruído de seu carro, avançou rapidamente em direção a eles. E os Kurus contemplaram seu estandarte no topo e ouviram o estrépito e estrondo do seu carro como também o som do Gandiva esticado repetidamente por ele. E observando tudo isso, e vendo aquele grande guerreiro em carro, o manejador do Gandiva, se aproximar, Drona falou assim, 'Aquele é o estandarte principal de Partha que brilha à distância, e este é o barulho do carro dele, e aquele é o macaco que ruge terrivelmente. De fato, o macaco inflige terror nas tropas. E lá, colocado sobre aquele carro excelente, o principal dos guerreiros em carros estica o melhor dos arcos, o Gandiva, cujo som é tão alto quanto o trovão. Vejam, estas duas flechas vindo juntas caem aos meus pés, e duas outras passam mal-e-mal tocando as minhas orelhas. Completando o período de exílio e tendo realizado muitas façanhas admiráveis, Partha me saúda e sussurra em meus ouvidos. Dotado de sabedoria e querido por seus parentes, este Dhananjaya, o filho de Pandu, é, de fato, visto por nós depois de um longo tempo, resplandecente com beleza e graça. Possuidor de carro e flechas, equipado com belas proteções e aljava e concha e estandarte e cota de malha, enfeitado com diadema e cimitarra e arco, o filho de Pritha brilha como o fogo resplandecente (Homa) cercado com as conchas sacrificais e alimentado com manteiga sacrifical'.

"Vaisampayana continuou: 'Vendo os Kurus prontos para a batalha, Arjuna, dirigindo-se ao filho de Matsya em palavras apropriadas à ocasião, disse, 'Ó quadrigário, detém os corcéis em tal ponto de onde as minhas flechas possam alcançar o inimigo. Enquanto isso me deixa ver onde está, no meio desse exército, aquele canalha vil da família Kuru. Desconsiderando todos esses, e escolhendo aquele mais presunçoso dos príncipes eu cairei sobre a sua cabeça, pois após a derrota daquele canalha os outros se considerarão derrotados. Lá está Drona, e atrás dele o seu filho. E lá estão aqueles arqueiros formidáveis, Bhishma e Kripa e Kama. Eu não vejo, no entanto, o rei lá. Eu suspeito que ansioso para salvar sua vida ele tenha fugido pela estrada sul, levando o gado com ele. Deixando este esquadrão de guerreiros em carros, procede para o local onde Suyodhana está. Lá eu lutarei, ó filho de Virata, pois lá o combate não será inútil. Derrotando-o eu voltarei, trazendo o gado'.

"Vaisampayana continuou, 'Assim abordado, o filho de Virata conteve os corcéis com um esforço e virou-os por meio de um puxão nas rédeas do local onde aqueles touros da raça Kuru estavam, e os incitou em direção ao lugar onde

Duryodhana estava. E quando Arjuna foi embora deixando aquele numeroso esquadrão de carros, Kripa, adivinhando a sua intenção, se dirigiu aos seus próprios companheiros, dizendo, 'Vibhatsu não deseja tomar sua posição em um lugar afastado do rei. Vamos nos lançar rapidamente sobre os flancos do herói que avança. Quando inflamado com cólera ninguém mais, sem ajuda, pode enfrentá-lo em combate salvo o deus de mil olhos, ou Krishna o filho de Devaki. De que utilidade para nós seria o gado ou esta riqueza vasta também, se Duryodhana fosse afundar, como um barco, no oceano de Partha?' Enquanto isso Vibhatsu, tendo procedido em direção àquela divisão do exército, se anunciou rapidamente por nome, e cobriu as tropas com suas flechas numerosas como gafanhotos. E cobertos com aquelas incontáveis flechas atiradas por Partha os guerreiros hostis não podiam ver nada, a própria terra e o céu ficando submersos nelas. E os soldados que tinham estado preparados para a luta estavam tão confusos que ninguém podia nem fugir do campo. E vendo a agilidade de mão de Partha todos eles a elogiaram mentalmente. E Arjuna então soprou sua concha que sempre fazia os pelos do inimigo se arrepiarem. E vibrando o seu melhor dos arcos ele incitou as criaturas em seu mastro de bandeira a rugirem mais terrivelmente. E pelo clangor da sua concha e o estrépito das rodas de seu carro, e o som do Gandiva, e o rugido das criaturas sobre-humanas colocadas em seu mastro de bandeira, a própria terra começou a tremer. E agitando os seus rabos erguidos e mugindo juntos, os bovinos retrocederam, procedendo pela estrada sul'".

54

"Vaisampayana disse, 'Tendo desorganizado a hoste hostil à força e tendo recuperado as vacas, aquele principal dos arqueiros, desejoso de lutar novamente, foi em direção a Duryodhana. E vendo as vacas correndo desenfreadas em direção à cidade dos Matsyas, os principais guerreiros dos Kurus consideraram que Kiritin já tinha obtido êxito. E de repente eles se lançaram sobre Arjuna que estava avançando em direção a Duryodhana. E observando as suas incontáveis divisões firmemente organizadas em ordem de batalha com inúmeros estandartes tremulando sobre deles, aquele matador de inimigos, dirigindo-se ao filho do rei dos Matsyas, disse, 'Incita adiante, ao máximo da sua velocidade por esta estrada, estes corcéis brancos enfeitados com rédeas douradas. Esforça-te bem, pois eu me aproximarei desta multidão de leões Kuru. Como um elefante desejando um duelo com outro, o filho de Suta de alma perversa deseja avidamente um combate comigo. Leva-me, ó príncipe, até ele que se tornou tão orgulhoso sob o patrocínio de Duryodhana'. Assim abordado, o filho de Virata por meio daqueles corcéis grandes dotados da velocidade do vento e equipados com armadura dourada rompeu aquela formação de carros e levou o Pandava para o meio do campo de batalha. E vendo isso aqueles poderosos guerreiros em carros, Chitrasena e Sangramajit e Satrusaha e Jaya, desejosos de ajudar Karna, se precipitaram com setas e flechas longas em direção ao herói da linhagem Bharata que avançava. Então aquele principal dos homens, enfurecido, começou a consumir por meio de flechas ardentes disparadas de seu arco aquela

formação de carros pertencente àqueles touros entre os Kurus, como um incêndio tremendo consumindo uma floresta. Então, quando a batalha começou a assolar furiosamente, o herói Kuru, Vikarna, montado em seu carro, se aproximou daquele principal dos guerreiros em carros, Partha, o irmão mais novo de Bhima, derramando sobre ele flechas terríveis grossas e longas. Então cortando o arco de Vikarna equipado com uma corda resistente e cornos cobertos com ouro, Arjuna cortou seu mastro de bandeira. E Vikarna, vendo sua haste cortada, se pôs em fuga rapidamente. E depois da fuga de Vikarna, Satruntapa, incapaz de reprimir sua ira, começou a afligir Partha, aquele obstrutor de inimigos e realizador de façanhas sobre-humanas, por meio de uma perfeita chuva de flechas. E mergulhado, por assim dizer, no meio das tropas Kuru, Arjuna, perfurado por aquele guerreiro em carro poderoso, o rei Satruntapa, perfurou o último em retorno com cinco e então matou o motorista do carro dele com dez flechas, e perfurado por aquele touro da raça Bharata com uma flecha capaz de penetrar a cota de malha mais grossa, Satruntapa caiu morto sobre o campo de batalha, como uma árvore de um topo de montanha arrancada pelo vento. E aqueles corajosos touros entre homens, mutilados em combate por aquele touro valente entre homens, começaram a vacilar e a tremer como florestas imensas agitadas pela violência do vento que sopra na hora da dissolução universal. E atingidos em batalha por Partha, o filho de Vasava, aqueles heróis bem-vestidos entre homens, aqueles doadores de riqueza dotados da energia de Vasava, derrotados e privados de vida, começaram a se estatelar no solo como elefantes Himalayan crescidos vestidos em armadura de aço preto adornado com ouro. E como um fogo intenso consumindo uma floresta no fim do verão, aquele principal dos homens, manejando o Gandiva, percorreu o campo em todas as direções, matando seus inimigos em batalha dessa maneira. E como o vento vaga à vontade, espalhando massas de nuvens e folhas caídas na primavera, assim aquele principal dos guerreiros em carros, Kiritin, causou devastação naquele combate, dispersando todos os seus inimigos à sua frente. E logo matando os corcéis vermelhos unidos ao carro de Sangramajit, o irmão do filho de Vikatana, aquele herói enfeitado com diadema e dotado de grande vigor então cortou a cabeça do seu adversário com uma flecha em forma de meia-lua. E quando o seu irmão tinha sido morto o filho de Vikartana da casta Suta, reunindo toda a sua coragem, avançou em Arjuna, como um elefante enorme com presas esticadas, ou como um tigre em um touro forte. E o filho de Vikarna rapidamente perfurou o filho de Pandu com doze flechas e todos os seus corcéis também em todas as partes de seus corpos e o filho de Virata também na mão. E precipitando-se impetuosamente contra o filho de Vikarna que estava de repente avançando contra ele, Kiritin atacou-o ferozmente como Garuda de plumagem matizada mergulhando sobre uma cobra. E ambos eram arqueiros notáveis, e ambos eram dotados de grande força, e ambos eram capazes de matar inimigos. E vendo que um duelo era iminente entre eles, os Kauravas, ansiosos para testemunhar isso, permaneceram à distância como espectadores. E vendo o ofensor Karna o filho de Pandu, excitado à fúria, e contente também em tê-lo, logo tornou a ele, seus cavalos, seu carro, e motorista do carro invisíveis por meio de uma chuva tremenda de flechas incontáveis. E os guerreiros dos Bharatas encabeçados por Bhishma, com seus cavalos, elefantes, e carros, perfurados por Kiritin e tornados invisíveis por meio de suas flechas,

suas tropas também espalhadas e divididas, começaram a lamentar alto em aflição. O ilustre e heroico Karna, no entanto, neutralizando com inúmeras flechas próprias aquelas flechas pela mão de Arjuna, logo irrompeu em vista com arco e flechas como um fogo ardente. E então lá se ergueu o som de aplausos altos, com o clangor de conchas e trombetas e timbales feitos pelos Kurus enquanto eles aplaudiam o filho de Vikartana que enchia a atmosfera com o som da sua corda de arco batendo contra sua proteção. E vendo Kiritin enchendo o ar com o som do Gandiva, e o rabo erguido do macaco que constituía sua bandeira e aquela criatura terrível gritando furiosamente do topo de sua haste, Karna deu um rugido alto. E afligindo por meio de suas flechas o filho de Vikartana junto com seus corcéis, carro e motorista do carro, Kiritin impetuosamente despejou uma chuva de flechas sobre ele, lançando seus olhos no avô e Drona e Kripa. E o filho de Vikartana também despejou sobre Partha uma chuva pesada de flechas como uma nuvem carregada de chuva. E Arjuna enfeitado com diadema também cobriu Karna com uma grossa torrente de flechas de gume afiado. E os dois heróis colocados em seus carros, criando nuvens de setas de gume afiado em um combate que continuou por meio de inúmeras flechas e armas, pareceram para os espectadores como o sol e a lua cobertos por nuvens. E Karna de mão ágil, incapaz de suportar a visão do inimigo, perfurou os quatro cavalos do herói enfeitado com diadema com flechas afiadas, e então atingiu o motorista do seu carro com três flechas, e sua haste também com três. Assim atingido, aquele opressor de todos os adversários em batalha, aquele touro da raça Kuru, Jishnu manejando o Gandiva, como um leão despertado do sono atacou Kama furiosamente por meio de flechas de curso reto. E afligido pela chuva de flechas (de Karna), aquele realizador ilustre de feitos sobre-humanos logo exibiu uma chuva grossa de flechas em retorno. E ele cobriu o carro de Karna com incontáveis flechas como o sol cobrindo os diferentes mundos com raios. E como um leão atacado por um elefante, Arjuna, pegando algumas flechas afiadas em forma de meia-lua da sua aljava e puxando seu arco até o ouvido, perfurou o filho de Suta em todas as partes de seu corpo. E aquele opressor de inimigos perfurou os braços e coxas de Karna e cabeça e testa e pescoço e outras partes principais de seu corpo com flechas afiadas dotadas da impetuosidade do raio e disparadas do Gandiva em batalha. E mutilado e afligido pelas setas atiradas por Partha o filho de Pandu, o filho de Vikartana abandonou a vanguarda da batalha, e se pôs em fuga rapidamente, como um elefante subjugado por outro'".

55

"Vaisampayana disse, 'Depois que o filho de Radha tinha fugido do campo, outros guerreiros encabeçados por Duryodhana, um depois do outro, se lançaram sobre o filho de Pandu com suas respectivas divisões. E como a costa resistindo à fúria da elevação do mar, aquele guerreiro resistiu à ira daquela hoste incontável que avançava em direção a ele, organizada em ordem de batalha e despejando nuvens de flechas. E aquele principal dos guerreiros em carros, o filho de Kunti, Vibhatsu de corcéis brancos, se precipitou em direção ao inimigo, disparando

armas celestes todo o tempo. Partha logo cobriu todos os pontos do horizonte com inúmeras flechas disparadas do Gandiva, como o sol cobrindo a terra inteira com seus raios. E entre aqueles que lutavam em carros e cavalos e elefantes, e entre os soldados de infantaria vestidos em armadura não havia alguém que tivesse em seu corpo um espaço até da largura de dois dedos não ferido por flechas afiadas. E por sua destreza em usar armas celestes, e pelo treino dos corcéis e a habilidade de Uttara, e pela trajetória de suas armas, e sua coragem e mãos ágeis, as pessoas começaram a considerar Arjuna como o fogo que resplandece na época da dissolução universal para consumir todas as coisas criadas. E ninguém entre o inimigo podia lançar seus olhos em Arjuna que brilhava como um fogo ardente de grande refulgência. E mutiladas pelas setas de Arjuna as tropas hostis pareciam com nuvens recém-surgidas sobre o leito de uma colina refletindo os raios solares, ou com bosques de árvores Asoka resplandecentes com grupos de flores. De fato, afligidos pelas flechas de Partha, os soldados pareciam com esses, ou com uma guirlanda bela cujas flores gradualmente murcham e caem. E o vento que penetra tudo carregou em suas asas no céu as bandeiras rasgadas e guarda-sóis da hoste hostil. E aterrorizados pela destruição entre as suas próprias tropas os corcéis fugiam em todas as direções, libertados de seus jugos por meio das flechas de Partha e arrastando atrás deles partes quebradas de carros, e elefantes, atingidos nas orelhas e costelas e presas e lábios inferiores e em outras partes delicadas do corpo, começaram a cair no campo de batalha. E a terra, coberta em pouco tempo pelos corpos de elefantes pertencentes aos Kauravas, parecia com o céu nublado com massas de nuvens negras. E como aquele fogo de chamas ardentes no fim do yuga consome todas as coisas perecíveis do mundo, móveis e imóveis, dessa maneira Partha, ó rei, consumiu todos os inimigos em batalha. E pela energia das suas armas e o som do seu arco, e os gritos sobrenaturais das criaturas colocadas em seu mastro, e o rugido terrível do macaco, e pelo som da sua concha, aquele poderoso opressor de inimigos, Vibhatsu, infligiu terror nos corações de todas as tropas de Duryodhana. E a força de cada guerreiro hostil parecia, por assim dizer, ser arrasada a pó por causa da própria visão de Arjuna. E sem vontade de cometer a ação temerária do pecado de matar aqueles que estavam indefesos, Arjuna de repente recuou e atacou o exército por trás por meio de nuvens de flechas de gume afiado procedendo em direção aos seus alvos como falcões soltos por caçadores. E ele logo cobriu o céu inteiro com enxames de flechas bebedoras de sangue. E como os raios (infinitos) do sol poderoso, entrando em um recipiente pequeno, são contraídos dentro dele por falta de espaço, assim as flechas incontáveis de Arjuna não podiam achar espaço para a sua expansão nem dentro do vasto firmamento. Inimigos eram capazes de ver o carro de Arjuna, quando próximo, somente uma vez, pois imediatamente em seguida eles eram, com seus cavalos, mandados para o outro mundo. E como suas flechas não obstruídas pelos corpos dos inimigos sempre passavam através deles, assim o seu carro, não impedido pelas tropas hostis, sempre passava através das últimas. E, de fato, ele começou a jogar de lá para cá e a agitar as tropas hostis com grande violência como Vasuki de mil cabeças se divertindo no grande oceano. E como Kiritin atirava suas flechas constantemente, o barulho da corda do arco, transcendendo todo som, era tão alto que algo semelhante a isso nunca tinha sido ouvido antes pelos seres criados. E os

elefantes que lotavam o campo, com seus corpos perfurados por flechas (ardentes) com pequenos intervalos no meio, pareciam com nuvens negras coruscadas com raios solares. E percorrendo todas as direções e atirando (flechas) à direita e à esquerda, o arco de Arjuna era sempre visto esticado a um círculo perfeito. E as flechas do manejador do Gandiva nunca caíram sobre nada exceto o alvo, assim como o olhar nunca se demora sobre algo que não é belo. E como o caminho de uma manada de elefantes marchando pela floresta é feito por si mesmo, assim era feito por si mesmo o caminho para o carro de Kiritin. E atingidos e mutilados por Partha, os guerreiros hostis pensaram que, 'Na verdade, o próprio Indra, desejoso da vitória de Partha, acompanhado por todos os imortais está nos matando!' E eles também consideraram Vijaya, que estava fazendo um massacre terrível em volta, como sendo ninguém mais do que a própria Morte que, tendo assumido a forma de Arjuna, estava matando todas as criaturas. E as tropas dos Kurus, atingidas por Partha, estavam tão mutiladas e arrasadas que a cena parecia com a realização do próprio Partha e não podia ser comparada com nada mais exceto o que era observável nos combates de Partha. E ele cortava as cabeças de inimigos, assim como ceifeiros cortam os topos de ervas decíduas. E os Kurus todos perderam sua energia devido ao terror gerado por Arjuna. E agitada e mutilada pelo temporal-Arjuna, a floresta dos inimigos de Arjuna avermelhou o solo com secreções purpúreas. E a poeira misturada com sangue, erguida pelo vento, fez os próprios raios do sol se avermelharem continuamente. E logo o céu decorado com o sol ficou tão vermelho que parecia muitíssimo com a noite. De fato, o sol cessa de derramar seus raios logo que ele se põe, mas o filho de Pandu não parou de disparar suas flechas. E aquele herói de energia inconcebível subjugou, por meio de armas celestes, todos os grandes arqueiros do inimigo, embora eles fossem possuidores de grande destreza. E Arjuna então disparou setenta e três flechas de pontas afiadas em Drona, e dez em Dussaha e oito no filho de Drona, e doze em Dussasana, e três em Kripa, o filho de Saradwat. E aquele matador de inimigos perfurou Bhishma, o filho de Santanu, com flechas, e o rei Duryodhana com cem. E, por fim, ele perfurou Karna na orelha com uma flecha farpada. E quando aquele grande arqueiro Karna, hábil em todas as armas, foi assim perfurado, e seus cavalos e carro e motorista do carro foram todos destruídos, as tropas que o auxiliavam começaram a se dividir. E vendo aqueles soldados se dividirem e recuarem o filho de Virata desejoso de saber a intenção de Partha dirigiu-se a ele no campo de batalha, e disse, 'Ó Partha, permanecendo neste carro belo, comigo como quadrigário, em direção à qual divisão eu irei? Pois, comandado por ti, eu logo te levarei para lá'.

"Arjuna respondeu, 'Ó Uttara, lá o guerreiro auspicioso a quem tu vês envolto em capa de pele de tigre e colocado em seu carro equipado com uma bandeira azul e puxado por corcéis vermelhos é Kripa. Lá é vista a vanguarda da divisão de Kripa. Leva-me para lá. Eu mostrarei àquele arqueiro formidável a minha rapidez de mão no tiro com arco. E aquele guerreiro cuja bandeira porta o emblema de um elegante vaso de água trabalhado em ouro é o preceptor Drona, aquele principal de todos os manejadores de armas. Ele é sempre um objeto de respeito para mim, como também para todos os manejadores de armas. Portanto, circungira aquele grande herói alegremente. Que nós inclinemos nossas cabeças lá, pois essa é a

virtude eterna. Se Drona golpear meu corpo primeiro, então eu o golpearei, pois então ele não poderá se ressentir disso. Lá, perto de Drona, aquele guerreiro cuja bandeira tem o emblema de um arco é o filho do preceptor, o grande guerreiro em carro Aswatthaman, que é sempre um objeto de respeito para mim como também para todos os manejadores de armas. Portanto, para frequentemente enquanto tu te aproximares do seu carro. Lá aquele guerreiro que permanece em seu carro, envolto em armadura dourada e cercado por uma terça parte do exército composta das tropas mais eficientes, e cuja bandeira tem o emblema de um elefante em um fundo dourado, é o rei ilustre Duryodhana, o filho de Dhritarashtra. Ó herói, leva à frente dele este teu carro que é capaz de triturar carros hostis. Aquele rei é difícil de ser subjugado em batalha e é capaz de oprimir a todos os inimigos. Ele é considerado como o principal de todos os discípulos de Drona em agilidade de mão. Eu mostrarei a ele, em combate, a minha rapidez superior na arte de manejar arco e flecha. Lá, aquele guerreiro cuja bandeira tem o emblema de uma corda forte para amarrar elefantes é Karna, o filho de Vikartana, já conhecido por ti. Quando tu chegares diante daquele filho perverso de Radha sê muito cauteloso, pois ele sempre me desafia para o combate. E aquele guerreiro cuja bandeira é azul e porta o emblema de cinco estrelas com um sol (no centro), e que dotado de grande energia permanece em seu carro segurando um arco enorme na mão e usando proteções excelentes, e sobre cuja cabeça se encontra um guarda-sol de branco puro, que se encontra na vanguarda de um esquadrão de carros numeroso com várias bandeiras e estandartes como o sol na frente de massas de nuvens negras, e cuja armadura de ouro parece brilhante como o sol ou a lua, e que com seu elmo de ouro inflige terror no meu coração é Bhishma, o filho de Santanu e o avô de todos nós. Regalado com esplendor real por Duryodhana, ele é muito parcial e bem-intencionado em direção àquele príncipe. Aproxima-te dele por último, pois ele pode, agora mesmo, ser um obstáculo para mim. Enquanto lutando comigo, guia os corcéis atentamente’. Assim abordado por ele, o filho de Virata, ó rei, guiou o carro de Savyasachin com grande entusiasmo em direção ao local onde Kripa permanecia ansioso para lutar'.

56

"Vaisampayana disse, 'E as tropas daqueles arqueiros ferozes, os Kurus, pareciam massas de nuvens na estação chuvosa flutuando diante de um vento leve. E perto (daquelas tropas de infantaria) se encontravam os cavalos do inimigo montados por guerreiros terríveis. E havia também elefantes de aparência terrível, parecendo resplandecentes em armaduras belas, montados por combatentes habilidosos e instigados adiante com alavancas de ferro e laços. E, ó rei, em um carro belo, Sakra chegou lá acompanhado pelos celestiais, os Viswas e Maruts. E apinhado com deuses, Yakshas, Gandharvas e Nagas, o firmamento parecia tão resplandecente como quando coberto com a constelação planetária em uma noite sem nuvens. E os celestiais chegaram lá, cada um em seu próprio carro, desejosos de ver a eficácia das suas armas em guerra humana, e para testemunhar também o feroz e poderoso combate que se realizaria quando

Bhishma e Arjuna se encontrassem. E embelezado com pedras preciosas de todos os tipos e capaz de ir a todos os lugares segundo a vontade do passageiro, o carro celeste do senhor dos celestiais, cujo topo era sustentado por cem mil pilares de ouro com um (central) feito totalmente de joias e pedras preciosas, era visível no céu claro. E lá apareceram em cena trinta e três deuses com Vasava (em sua dianteira), e (muitos) Gandharvas e Rakshasas e Nagas e Pitris, junto com os grandes Rishis. E sentados no carro do senhor dos celestiais apareciam as refulgentes figuras do rei Vasumanas, e Valakshas e Supratarddana, e Ashtaka e Sivi e Yayati e Nahusha e Gaya e Manu e Puru e Raghu e Bhanu e Krisaswa e Sagara e Nala. E lá brilhavam em uma formação esplêndida, cada um em seu lugar apropriado, os carros de Agni e Isa e Soma e Varuna e Prajapati e Dhatri e Vidhatri e Kuvera e Yama, e Alamvusha e Ugrasena e outros, e do Gandharva Tumburu. E todos os celestiais e os Siddhas, e todos os principais dos sábios foram lá para ver o combate entre Arjuna e os Kurus. E a fragrância sagrada de guirlandas celestes encheu o ar como a dos bosques florescentes na chegada da primavera. E os guarda-sóis vermelhos e avermelhados e mantos e guirlandas e *chamaras* dos deuses, quando eles estavam estacionados lá, pareciam extremamente belos. E a poeira da terra logo desapareceu e refulgência (celeste) iluminou tudo. E fragrante com perfumes divinos a brisa começou a acalmar os combatentes. E o firmamento parecia em chamas e muito belo, enfeitado com carros já chegados e que chegavam de feitio vistoso e variado, todos iluminados com diversos tipos de joias, e levados para lá pelos principais dos celestiais. E cercado pelos celestiais, e usando uma guirlanda de lotos e lírios o poderoso manejador do raio parecia extremamente belo em seu carro. E o matador de Vala, embora ele olhasse constantemente para seu filho no campo de batalha, não se cansava de olhar'".

57

Vaisampayana disse, ‘Contemplando o exército dos Kurus organizado em ordem de batalha, aquele descendente da linhagem de Kuru, Partha, dirigindo-se ao filho de Virata, disse, ‘Vai para o local onde Kripa, o filho de Saradwat, está indo pelo lado sul daquele carro cuja bandeira é vista portando o emblema de um altar dourado’.

"Vaisampayana continuou: 'Ouvindo essas palavras de Dhananjaya o filho de Virata instigou, sem demorar um instante, aqueles corcéis de cor prateada enfeitados em armadura dourada. E fazendo-os adotarem, um depois do outro, todos os tipos de passos mais rápidos, ele incitou aqueles corcéis impetuosos semelhantes à lua em cor. E versado em conhecimento de cavalos, Uttara, tendo se aproximado da hoste Kuru, retrocedeu aqueles corcéis dotados da velocidade do vento. E hábil em guiar veículos, o príncipe de Matsya, às vezes se movendo de forma circular, e às vezes procedendo em labirintos circulares, e às vezes virando à esquerda, começou a desorientar os Kurus. E se virando repentinamente, o intrépido e poderoso filho de Virata finalmente se aproximou do

carro de Kripa, e permaneceu confrontando-o. Então anunciando o seu próprio nome Arjuna soprou fortemente aquela melhor das conchas chamada Devadatta, de clangor alto. E, soprada no campo de batalha pelo poderoso Jishnu, o clangor daquela concha foi ouvido como o rachar de uma montanha. E vendo que a concha não se partiu em cem fragmentos quando soprada por Arjuna, os Kurus com todos os seus guerreiros começaram a aplaudir muito. E tendo alcançado os próprios céus, aquele som voltando era ouvido assim como o estrondo do raio arremessado por Maghavat no leito da montanha. Nisso aquele heroico e intrépido e poderoso guerreiro em carro, o filho de Saradwat, Kripa, dotado de força e destreza, ficando enfurecido por causa de Arjuna, e incapaz de suportar aquele som e ávido para lutar, pegou a sua própria concha gerada do oceano e soprou-a veementemente. E enchendo os três mundos com aquele som, aquele principal dos guerreiros em carros pegou um arco grande e vibrou a corda do arco poderosamente. E aqueles poderosos guerreiros em carros, iguais a dois sóis, permanecendo de frente um para o outro, brilhavam como duas massas de nuvens outonais. Então o filho de Saradwat rapidamente perfurou Partha, aquele matador de heróis hostis, com dez flechas rápidas e afiadas capazes de entrar nos próprios órgãos vitais. E o filho de Pritha também, de sua parte, esticando aquela principal das armas, o Gandiva, célebre pelo mundo, atirou inúmeras flechas de ferro, todas capazes de penetrar no próprio centro do corpo. Nisso Kripa, por meio de flechas afiadas, cortou em centenas e milhares de fragmentos aquelas flechas bebedoras de sangue de Partha antes que elas pudessem se aproximar. Então aquele poderoso guerreiro em carro, Partha também, em fúria expondo várias manobras, cobriu todos os lados com uma chuva de flechas. E cobrindo o firmamento inteiro com suas flechas, aquele guerreiro poderoso de alma incomensurável, o filho de Pritha, envolveu Kripa com centenas de flechas. E violentamente afligido por aquelas flechas afiadas parecendo chamas de fogo, Kripa ficou furioso e, rapidamente afligindo Partha de grande alma de destreza imensurável com dez mil flechas, deu no campo de batalha um rugido alto. Então o heroico Arjuna rapidamente perfurou os quatro corcéis do seu adversário com quatro flechas fatais disparadas do Gandiva, afiadas e retas, e equipadas com asas douradas. E perfurados por meio daquelas flechas afiadas parecendo chamas de fogo aqueles corcéis de repente se empinaram, e em consequência Kripa cambaleou para fora de seu lugar. E, vendo Gautama lançado para fora de seu lugar, o matador de heróis hostis, o descendente da linhagem de Kuru, por respeito pela dignidade do seu oponente, parou de disparar suas flechas nele. Então recuperando seu lugar apropriado Gautama rapidamente perfurou Savyasachin com dez flechas equipadas com penas de ave Kanka. Então com uma flecha em forma de meia-lua de gume afiado Partha cortou o arco e as proteções de couro de Kripa. E logo Partha cortou a cota de malha de Kripa também por meio de flechas capazes de penetrar nos próprios órgãos vitais, mas ele não feriu seu corpo. E privado de sua cota de malha, seu corpo parecia com o de uma serpente que na época abandona sua pele. E logo que seu arco tinha sido cortado por Partha, Gautama pegou outro e encordoou-o em um instante. E, por estranho que pareça, aquele arco dele também foi cortado pelo filho de Kunti, por meio de flechas retas. E dessa maneira aquele matador de heróis hostis, o filho de Pandu, cortou outros arcos logo que eles foram erguidos, um depois do outro, pelo

filho de Saradwat. E quando todos os seus arcos tinham sido assim cortados, aquele herói poderoso arremessou, do seu carro, no filho de Pandu, um dardo de arremesso semelhante ao raio ardente. Nisso, quando o dardo enfeitado com ouro veio zunindo pelo ar com o lampejo de um meteoro, Arjuna cortou-o por meio de dez flechas. E vendo seu dardo assim cortado pelo inteligente Arjuna Kripa rapidamente pegou outro arco e quase simultaneamente disparou várias flechas em forma de meia-lua. Partha, no entanto, rapidamente cortou-as em fragmentos por meio de dez flechas de gume afiado, e, dotado de grande energia, o filho de Pritha então, furioso no campo de batalha atirou treze flechas afiadas em pedra e parecendo chamas de fogo. E com uma dessas ele cortou o jugo do carro de seu adversário, e com quatro perfurou seus quatro corcéis, e com a sexta ele cortou a cabeça do motorista do carro de seu adversário do seu corpo. E com três aquele poderoso guerreiro em carro perfurou, naquele duelo, o poste triplo de bambu do carro de Kripa e, com duas, suas rodas. E com a décima segunda flecha ele cortou o mastro de bandeira de Kripa. E com a décima terceira Falguni, que era semelhante ao próprio Indra, como se sorrindo em menosprezo, perfurou Kripa no peito. Então com seu arco cortado, seu carro quebrado, seus corcéis mortos, seu motorista morto, Kripa saltou para baixo e pegando uma maça rapidamente arremessou-a em Arjuna. Mas aquela maça pesada e polida arremessada por Kripa foi mandada de volta ao longo de seu curso, atingida por meio das flechas de Arjuna. E então os guerreiros (da divisão de Kripa), desejosos de resgatar o colérico filho de Saradwat, enfrentaram Partha de todos os lados e o cobriram com suas flechas. Então o filho de Virata, virando os corcéis para a esquerda começou a realizar a evolução tortuosa chamada Yamaka e assim resistiu a todos aqueles guerreiros. E aqueles ilustres touros entre homens, levando com eles Kripa que tinha sido privado de seu carro, o conduziram para longe da vizinhança de Dhananiaya, o filho de Kunti'.

58

"Vaisampayana disse, 'Depois que Kripa tinha sido assim levado embora, o invencível Drona de corcéis vermelhos, pegando seu arco ao qual ele já tinha encordoado uma flecha, se precipitou em direção a Arjuna de corcéis brancos. E vendo à pouca distância dele o preceptor avançando em seu carro dourado, Arjuna, aquele principal dos guerreiros vitoriosos, dirigindo-se a Uttara, disse, 'Abençoado sejas tu, ó amigo, leva-me diante daquele guerreiro em cujo estandarte alto no topo é visto um altar dourado parecido com uma longa chama de fogo e decorado com numerosas bandeiras colocadas em volta, e cujo carro é puxado por corcéis que são vermelhos e grandes, extremamente belos e altamente treinados, de rosto agradável e de aparência pacífica, e semelhante aos corais em cor e com face de cor de cobre, pois aquele guerreiro é Drona com quem eu desejo lutar. De braços longos e dotado de energia imensa, possuidor de força e beleza corpórea, célebre por todos os mundos por sua destreza, semelhante ao próprio Usanas em inteligência e Vrihaspati em conhecimento de moralidade, ele é conhecedor dos quatro Vedas e dedicado à prática das virtudes

Brahmacharya. Ó amigo, o uso das armas celestes junto com os mistérios de sua retirada e a ciência de armas inteira sempre residem nele. Perdão, autocontrole, verdade, abstenção de ferir, retidão de conduta, essas e outras virtudes inumeráveis sempre se encontram naquele regenerado. Eu desejo lutar com aquele altamente abençoado no campo. Portanto, leva-me diante do preceptor e me conduze para lá, ó Uttara'.

"Vaisampayana continuou, 'Assim abordado por Arjuna, o filho de Virata instigou seus corcéis enfeitados com ouro em direção ao carro do filho de Bharadwaja. E Drona também avançou em direção a Partha que avançava impetuosamente, o filho de Pandu, aquele principal dos guerreiros em carros, como um elefante enfurecido se precipitando em direção a um companheiro enfurecido. E o filho de Bharadwaja então soprou sua concha cujo clangor parecia o de cem trombetas. E por causa daquele som o exército inteiro ficou agitado como o mar em uma tempestade. E vendo aqueles corcéis excelentes de cor vermelha se misturando em batalha com os corcéis de Arjuna de brancura como a do cisne, dotados da velocidade da mente, todos os espectadores ficaram maravilhados. E vendo no campo de batalha aqueles guerreiros em carros, o preceptor Drona e seu discípulo Partha, ambos dotados de destreza, ambos invencíveis, ambos bem treinados, ambos possuidores de grande energia e grande força, envolvidos em combate um com o outro, aquela hoste imensa dos Bharatas começou a tremer repetidamente. E aquele poderoso guerreiro em carro Partha, possuidor de grande bravura e cheio de alegria ao alcançar o carro de Drona no seu próprio, saudou o preceptor. E aquele matador de heróis hostis, o filho poderosamente armado de Kunti, então se dirigiu a Drona em um tom humilde e gentil, dizendo, 'Tendo terminado o nosso exílio nas florestas, nós estamos agora desejosos de vingar os nossos males. Mesmo invencível em batalha, não cabe a ti ficar zangado conosco. Ó impecável, eu não te atingirei a menos que tu me atinjas primeiro. Essa é a minha intenção. Cabe a ti agir como quiseres'. Assim abordado Drona disparou nele mais do que vinte setas. Mas Partha de mãos ágeis cortou-as antes que elas pudessem alcançá-lo. E nisso, o poderoso Drona, mostrando sua agilidade de mão no uso de armas, cobriu o carro de Partha com mil flechas. E desejoso de irritar Partha, aquele herói de alma incomensurável então cobriu seus corcéis de brancura prateada com flechas afiadas em pedra e aladas com as penas da ave Kanka. E quando a batalha entre Drona e Kiritin começou dessa maneira, ambos disparando no combate flechas de esplendor ardente, ambos bem conhecidos por suas realizações, ambos iguais ao próprio vento em velocidade, ambos familiarizados com armas celestes, e ambos dotados de energia imensa, começaram disparando nuvens de flechas para desnortear os nobres Kshatriyas. E todos os guerreiros que estavam reunidos lá ficaram cheios de admiração à visão de tudo isso. E eles todos admiraram Drona que rapidamente disparava nuvens de flechas, exclamando ‘Muito Bem! Muito Bem! De fato, quem mais salvo Falguna é digno de lutar com Drona em batalha? Sem dúvida os deveres de um Kshatriya são rigorosos, pois Arjuna luta até com seu próprio preceptor!’ E foi assim que aqueles que permaneceram no campo de batalha falaram entre si. E cheios de ira, aqueles heróis poderosamente armados permanecendo diante um do outro, e ambos incapazes de vencer um ao outro,

cobriram um ao outro com chuvas de flechas. E o filho de Bharadwaja, ficando furioso, curvou seu arco grande e inconquistável laminado no dorso com ouro, e perfurou Falguna com suas flechas. E atirando no carro de Arjuna inúmeras flechas afiadas possuidoras de refulgência solar ele encobriu totalmente a luz do sol. E aquele poderoso guerreiro em carro de braços fortes perfurou violentamente o filho de Pritha com flechas de gume afiado assim como as nuvens derramam chuva sobre uma montanha. Então erguendo aquele principal dos arcos, o Gandiva, destrutivo de inimigos e capaz de resistir à maior tensão, o filho impetuoso de Pandu disparou alegremente inúmeras flechas de vários tipos adornadas com ouro, e aquele poderoso guerreiro também frustrou em um instante a chuva de flechas de Drona por meio daquelas flechas disparadas do seu próprio arco. E nisso os espectadores ficaram muito admirados. E o belo Dhananjaya, o filho de Pritha, vagando em seu carro, exibia suas armas por todos os lados ao mesmo tempo. E o firmamento inteiro coberto com suas flechas se tornou uma ampla extensão de sombra. E nisso Drona ficou invisível como o sol envolto em neblina. E encoberto por aquelas flechas excelentes por todos os lados Drona parecia uma montanha em chamas. E vendo o seu próprio carro completamente envolvido pelas flechas do filho de Pritha, Drona, aquele ornamento de batalha, curvou seu terrível e principal dos arcos cujo barulho era tão alto quanto o das nuvens. E esticando aquela principal das armas, a qual era semelhante a um círculo de fogo, ele disparou uma nuvem de flechas de gume afiado. E então foram ouvidos lá no campo sons altos como o rachar de bambus incendiados. E aquele guerreiro de alma incomensurável, atirando de seu arco flechas equipadas com asas douradas, cobriu todos os lados, encobrindo a própria luz do sol. E aquelas flechas com nós bem descamados, e equipadas com asas douradas, pareciam bandos de aves no céu. E as flechas disparadas por Drona de seu arco, tocando umas às outras nas asas, pareciam com uma linha interminável no céu. E aqueles heróis, disparando dessa maneira suas flechas enfeitadas com ouro, pareciam cobrir o céu com chuvas de meteoros. E equipadas com penas de ave Kanka, aquelas flechas pareciam fileiras de garças percorrendo o céu outonal. E o combate violento e terrível que aconteceu entre o ilustre Drona e Arjuna se assemelhava àquele entre Virata e Vasava antigamente. E atirando flechas um no outro de arcos esticados até a sua total amplitude, eles pareciam dois elefantes atacando um ao outro com suas presas. E aqueles guerreiros coléricos, aqueles ornamentos de combate, lutando estritamente segundo o costume estabelecido, expuseram naquele conflito várias armas celestes na devida ordem. Então aquele principal dos homens vitoriosos, Arjuna, por meio de suas flechas afiadas resistiu às flechas afiadas disparadas por aquele melhor dos preceptores. E expondo diante dos espectadores várias armas, aquele herói de bravura terrível cobriu o céu com vários tipos de flechas. E contemplando aquele tigre entre homens, Arjuna, dotado de energia feroz e concentrado em atingi-lo, aquele principal dos guerreiros e melhor dos preceptores (por afeição) começou a lutar com ele alegremente por meio de flechas lisas e retas. E o filho de Bharadwaja continuou lutando com Falguna, resistindo com suas próprias às armas celestes disparadas pelo último. E a luta que ocorreu entre aqueles enfurecidos leões entre homens, incapazes de suportar um ao outro, foi semelhante à batalha entre os deuses e os Danavas. E o filho de Pandu repetidamente frustrou com suas próprias as armas

Aindra, Vayavya, e Agneya que foram disparadas por Drona. E atirando flechas afiadas, aqueles arqueiros poderosos, por meio de suas chuvas de flechas cobriram completamente o céu e causaram uma ampla extensão de sombra. E então as flechas disparadas por Arjuna, caindo sobre os corpos dos guerreiros hostis, produziam o estrondo do raio. Ó rei, elefantes, carros, e cavalos, banhados em sangue, pareciam árvores Kinsuka coroadas com flores. E naquele duelo entre Drona e Arjuna, vendo o campo coberto com braços enfeitados com braceletes, e guerreiros em carros esplendidamente vestidos, e cotas de malha matizadas com ouro, e com estandartes jazendo espalhados por toda parte, e com guerreiros mortos por meio das flechas de Partha, a hoste Kuru ficou em pânico. E vibrando seus arcos capazes de suportar muita força, aqueles combatentes começaram a cobrir e enfraquecer um ao outro com suas flechas. E, ó touro da raça Bharata, o confronto que ocorreu entre Drona e o filho de Kunti foi terrível ao extremo e parecia aquele entre Vali e Vasava. E apostando as suas próprias vidas eles começaram a perfurar um ao outro com flechas retas atiradas das suas cordas de arco completamente esticadas. E uma voz foi ouvida no céu elogiando Drona, e dizendo, 'Difícil é o feito realizado por Drona, visto que ele luta com Arjuna, esse opressor de inimigos, esse guerreiro dotado de energia imensa, de aperto firme, e invencível em combate, esse conquistador de celestiais e Daityas, esse principal de todos os guerreiros em carros'. E vendo a infalibilidade de Partha, treino, ligeireza de mão, e o alcance também das flechas de Arjuna, Drona ficou assombrado. E, ó touro da raça Bharata, levantando seu arco excelente, o Gandiva, o irreprimível Partha que o esticava ora com uma mão e ora com outra atirou uma chuva de flechas. E contemplando aquela chuva parecida com um bando de gafanhotos os espectadores admirados o aplaudiram exclamando, 'Excelente'! 'Excelente'! E ele atirava suas flechas tão incessantemente que o próprio ar era incapaz de penetrar na formação compacta. E os espectadores não podiam perceber nenhum intervalo entre o ato de pegar as flechas e o seu disparo. E naquele combate violento caracterizado por ligeireza de mão no disparo de armas Partha começou a atirar suas flechas mais rapidamente do que antes. E então simultaneamente centenas e milhares de flechas retas caíram sobre o carro de Drona. E, ó touro da raça Bharata, vendo Drona completamente coberto pelo manejador do Gandiva com suas flechas, o exército Kuru deu exclamações de 'Oh'! e 'Ai'! E Maghavat, junto com os Gandharvas e Apsaras que tinham ido lá, elogiou a agilidade da mão de Partha. E aquele poderoso guerreiro em carro, o filho do preceptor, então resistiu ao Pandava com uma imensa formação de carros. E embora enfurecido com Arjuna, ainda assim Aswatthaman admirou mentalmente aquela façanha do filho de grande alma de Pritha. E ficando furioso, ele avançou em direção a Partha, e atirou nele uma chuva de flechas como um aguaceiro pesado pela nuvem. E virando os seus corcéis em direção ao filho de Drona, Partha deu a Drona uma oportunidade de deixar o campo. E nisso o último, ferido naquele combate terrível, e com sua armadura e estandarte perdidos se apressou para longe com a ajuda de cavalos velozes'.

59

"Vaisampayana disse, 'Então, ó rei poderoso, o filho de Drona avançou para um duelo com Arjuna em batalha. E observando a sua investida para o conflito como um furacão, derramando flechas como uma nuvem carregada de chuva o filho de Pritha o recebeu com uma nuvem de flechas. E terrível foi o combate entre eles, semelhante àquele entre os deuses e os Danavas. E eles dispararam flechas um no outro como Virata e Vasava. E o céu sendo envolvido por todos os lados com flechas o sol foi totalmente escondido, e o próprio ar ficou silencioso. E, ó conquistador de cidades hostis, quando eles atacavam e atingiam um ao outro se elevaram sons altos como de bambus em chamas. E, ó rei, os cavalos de Aswatthaman, sendo violentamente afligidos por Arjuna, ficaram desnorteados e não podiam determinar qual caminho seguir. E enquanto o filho de Pritha percorria o campo, o filho poderoso de Drona achando uma oportunidade cortou a corda do Gandiva com uma flecha equipada com uma cabeça de ferradura. E vendo aquele feito extraordinário dele, os celestiais o aplaudiram muito. E exclamando 'Muito bem!' 'Muito bem!' Drona e Bhishma, e Karna, e o guerreiro poderoso Kripa, todos aplaudiram muito aquela sua façanha. E o filho de Drona, esticando seu arco excelente, perfurou com suas flechas, equipadas com as penas da ave Kanka, o peito de Partha, aquele touro entre os guerreiros. Nisso, com uma risada alta, o poderosamente armado filho de Pritha prendeu uma corda forte e nova ao Gandiva. E umedecendo a corda do seu arco com o suor que se encontrava em sua testa parecida com a meia-lua, o filho de Pritha avançou em direção ao seu adversário, assim como um líder enfurecido de uma manada de elefantes avança em outro elefante. E o confronto que ocorreu entre aqueles dois heróis incomparáveis no campo de batalha foi extremamente violento e fez os pelos dos espectadores se arrepiarem. E enquanto aqueles heróis dotados de energia imensa lutavam, os dois elefantes poderosos, os Kurus os observavam com admiração. E aqueles bravos touros entre homens atacaram um ao outro com flechas de formas serpentiformes e parecidas com fogos ardentes. E como as duas aljavas pertencentes ao Pandava eram inesgotáveis, aquele herói pode permanecer no campo imóvel como uma montanha. E como as flechas de Aswatthaman, por causa de seu disparo incessante naquele conflito, se esgotaram rapidamente, foi por isso que Arjuna prevaleceu sobre seu adversário. Então Karna, esticando seu arco grande com força formidável vibrou a corda do arco. E nisso elevaram-se exclamações altas de 'Oh'! e 'Ai'! E o filho de Pritha, lançando seus olhos em direção ao local onde aquele arco tinha sido vibrado, viu diante dele o filho de Radha. E por causa daquela visão sua fúria foi imensamente excitada. E cheio de ira e desejoso de matar Karna, aquele touro da raça Kuru o fitou com olhos rolantes. E, ó rei, vendo Partha se desviando do lado de Aswatthaman, os guerreiros Kuru dispararam milhares de flechas em Arjuna. E o poderosamente armado Dhananjaya, aquele conquistador de inimigos, deixando o filho de Drona, se precipitou de repente em direção a Karna. E, avançando em direção a Karna com olhos avermelhados de raiva, o filho de Kunti, desejoso de um duelo com ele, disse estas palavras'.

60

"Arjuna disse, 'Agora, ó Karna, chegou a hora de confirmar a tua jactância loquaz no meio da assembleia, isto é, que não há ninguém igual a ti em luta. Hoje, ó Karna, lutando comigo em combate terrível, tu conhecerás a tua própria força, e não mais desrespeitarás os outros. Abandonando a boa educação, tu proferiste muitas palavras duras, mas isso que tu te esforças para fazer é, eu penso, extremamente difícil. Agora, ó filho de Radha, lutando comigo na vista dos Kurus, demonstra o que tu disseste antes em desconsideração a mim. Tu que presenciaste a princesa de Panchala sendo ultrajada por patifes no meio da corte, agora colhe o fruto daquela tua ação. Impedido pelos laços da moralidade antes, eu desisti da vingança naquela hora. Vê agora, ó filho de Radha, o fruto daquela cólera no combate iminente. Ó indivíduo perverso, nós suportamos muita miséria naquela floresta por doze anos completos. Colhe hoje os frutos da nossa vingança concentrada. Vem, ó Karna, me enfrenta em batalha. Que estes teus guerreiros Kaurava testemunhem o combate'. Ouvindo essas palavras, Karna respondeu, 'Ó Partha, realiza em ação o que tu dizes em palavras. O mundo sabe que as tuas palavras na verdade excedem teus feitos. Que tu tenhas te contido antigamente foi devido à tua incapacidade de fazer alguma coisa. Se nós testemunharmos a tua destreza agora mesmo nós poderemos admitir sua veracidade. Se a tua abstenção passada foi devido a tu teres sido retido pelos laços da moralidade, realmente tu estás igualmente limitado agora embora tu te consideres livre. Tendo como tu disseste, passado o teu exílio nas florestas exatamente de acordo com tua promessa e sendo portanto enfraquecido pela prática de um método de vida ascético, como tu podes desejar um combate comigo agora? Ó filho de Pritha, se o próprio Sakra lutasse ao teu lado, ainda assim eu não sentiria ansiedade em aplicar minha destreza. Teu desejo, ó filho de Kunti, está prestes a ser realizado. Luta comigo agora, e contempla a minha força'. Ouvindo isso, Arjuna disse, 'Até agora, ó filho de Radha, tu fugiste do combate comigo, e é por isso que tu estás vivo embora o teu irmão mais novo tenha sido morto. Que outra pessoa, exceto tu, tendo visto seu irmão mais novo morto em batalha fugiria do campo, e contaria vantagem como tu fazes, em meio a homens bons e verdadeiros?'

"Vaisampayana continuou: 'Tendo dito essas palavras para Karna, o invencível Vibhatsu avançou nele e disparou uma saraivada de flechas capazes de atravessar uma cota de malha. Mas aquele guerreiro em carro poderoso, Karna, recebeu com grande vivacidade aquele disparo com uma chuva das suas próprias flechas, pesada como o aguaceiro das nuvens. E aquela saraivada violenta de flechas cobriu todos os lados e separadamente perfurou os corcéis e braços e proteções de couro dos combatentes. E, incapaz de tolerar aquele ataque, Arjuna cortou as cordas da aljava de Karna por meio de uma flecha reta e afiada. Nisso, tirando de sua aljava outra flecha, Karna perfurou o Pandava na mão, no que o aperto do arco do último foi afrouxado. E então Partha de braços fortes cortou o arco de Karna em fragmentos. E Karna respondeu por arremessar um dardo em seu adversário, mas Arjuna o cortou por meio de suas flechas. E então os guerreiros que seguiam o filho de Radha se precipitaram em multidões sobre Arjuna, mas Partha os mandou todos para a residência de Yama por meio de

flechas disparadas do Gandiva. E Vibhatsu matou os corcéis de Karna por meio de flechas afiadas e firmes disparadas da corda do arco puxada até o ouvido, e privados de vida eles caíram ao chão. E pegando outra flecha afiada e ardente dotada de grande energia o filho poderoso de Kunti perfurou o peito de Kama. E aquela flecha, atravessando a sua armadura, penetrou em seu corpo. E nisso a visão de Karna escureceu e seus sentidos o deixaram. E, recuperando a consciência, ele sentiu uma grande dor, e deixando o combate fugiu na direção norte. E nisso o poderoso guerreiro em carro Arjuna, e Uttara, ambos começaram a se dirigir a ele injuriosamente'.

61

"Vaisampayana disse, 'Tendo derrotado o filho de Vikartana Arjuna disse ao filho de Virata, 'Leva-me em direção àquela divisão onde aquele emblema de uma palmeira dourada é visto. Lá o nosso avô, filho de Santanu, semelhante a um celestial, espera, desejoso de um combate comigo'. Nisso, vendo aquela hoste imensa apinhada com carros e cavalos e elefantes, Uttara, violentamente perfurado por flechas, disse, 'Ó herói, eu não sou mais capaz de guiar os teus corcéis excelentes. Minha força enlanguesce e minha mente está extremamente confusa. Todas as direções parecem estar girando perante os meus olhos por consequência da energia das armas celestes usadas por ti e os Kurus. Eu estou privado da minha razão pelo fedor de gordura e sangue e carne. Contemplando tudo isso, por terror a minha mente está, por assim dizer, partida em duas. Nunca antes eu tinha visto semelhante número de cavalos em batalha. E por causa da batida das proteções, e do clangor das conchas, dos rugidos leoninos dados pelos guerreiros e dos gritos dos elefantes, e do som do Gandiva semelhante ao trovão, eu, ó herói, fiquei tão estupefato que tenho sido privado de audição e memória. E, ó herói, vendo-te esticando constantemente a um círculo, no decorrer do combate, o Gandiva que parece um círculo de fogo, a minha visão me falha e o meu coração é lacerado. E vendo a tua forma feroz em batalha, como a do manejador do Pinaka quando inflamado com cólera, e olhando também para as flechas terríveis disparadas por ti, eu estou cheio de temor. Eu fracasso em ver quando tu pegas tuas flechas excelentes, quando tu as fixas na corda do arco, e quando tu as disparas. E embora tudo isso seja feito diante dos meus olhos, ainda assim, privado do meu juízo, eu não vejo. Meu vigor está enfraquecendo e a própria terra parece estar girando à minha frente. Eu não tenho força para segurar o chicote e as rédeas'. Ouvindo essas palavras Arjuna disse, 'Não temas. Anima-te. Tu também, no campo de batalha, tens realizado, ó touro entre homens, façanhas admiráveis. Abençoado sejas, tu és um príncipe e nascido na linhagem ilustre dos Matsyas. Não cabe a ti sentir-te desanimado em castigar teus inimigos. Portanto, ó príncipe, postado em meu carro, reúne toda a tua fortaleza e segura as rédeas dos meus corcéis, ó matador de inimigos, enquanto eu me envolvo mais uma vez em combate'.

"Vaisampayana continuou: 'Tendo dito isso para o filho de Virata, aquele melhor dos homens e principal dos guerreiros em carros, Arjuna de braços fortes, dirigiu-

se novamente ao filho de Virata, dizendo, 'Leva-me sem demora para a vanguarda da divisão de Bhishma. Eu cortarei sua própria corda de arco na batalha. Tu verás hoje as armas celestes de beleza resplandecente, atiradas por mim, parecendo lampejos de relâmpago brincando em meio às nuvens no céu. Os Kauravas contemplarão o dorso enfeitado com ouro do meu Gandiva hoje, e reunidos os inimigos discutirão, dizendo, ‘Por meio de qual mão dele, a direita ou a esquerda, ele (atirará)? E eu farei um rio terrível (de morte) fluir hoje em direção ao outro mundo com sangue em lugar de suas águas e carros em lugar de seus redemoinhos, e elefantes como seus crocodilos. Eu extirparei hoje, com minhas flechas retas, a floresta Kuru que tem mãos e pés e cabeças e costas e braços como os ramos de suas árvores. Sozinho, com arco na mão, derrotando a hoste Kuru, cem caminhos se abrirão diante de mim como os de uma floresta em conflagração. Tu verás hoje o exército Kuru atingido por mim se movendo em círculos como uma roda (incapaz de fugir do campo). Eu te mostrarei hoje o meu treinamento excelente em flechas e armas. Permanece firmemente sobre o meu carro, o solo seja plano ou acidentado. Eu posso perfurar com minhas flechas aladas até a montanha de Sumeru que se encontra tocando os próprios céus. Eu matei antigamente, por ordem de Indra, centenas e milhares de Paulomas e Kalakhanjas em batalha. Eu obtive minha firmeza de pulso de Indra, e minha agilidade de mão de Brahman, e eu aprendi vários modos de ataque e defesa violentos em meio a multidões de inimigos de Prajapati. Eu subjuguei, no outro lado do grande oceano, sessenta mil guerreiros em carros, todos arqueiros ferozes, residentes em Hiranyapura. Vê, agora eu derroto a numerosa hoste dos Kurus como uma tempestade espalhando uma pilha de algodão. Com minhas flechas ígneas eu hoje porei fogo na floresta-Kuru que tem estandartes como suas árvores, os soldados de infantaria como seus arbustos, e os guerreiros em carros como seus animais predadores. Como o manejador do raio derrotando os Danavas, eu sozinho, com minhas flechas retas, derrubarei dos compartimentos de seus carros os poderosos guerreiros do exército Kuru postados sobre eles e lutando no combate com todas as suas forças. Eu obtive de Rudra a Raudra, de Varuna a Vâruna, de Agni a Agneya, do deus do Vento a Vayava, e de Sakra o raio e outras armas. Eu exterminarei sem dúvida a floresta-Dhartarashtra selvagem embora protegida por muitos guerreiros leoninos. Portanto, ó filho de Virata, que os teus temores sejam dissipados'.

"Vaisampayana continuou, 'Assim assegurado por Savyasachin, o filho de Virata penetrou naquela formação ameaçadora de carros protegida por Bhishma. O filho de Gangâ, no entanto, de atos bravios, resistiu alegremente ao herói poderosamente armado que avançava pelo desejo de vencer os heróis em batalha. Jishnu, então, enfrentando Bhishma, cortou seu estandarte completamente fora das bases por atirar uma flecha decorada com ouro trespassado pela qual ele caiu ao chão. E nisso quatro guerreiros poderosos, Dussasana e Vikarna e Dussaha e Vivingsati, habilidosos com armas e dotados de grande energia, e todos enfeitados com guirlandas e ornamentos belos, avançaram em direção àquele arqueiro terrível. E, avançando em direção a Vibhatsu, aquele arqueiro impetuoso, todos esses o rodearam. Então o heroico Dussasana perfurou o filho de Virata com uma flecha em forma de meia-lua e ele

atingiu Arjuna com outra flecha no peito. E Jishnu, enfrentando Dussasana, cortou por meio de uma flecha de gume afiado equipada com asas de urubu o arco de seu adversário entrançado com ouro, e então perfurou seu corpo no peito por meio de cinco flechas. E, afligido pelas flechas de Partha, Dussasana fugiu, deixando o combate. Então Vikarna, o filho de Dhritarashtra, perfurou Arjuna, aquele matador de heróis hostis, por meio de flechas afiadas e retas equipadas com asas de urubu. Mas o filho de Kunti em um instante o acertou também na testa com flechas retas. E, perfurado por Arjuna, ele caiu de seu carro. E nisso, Dussaha, protegido por Vivingsati, cobriu Arjuna com uma nuvem de setas afiadas, impelido pelo desejo de resgatar seu irmão. Dhananjaya, no entanto, sem a menor ansiedade, perfurou os dois quase no mesmo instante por meio de um par de flechas de gume afiado e então matou os corcéis de ambos. E nisso, ambos aqueles filhos de Dhritarashtra, privados de seus corcéis e com seus corpos mutilados, foram levados embora pelos guerreiros atrás deles que tinham se adiantado com outros carros. Então o invencível Vibhatsu, o filho poderoso de Kunti, enfeitado com diadema e de mira infalível, atacou simultaneamente todos os lados com suas flechas'.

62

"Vaisampayana disse, 'Então, ó tu da linhagem de Bharata, todos os grandes guerreiros em carros dos Kurus, juntos, começaram a atacar Arjuna com todas as suas forças por todos os lados. Mas aquele herói de alma incomensurável cobriu totalmente todos aqueles fortes guerreiros em carros com nuvens de flechas, assim como a neblina cobre as montanhas. E os rugidos de elefantes enormes e conchas, se misturando, produziram um barulho alto. E trespassando corpos de elefantes e cavalos como também cotas de malha de aço, as flechas atiradas por Partha caíam aos milhares. E atirando flechas com a máxima rapidez, o filho de Pandu naquele combate se assemelhava ao sol brilhante de um meio-dia outonal. E afligidos pelo medo os guerreiros em carros começaram a pular dos seus carros e os soldados a cavalo das costas dos cavalos, enquanto os soldados de infantaria começaram a fugir para todas as direções. E alto era o ruído feito pelas flechas de Arjuna quando elas perfuravam as cotas de malha pertencentes a guerreiros poderosos, feitas de aço, prata e cobre. E o campo logo estava coberto com os corpos de guerreiros montados em elefantes e cavalos, todos mutilados pelas flechas de Partha de grande impetuosidade como cobras suspirantes. E então parecia como se Dhananjaya, com arco na mão, estivesse dançando no campo de batalha. E muito apavorados por causa do som do Gandiva parecido com o barulho do trovão muitos foram os combatentes que fugiram daquele combate terrível. E o campo de batalha estava coberto com cabeças cortadas enfeitadas com turbantes, brincos e colares de ouro, e o solo parecia belo por estar coberto por toda parte com troncos humanos mutilados por flechas, e braços tendo arcos em seu alcance e mãos enfeitadas com ornamentos. E, ó touro da raça Bharata, por causa das cabeças cortadas por flechas adiadas caindo incessantemente ao chão, parecia como se uma chuva de pedras caísse do céu.

E Partha de destreza formidável, mostrando sua ferocidade, agora percorria o campo de batalha, despejando o fogo terrível da sua ira sobre os filhos de Dhritarashtra. E contemplando a destreza aterradora de Arjuna que assim causticava a hoste hostil, os guerreiros Kuru, na própria presença de Duryodhana, ficaram desanimados e pararam de lutar. E, ó Bharata, tendo infligido terror àquela hoste e derrotado aqueles poderosos guerreiros em carros, aquele principal dos vitoriosos vagueava no campo. E o filho de Pandu então criou no campo de batalha um rio horrendo de sangue, com vagalhões ondulantes, semelhante ao rio de morte que é criado pelo Tempo no fim do Yuga, tendo o cabelo despenteado dos mortos e dos moribundos em lugar de seu musgo e palha flutuantes, com arcos e flechas como seus barcos, aterrador ao extremo e tendo carne e sucos carnais como sua lama. E cotas de malha e turbantes flutuavam numerosos sobre a sua superfície. E elefantes constituíam seus jacarés e os carros suas balsas. E medula e gordura e sangue constituíam suas correntes. E ele se destinava a infligir terror nos corações dos espectadores. E terrível de se olhar, e medonho ao extremo, e ressoando com os gritos de animais ferozes, armas de gume afiado constituíam seus crocodilos. E Rakshasas e outros canibais o assombravam de um fim a outro. E cordões de pérolas constituíam suas ondulações, e vários ornamentos excelentes, suas bolhas. E tendo enxames de flechas em lugar de seus redemoinhos violentos e corcéis como suas tartarugas, ele não podia ser atravessado. E o poderoso guerreiro em carro constituía sua ilha grande, e ele ressoava com o som de conchas e de baterias. E o rio de sangue que Partha criou não podia ser cruzado. De fato, Arjuna tinha as mãos tão rápidas que os espectadores não podiam perceber nenhum intervalo entre ele pegar uma flecha, fixá-la na corda do arco, e dispará-la por esticar o Gandiva'".

63

"Vaisampayana disse, 'Então enquanto um grande massacre estava sendo feito entre os Kurus, o filho de Santanu, Bhishma, avô dos Bharatas, avançou em Arjuna, pegando um arco excelente adornado com ouro, e muitas flechas também de pontas afiadas e capazes de perfurar os próprios órgãos vitais do inimigo e afligi-lo violentamente. E em consequência de um guarda-sol branco ser mantido sobre a sua cabeça, aquele tigre entre homens parecia belo como uma colina ao nascer do sol. E o filho de Gangâ soprando sua concha animou os filhos de Dhritarashtra, e rodando ao longo de sua direita se aproximou de Vibhatsu e impediu seu progresso. E aquele matador de heróis hostis, o filho de Kunti, vendo-o se aproximar, o recebeu com o coração contente, como uma colina recebendo uma nuvem carregada de chuva. E Bhishma, dotado de grande energia, perfurou a haste de Partha com oito flechas. As flechas alcançando o mastro de bandeira do filho de Pandu atingiram o macaco resplandecente e aquelas criaturas também colocadas no estandarte do topo. E então o filho de Pandu, com um dardo de arremesso imenso e de gume afiado cortou o guarda-sol de Bhishma que imediatamente caiu ao chão. E então o filho de Kunti de mãos ágeis atingiu o mastro de bandeira do seu adversário também com muitas flechas, e então seus corcéis e então o par de motoristas que protegiam os flancos de Bhishma. E,

incapaz de tolerar isso, Bhishma embora cônscio do poder do Pandava cobriu Dhananjaya com uma poderosa arma celeste. E o filho de Pandu, de alma incomensurável, arremessando em retorno uma arma celeste em Bhishma, recebeu a de Bhishma como uma colina recebendo uma massa profunda de nuvens. E o combate que ocorreu entre Partha e Bhishma foi violento e os guerreiros Kaurava com suas tropas permaneceram como espectadores. E na luta entre Bhishma e o filho de Pandu flechas batendo contra flechas brilhavam no ar como pirilampos na estação das chuvas. E, ó rei, por consequência de Partha disparar flechas com ambas as mãos, a direita e a esquerda, o Gandiva curvado parecia com um círculo contínuo de fogo. E o filho de Kunti então cobriu Bhishma com centenas de flechas penetrantes e de gume afiado, como uma nuvem cobrindo o leito da montanha com seu aguaceiro pesado. E Bhishma frustrou com suas próprias flechas aquela chuva de flechas, como a margem resistindo à elevação do mar, e cobriu o filho de Pandu em retorno. E aqueles guerreiros, cortados em mil pedaços em batalha, caíam rapidamente na vizinhança do carro de Falguna. E então houve uma torrente, proveniente do carro do filho de Pandu, de flechas equipadas com asas douradas, e percorrendo céu como um bando de gafanhotos. E Bhishma novamente repeliu aquela chuva de flechas com centenas de flechas afiadas disparadas por ele. E então os Kauravas exclamaram, ‘Excelente! Excelente! De fato, Bhishma realiza uma façanha extremamente difícil visto que ele luta com Arjuna. Dhananjaya é poderoso e jovem, e hábil e de mão rápida. Quem mais, salvo Bhishma, o filho de Santanu, ou Krishna, o filho de Devaki, ou o poderoso filho de Bharadwaja, o principal dos preceptores, seria capaz de suportar o ímpeto de Partha em batalha?’ E repelindo armas com armas, aqueles dois touros da raça Bharata, ambos dotados de grande força, continuaram lutando alegremente e enfeitiçaram os olhos de todos os seres criados. E aqueles guerreiros ilustres percorriam o campo de batalha usando as armas celestes obtidas de Prajapati e Indra, de Agni e do feroz Rudra, e Kuvera, e Varuna, e Yama, e Vayu. E todos os seres ficaram muito surpresos ao verem aqueles guerreiros engajados em combate. E eles todos exclamavam, ‘Bravo Partha de braços longos! Bravo Bhishma! De fato, esse uso de armas celestes que está sendo testemunhado no combate entre Bhishma e Partha é raro entre os seres humanos".

"Vaisampayana continuou, 'Assim foi travado aquele combate com armas entre aqueles guerreiros familiarizados com todas as armas. E quando aquele conflito de armas celestes cessou então começou um conflito com flechas. E Jishnu, se aproximando de seu oponente, cortou com uma flecha afiada como uma navalha o arco enfeitado com ouro de Bhishma. Num piscar de olhos, no entanto, Bhishma, aquele guerreiro em carro formidável e de braços fortes, pegou outro arco e o encordoou. E cheio de ira ele despejou sobre Dhananjaya uma nuvem de setas. E Arjuna, também, dotado de energia imensa, derramou sobre Bhishma incontáveis setas de pontas penetrantes e gume afiado. E Bhishma também disparou nuvens de flechas sobre o filho de Pandu. E, familiarizados com armas celestes e empenhados em atirar flechas de pontas afiadas um no outro, nenhuma distinção, ó rei, podia então ser percebida entre aqueles guerreiros ilustres. E aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Kunti, coberto com um diadema, e o

heroico filho de Santanu escureceram as dez direções com suas flechas. E o Pandava cobriu Bhishma, e Bhishma também cobriu o Pandava com nuvens de flechas. E, ó rei, extraordinário foi aquele combate que ocorreu neste mundo de homens. E os guerreiros heroicos que protegiam o carro de Bhishma, mortos pelo filho de Pandu, caíram prostrados, ó monarca, junto ao carro do filho de Kunti. E as flechas emplumadas de Svetavahana, atiradas do Gandiva, caíam em todas as direções como se com o objetivo de fazer um massacre indiscriminado do inimigo. E saindo de seu carro aquelas flechas resplandecentes equipadas com asas douradas pareciam com fileiras de cisnes no céu. E todos os celestiais com Indra, postados no firmamento, observaram admirados outra arma celeste lançada com grande força por aquele arqueiro extraordinário Arjuna. E contemplando aquela arma maravilhosa de grande beleza, o poderoso Gandiva, Chitrasena, muito satisfeito, se dirigiu ao senhor dos celestiais, dizendo, 'Vê estas flechas atiradas por Partha percorrendo o céu em uma linha contínua. Admirável é a destreza de Jishnu em expandir essa arma celeste! Seres humanos são incapazes de disparar tal arma, pois ela não existe entre os homens. Quão maravilhosa, além disso, é essa junção de armas poderosas existentes desde os tempos antigos! Nenhum intervalo pode ser percebido entre ele pegar as flechas, fixá-las na corda do arco, e dispará-las por esticar o Gandiva. Os soldados são incapazes até de olhar para o filho de Pandu, que é como o sol do meio-dia brilhando no céu. Da mesma maneira também ninguém ousa olhar para Bhishma, o filho de Gangâ. Ambos são famosos por suas realizações, e ambos têm destreza aterradora. Ambos são iguais em atos de heroísmo, e ambos são difíceis de serem vencidos em batalha'.

'Assim abordado pelo Gandharva acerca daquele combate entre Partha e Bhishma, o senhor dos celestiais, ó Bharata, prestou respeito apropriado a ambos por meio de uma chuva de flores celestes. Enquanto isso, Bhishma, o filho de Santanu, atacou Arjuna do lado esquerdo, quando aquele puxador do arco com as duas mãos estava prestes a trespassá-lo. E, nisso, Vibhatsu, rindo alto, cortou com uma flecha de gume afiado e equipada com asas de urubu o arco de Bhishma, aquele herói de refulgência solar. E então Dhananjaya, o filho de Kunti, perfurou Bhishma no peito com dez flechas embora o último estivesse lutando com toda a sua bravura. E violentamente afligido pela dor o filho de Ganga de braços poderosos e irresistível em batalha permaneceu por um longo tempo apoiado no poste de seu carro. E vendo-o privado de consciência o condutor dos corcéis de seu carro, se lembrando das instruções sobre proteger os guerreiros quando desmaiados, levou-o para longe para a segurança'".

64

"Vaisampayana disse, 'Depois que Bhishma tinha fugido, deixando a vanguarda da batalha, o filho ilustre de Dhritarashtra içando bandeira alta se aproximou de Arjuna, com arco na mão e dando um rugido alto. E com uma flecha de cabeça de lança atirada de seu arco esticado até o ouvido ele perfurou a testa daquele arqueiro terrível de destreza impetuosa, Dhanajaya, vagando entre inimigos. E

perfurado por aquela flecha afiada de ponta dourada na testa, aquele herói de atos famosos parecia resplandecente, ó rei, como uma bela colina com um único topo. E cortado por aquela flecha o sangue quente vital jorrava profusamente do ferimento. E o sangue escorrendo sobre seu corpo brilhava belamente como uma guirlanda de flores douradas. E atingido por Duryodhana com a flecha, Arjuna de mãos rápidas de força inexaurível, se enchendo de raiva, perfurou o rei em retorno, pegando flechas que eram dotadas da energia de cobras de veneno virulento. E Duryodhana de energia formidável atacou Partha, e Partha também, aquele principal dos heróis, atacou Duryodhana. E foi assim que aqueles principais dos homens, ambos nascidos na linhagem de Ajamida, atingiram um ao outro igualmente no combate. E então (sentado) em um elefante enfurecido enorme como uma montanha e protegido por quatro carros, Vikarna avançou contra Jishnu, o filho de Kunti. E vendo aquele elefante enorme avançando com velocidade, Dhananjaya o atingiu na cabeça no meio das têmporas com uma flecha de ferro de grande ímpeto disparada da corda do arco estirada até o ouvido. E como o raio arremessado por Indra rachando uma montanha, aquela flecha, equipada com penas de urubu, atirada por Partha, penetrou, até as próprias penas, no corpo daquele elefante enorme como uma colina. E violentamente afligido pela flecha aquele senhor da espécie elefante começou a tremer, e privado de força caiu sobre o solo em intensa agonia, como o topo de uma montanha rachado pelo raio. E, aquele melhor dos elefantes caindo ao chão, Vikarna apeando de repente em grande terror recuou oitocentos passos completos e subiu no carro de Vivingsati. E tendo matado com aquela flecha semelhante ao trovão aquele elefante enorme como uma colina imensa e parecido com uma massa de nuvens, o filho de Pritha atingiu Duryodhana no peito com outra flecha do mesmo tipo. E ambos, o elefante e o rei, tendo sido assim feridos, e Vikarna tendo cedido e fugido junto com os protetores do carro do rei, os outros guerreiros, atingidos pelas flechas disparadas do Gandiva, fugiram do campo em pânico. E vendo o elefante morto por Partha, e todos os outros guerreiros fugindo, Duryodhana, o principal dos Kurus, virando seu carro fugiu precipitadamente para aquela direção onde Partha não estava. E quando Duryodhana estava fugindo rápido em alarme, perfurado por aquela flecha e vomitando sangue, Kiritin, ainda ávido para lutar e capaz de resistir a todos os inimigos, assim o criticou por raiva, 'Sacrificando a tua grande fama e glória, por que tu foges, virando as costas? Por que aquelas trombetas não são soadas agora, como elas foram quando tu saíste do teu reino? Vê, eu sou um servo obediente de Yudhishthira, eu mesmo sendo o terceiro filho de Pritha, permanecendo aqui para lutar. Volta e me mostra o teu rosto, ó filho de Dhritarashtra, e mantém em tua mente o comportamento dos reis. O nome Duryodhana concedido a ti antes é por causa disso tornado sem sentido. Quando tu foges, deixando a batalha, onde está a tua persistência em combate? Eu não vejo os teus guarda-costas, ó Duryodhana, nem à frente nem atrás. Ó principal dos homens, foge e salva a tua vida, que é valiosa, das mãos do filho de Pandu'".

65

"Vaisampayana disse, 'Assim convocado para a batalha pelo herói ilustre, o filho de Dhritarashtra voltou atrás aguilhoado por aquelas críticas, como um elefante enfurecido e forte aferroado por um gancho. E atormentado por aquelas repreensões e incapaz de tolerá-las aquele bravo guerreiro em carro poderoso e dotado de grande rapidez retornou em seu carro, como uma cobra que é pisoteada. E vendo Duryodhana voltar atrás com seus ferimentos, Karna, aquele herói entre homens, enfeitado com um colar dourado, parou o rei no caminho e acalmando-o procedeu ele mesmo pelo norte do carro de Duryodhana para enfrentar Partha em batalha. E Bhishma de braços fortes também, o filho de Santanu, voltando seus corcéis enfeitados com ouro, enormes em tamanho, e de cor fulva, avançou com arco na mão para proteger Duryodhana das mãos de Partha. E Drona e Kripa e Vivingsati e Dussasana e outros também, voltando rapidamente, investiram com velocidade com arcos esticados e flechas fixadas nas cordas dos arcos, para proteger Duryodhana. E vendo aquelas divisões avançarem em direção a ele como as ondas elevadas do oceano, Dhananjaya o filho de Pritha avançou neles rapidamente como uma garça investindo em uma nuvem descendente. E com armas celestes nas mãos eles cercaram completamente o filho de Pritha e despejaram sobre ele de todos os lados uma perfeita chuva de flechas, como nuvens derramando no leito da montanha um aguaceiro pesado de chuva. E desviando com armas todas as armas daqueles touros entre os Kurus, o manejador do Gandiva que era capaz de resistir a todos os inimigos usou outra arma irresistível obtida de Indra, chamada Sanmohana. E cobrindo totalmente os (pontos) cardeais e outras direções com flechas penetrantes e de gume afiado equipadas com belas penas, aquele herói poderoso entorpeceu os sentidos deles com o som do Gandiva. E uma vez mais, pegando com ambas as mãos aquela concha grande de clangor alto, Partha, aquele matador de inimigos, soprou-a com força e encheu os pontos cardeais e outros, a terra inteira e o céu, com aquele barulho. E aqueles principais dos heróis Kuru foram todos privados de seus sentidos por causa do som daquela concha soprada por Partha. E todos eles ficaram imóveis, seus arcos, dos quais eles nunca estavam separados, caindo de suas mãos. E quando o exército Kuru ficou inconsciente, Partha, se lembrando das palavras de Uttarâ, dirigiu-se ao filho do rei Matsya, dizendo, 'Ó melhor dos homens, vai entre os Kurus, enquanto eles permanecem inconscientes, e traze as peças de roupa brancas de Drona e Kripa, e as amarelas e vistosas de Karna, como também as azuis do rei e do filho de Drona. Parece-me que Bhishma não está entorpecido, pois ele sabe como neutralizar essa minha arma. Assim, passa adiante, mantendo os corcéis dele à tua esquerda; pois aqueles que estão conscientes devem ser evitados dessa maneira'. Ouvindo essas palavras, o filho ilustre de Matsya, largando as rédeas dos corcéis, pulou do carro e, tirando as peças de roupa dos guerreiros, voltou para o seu lugar. E o filho de Virata então incitou os quatro corcéis belos com flancos adornados com armaduras douradas. E aqueles corcéis brancos, incitados adiante, levaram Arjuna para longe do meio do campo de batalha e além do esquadrão de tropas de infantaria carregando estandartes em suas mãos. E,

Bhishma, vendo aquele melhor dos homens indo embora desse modo, atingiu-o com flechas. E Partha, também, tendo matado os corcéis de Bhishma, perfurou-o com dez flechas. E, abandonando Bhishma no campo de batalha, tendo primeiro matado o motorista do seu carro, Arjuna com um arco vistoso na mão saiu daquela multidão de carros, como o sol saindo das nuvens. E o filho de Dhritarashtra, aquele principal dos heróis entre os Kurus, recuperando os sentidos, viu o filho de Pritha permanecendo como o senhor dos celestiais, sozinho no campo de batalha. E ele disse com pressa (para Bhishma), 'Como ele escapou de ti? Aflige-o de tal maneira que ele não possa escapar'. E nisso o filho de Santanu, sorrindo, disse a ele, 'Onde estava essa tua sagacidade, e onde estava a tua coragem também, quando tu estavas em um estado de inconsciência abandonando as tuas flechas e arco belo? Vibhatsu não é afeito à perpretação de atos cruéis; nem a sua alma se inclina para o pecado. Ele não renunciaria aos seus princípios nem pelos três mundos. É somente por isso que todos nós não fomos mortos nesta batalha. Ó tu principal dos heróis Kuru, volta para a cidade dos Kurus, e deixa Partha também ir embora, tendo conquistado o gado. Nunca jogues fora imprudentemente o teu próprio bem. De fato, aquilo que leva ao próprio bem-estar deve ser realizado'.

"Vaisampayana continuou: 'Tendo escutado as palavras do avô que visavam o seu próprio bem-estar, o colérico rei Duryodhana, não mais ávido pelo combate, deu um suspiro profundo e ficou silencioso. E refletindo que o conselho de Bhishma era benéfico e vendo que os Pandavas ganhavam em força, os outros guerreiros também, desejosos de proteger Duryodhana, resolveram voltar. E vendo aqueles principais dos heróis Kuru partindo para sua cidade, Dhananjaya, o filho de Pritha, com o coração alegre seguiu-os por algum tempo, desejoso de se dirigir a eles e reverenciá-los. E tendo venerado o avô idoso, o filho de Santanu, como também o preceptor Drona, e tendo saudado com flechas belas o filho de Drona e Kripa e outros veneráveis entre os Kurus, o filho de Pritha quebrou em pedaços a coroa de Duryodhana enfeitada com pedras preciosas, com outra flecha. E tendo saudado todos os guerreiros veneráveis e valentes dessa maneira ele encheu os três mundos com o som do Gandiva. E soprando de repente a sua concha chamada Devadatta o herói trespassou os corações de todos os seus inimigos. E tendo humilhado os hostis ele parecia resplandecente em seu carro enfeitado com uma bandeira vistosa. E vendo os Kurus partindo Kiritin alegremente disse ao filho de Matsya, 'Vira teus corcéis; o teu gado foi recuperado; o inimigo está indo embora e volta tu também para a tua cidade com o coração alegre'. E os celestiais também, tendo testemunhado aquela batalha extraordinária entre Falguna e os Kurus estavam muito satisfeitos, e foram para as suas respectivas residências, refletindo sobre as façanhas de Partha'".

66

"Vaisampayana disse, 'Tendo vencido os Kurus em batalha, aquele com olhos semelhantes aos de um touro trouxe de volta aquela profusa riqueza em gado de Virata. E enquanto os Dhritarashtras, depois de sua derrota, estavam indo embora, um grande número de soldados Kuru saindo da floresta profunda apareceu com passos lentos à frente de Partha, com seus corações afligidos pelo medo. E eles permaneceram diante dele com palmas unidas e com cabelo despenteado. E fatigados com fome e sede, chegados a uma terra estrangeira, insensíveis pelo terror, e perplexos em mente, eles todos se curvaram ao filho de Pritha e disseram, ‘Nós somos teus escravos'.

Arjuna disse, 'Bem-vindos, abençoados sejam vocês. Vão embora. Vocês não têm motivo para temer. Eu não tirarei as vidas daqueles que estão aflitos. Vocês têm a minha garantia de proteção’.

"Vaisampayana continuou: 'Ouvindo essas palavras de garantia, os guerreiros reunidos o saudaram com bênçãos em louvor de suas realizações e fama e lhe desejando vida longa. E os Kauravas foram incapazes de enfrentar Arjuna quando depois de derrotar o inimigo ele procedeu em direção à cidade de Virata, como um elefante com têmporas fendidas. E tendo derrotado todo o exército dos Kurus como um vento violento espalhando as nuvens, aquele matador de inimigos, Partha, dirigindo-se respeitosamente ao príncipe de Matsya, disse, 'É sabido somente por ti, ó filho, que os filhos de Pritha estão todos vivendo com teu pai. Não os elogies ao entrar na cidade, pois então o rei dos Matsyas pode se esconder com medo. Por outro lado, entrando na cidade, proclama na presença do teu pai que o feito é teu próprio, dizendo, ‘Por mim o exército dos Kurus foi subjugado e por mim o gado foi recuperado do inimigo!'

"Uttara disse, 'O feito que tu realizaste está além do meu poder. Eu não possuo a habilidade para realizar isso. Eu, no entanto, ó Savyasachin, não te revelarei para o meu pai enquanto tu não me disseres para fazer isso'.

"Vaisampayana continuou: 'Tendo derrotado o exército hostil e tirado à força toda a fortuna em gado dos Kurus, Jishnu voltou novamente para o cemitério e tendo se aproximado da mesma árvore Sami ficou lá com o corpo lacerado pelas flechas do inimigo. Então aquele macaco terrível resplandecente como fogo ascendeu ao céu com aquelas outras criaturas do mastro de bandeira. E a ilusão criada (por Viswakarma) desapareceu e o próprio estandarte de Uttara portando o emblema de um leão foi levantado sobre o carro outra vez. E tendo reposto as flechas e aljavas daqueles principais dos príncipes Kuru, e também aquela outra arma (o Gandiva) a qual aumenta a ferocidade de uma batalha, o príncipe ilustre de Matsya partiu para a cidade com o coração contente, tendo Kiritin como seu quadrigário. E tendo realizado uma façanha extremamente poderosa e matado o inimigo, Partha também, aquele matador de inimigos, amarrando seu cabelo em uma trança como antes, pegou as rédeas das mãos de Uttara. E aquele herói ilustre entrou na cidade de Virata, com o coração alegre voltando a ser Vrihannala, o condutor do carro de Uttara'.

"Vaisampayana continuou, 'Quando todos os Kauravas completamente derrotados e subjugados partiram em um ânimo abatido para Hastinapura, Falguna, no seu caminho de volta, se dirigiu a Uttara, dizendo, 'Ó príncipe, ó herói de braços fortes, vendo as vacas escoltadas à nossa frente pelos vaqueiros, nós entraremos na metrópole de Virata à tarde, tendo cuidado dos corcéis com bebida e um banho. Que os vaqueiros, despachados por ti, se dirijam rapidamente à cidade com as boas notícias e proclamem a tua vitória'.

"Vaisampayana continuou, 'Em conformidade com as palavras de Arjuna, Uttara ordenou rapidamente os mensageiros, dizendo, ‘Vão e proclamem a vitória do rei. O inimigo foi derrotado, e o gado foi recuperado’. E os príncipes Matsya e Bharata tendo assim consultado juntos se reaproximaram da mesma árvore Sami. E satisfeitos com a vitória que tinham obtido, e chegados ao pé da árvore Sami, eles se vestiram e colocaram em seu carro os ornamentos e vestes que tinham deixado lá. E tendo subjugado todo o exército hostil e recuperado toda a riqueza dos Kurus, o filho heroico de Virata voltou à cidade com Vrihannala como o motorista do seu carro'".

67

"Vaisampayana disse, 'Tendo recuperado rapidamente sua riqueza, Virata, possuindo um exército grande, entrou em sua cidade com o coração alegre, acompanhado pelos quatro Pandavas. E tendo vencido os Trigartas em batalha e recuperado todo o gado, aquele monarca poderoso, junto com os filhos de Pritha, parecia resplandecente e brilhava em beleza. E quando o rei valente, aquele aumentador das alegrias dos amigos, estava sentado em seu trono, todos os seus súditos encabeçados pelos brâmanes ficaram diante dele. E reverenciado por eles o rei dos Matsyas, na chefia de seu exército, saudou os brâmanes e seus súditos em retorno e dispensou-os alegremente. E Virata, o rei dos Matsyas possuidor de um exército grande, perguntou por Uttara, dizendo, 'Onde Uttara foi?' E as mulheres e as donzelas do palácio e as outras mulheres que viviam nos aposentos internos disseram alegremente para ele, 'O nosso gado tenho sido roubado pelos Kurus, Bhuminjaya enfurecido por causa disso e por excesso de bravura saiu sozinho só com Vrihannala como seu auxiliar para subjugar os seis poderosos guerreiros em carros, Bhishma o filho de Santanu, e Kripa, e Karna, e Duryodhana, e Drona, e o filho de Drona que vieram todos com o exército Kuru'.

"Vaisampayana continuou, 'Então o rei Virata, ouvindo que o seu filho corajoso tinha partido com um único carro e com Vrihannala como o motorista de seu carro ficou cheio de aflição, e se dirigindo aos seus principais conselheiros, disse, 'Sem dúvida os Kauravas e outros senhores da terra, sabendo da derrota dos Trigartas, nunca manterão seu terreno. Portanto, que aqueles dos meus guerreiros que não foram feridos pelos Trigartas partam, acompanhados por uma tropa poderosa, para a proteção de Uttara'. E dizendo isso o rei despachou rapidamente, por causa de seu filho, cavalos e elefantes e carros e um grande número de soldados de

infantaria, equipados e enfeitados com várias espécies de armas e ornamentos. E foi dessa maneira que Virata, o rei dos Matsyas, possuindo um exército grande, rapidamente mandou sair uma grande divisão composta de quatro tipos de tropas. E tendo feito isso ele disse, 'Descubram sem perda de tempo se o príncipe ainda vive ou não! Eu mesmo penso que ele que pegou uma pessoa do sexo neutro como seu motorista não está vivo'.

"Vaisampayana continuou, 'Então o rei Yudhishthira o justo disse sorridente para o aflito rei Virata, 'Se, ó monarca, Vrihannala foi seu quadrigário o inimigo nunca será capaz de levar o teu gado hoje. Protegido por aquele quadrigário o teu filho será capaz de derrotar em batalha todos os senhores da terra aliados com os Kurus, de fato, até os deuses e os Asuras e os Siddhas e os Yakshas juntos'.

"Vaisampayana continuou, 'Enquanto isso os mensageiros ligeiros despachados por Uttara, tendo chegado à cidade de Virata deram as notícias da vitória. E o ministro-chefe então informou o rei de tudo, isto é, da grande vitória que tinha sido obtida, da derrota dos Kurus, e da chegada esperada de Uttara. E ele disse, 'Todo o gado foi trazido de volta, os Kurus foram derrotados, e Uttara, aquele matador de inimigos, está bem com seu condutor'. Então Yudhishthira disse, 'Por boa sorte é que o gado foi recuperado e os Kurus derrotados. Eu, no entanto, não considero estranho que o teu filho tenha subjugado os Kurus, pois está assegurada a vitória daquele que tem Vrihannala como seu quadrigário'.

"Vaisampayana continuou: 'Ouvindo sobre a vitória de seu filho possuidor de poder incomensurável, o rei Virata ficou tão contente que os pelos do seu corpo se arrepiaram. E tendo feito presentes de trajes para os mensageiros ele ordenou seus ministros, dizendo, 'Que as estradas sejam enfeitadas com bandeiras, e que todos os deuses e deusas sejam adorados com oferendas de flores. E que os príncipes e guerreiros valentes, e músicos e meretrizes enfeitadas com ornamentos marchem para receber o meu filho. E que o pregoeiro, guiando depressa um elefante excitado, proclame a minha vitória nos lugares onde quatro estradas se encontram. E que Uttarâ também, em trajes suntuosos e cercada por virgens e cantores de elogios, saia para receber o meu filho'.

"Vaisampayana continuou: 'Tendo escutado essas palavras do rei, todos os cidadãos com coisas auspiciosas nas mãos, e muitos entre eles com pratos e trombetas e conchas, e mulheres vestidas em mantos deslumbrantes, e recitadores de hinos auspiciosos e sagrados, acompanhados por encomiastas e menestréis, e bateristas e outros tipos de músicos saíram da cidade do poderoso Virata para das as boas-vindas a Uttara de coragem imensurável. E tendo despachado tropas e donzelas e cortesãos enfeitados com ornamentos, o rei sábio dos Matsyas alegremente disse estas palavras, 'Ó Sairindhri, vai buscar os dados. E, ó Kanka, que o jogo comece'. O filho de Pandu respondeu, dizendo, 'Nós ouvimos dizer que aquele cujo coração está cheio de alegria não deve jogar com um jogador astuto. Eu, portanto, não ouso jogar contigo que estás tão extasiado de alegria. Eu estou sempre desejoso de fazer o que é para o teu bem. Que o jogo, no entanto, comece se isto te agradar'.

"Virata disse, 'Minhas escravas mulheres e gado, meu ouro e qualquer outra riqueza que eu tenha, nada disso tudo tu serás capaz de proteger hoje mesmo que eu não aposte'. Kanka disse em resposta, 'Ó monarca, ó concessor de honras, o que tu tens a ver com o jogo que está ligado a numerosos males? O jogo é repleto de muitos males; ele deve, portanto, ser evitado. Tu podes ter visto ou pelo menos ouvido falar de Yudhishthira, o filho de Pandu. Ele perdeu seu reino extenso e próspero e seus irmãos semelhantes a deuses no jogo de dados. Por isso eu sou contrário ao jogo. Mas se tu quiseres, ó rei, eu jogarei'.

"Vaisampayana continuou, 'Enquanto o jogo estava continuando, Matsya disse para o filho de Pandu, 'Vê, os Kauravas que são tão formidáveis foram subjugados em batalha pelo meu filho'. Sobre isso o rei ilustre Yudhishthira disse, 'Por que não deveria vencer aquele que tem Vrihannala como seu quadrigário?'

'Assim abordado, o rei Matsya ficou zangado e disse para o filho de Pandu, 'Tu brâmane infeliz, tu comparas alguém do sexo neutro com meu filho! Tu não tens conhecimento do que é próprio e do que é impróprio para dizer? Sem dúvida, tu me desrespeitaste. Por que o meu filho não deveria derrotar todos aqueles com Bhishma e Drona como seus líderes? Ó brâmane, somente por amizade eu te perdoo essa tua ofensa. Tu não deves, no entanto, falar assim novamente se tu desejas viver'.

"Yudhishthira disse, 'Lá onde Bhishma e Drona e o filho de Drona e o filho de Vikartana e Kripa e o rei Duryodhana e outros guerreiros em carros poderosos e nobres estão reunidos ou lá onde o próprio Indra está cercado pelos Maruts, que outra pessoa além de Vrihannala poderia lutar, enfrentando todos eles? Ninguém foi e ninguém será seu igual em força de braços! De fato, é só Vrihannala cujo coração fica cheio de alegria à vista de um combate terrível. Foi ele que derrotou os celestiais e os Asuras e seres humanos lutando juntos. Com tal pessoa como seu aliado, por que o teu filho não conquistaria o inimigo?' Virata disse, 'Repetidamente proibido por mim, tu ainda assim não reprimes a tua língua. Se não há ninguém para punir ninguém praticará a virtude'.

"Vaisampayana continuou, 'Dizendo isso o rei inflamado com cólera golpeou Yudhishthira com força no rosto com um dado, e o repreendeu com raiva, dizendo, 'Que isso não ocorra outra vez!' E tendo sido violentamente atingido o sangue começou a correr do seu nariz. Mas o filho de Pritha o segurou em suas mãos antes que ele caísse no chão. E o virtuoso Yudhishthira então olhou de relance para Draupadi que estava em pé ao seu lado. Sempre obediente aos desejos de seu marido, a impecável Draupadi, compreendendo seu significado, e trazendo um recipiente dourado cheio de água, recebeu o sangue que fluía de seu nariz. Enquanto isso; Uttara, entretido com perfumes agradáveis de diversas espécies e enfeitado com coroas florais entrou lentamente na cidade, recebido com respeito pelos cidadãos, as mulheres, e o povo das províncias. E se aproximando do portão do palácio ele enviou as notícias da sua chegada para seu pai. E o porteiro então, se aproximando do rei, disse, 'Teu filho Uttara espera no portão com Vrihannala como seu companheiro'. E o rei Matsya, com o coração alegre disse para ele, 'Acompanha ambos, porque eu estou muito ansioso para vê-los'. Então

Yudhishthira, o rei dos Kurus, sussurrou levemente nos ouvidos do guarda, 'Deixa Uttara entrar sozinho; Vrihannala não deve entrar. Tal é o voto daquele herói de braços fortes que quem quer que cause um ferimento em meu corpo ou derrame meu sangue exceto em batalha não viverá. Inflamado com raiva ele nunca tolerará pacientemente me ver sangrando, mas matará Virata aqui mesmo com seus conselheiros e tropas e corcéis'".

68

"Vaisampayana disse, 'Então Bhuminjaya, o filho mais velho do rei, entrou, e tendo reverenciado os pés de seu pai se aproximou de Kanka. E ele viu Kanka coberto com sangue, e sentado no chão em um ponto da corte, e servido pela Sairindhri. E vendo isso, Uttara questionou seu pai com pressa, dizendo, 'Por quem, ó rei, ele foi golpeado? Por quem essa ação pecaminosa foi cometida?'

Virata disse, 'Este brâmane falso foi golpeado por mim. Ele merece ainda mais do que isso. Quando eu estava te elogiando, ele elogiou aquela pessoa do terceiro sexo'.

"Uttara disse, 'Tu, ó rei, cometeste uma ação imprópria. O concilia rapidamente para que o veneno virulento da maldição de um brâmane não possa te consumir até as tuas raízes!'

"Vaisampayana continuou: 'Tendo ouvido as palavras de seu filho, Virata, aquele aumentador dos limites do seu reino, começou a acalmar o filho de Kunti, que era como um fogo escondido em cinzas, para obter o seu perdão. E para o rei desejoso de obter o seu perdão o Pandava respondeu, 'Ó rei, eu perdoei isso há tempo. Raiva eu não tenho nenhuma. Se o sangue das minhas narinas tivesse caído no chão, então, sem dúvida, tu, ó monarca, teria sido destruído com teu reino. Eu, no entanto, não te culpo, ó rei, por teres batido em uma pessoa inocente. Pois, ó rei, aqueles que são poderosos geralmente agem com severidade ilógica'.

"Vaisampayana continuou, 'Quando o sangramento tinha parado, Vrihannala entrou (na sala de conselho) e tendo saudado ambos Virata e Kanka, ficou silencioso. E o rei, tendo apaziguado o chefe dos Kurus, começou a louvar, na audição de Savyasachin, Uttara que tinha voltado da batalha. E o rei disse, 'Ó realçador das alegrias da princesa de Kekaya, em ti eu tenho realmente um filho! Eu nunca tive nem terei um filho que seja igual a ti! Como, de fato, tu pudeste, ó filho, enfrentar aquele Karna que não deixa um único alvo não atingido mesmo entre mil que ele possa mirar todos de uma vez? Como tu pudeste, ó filho, enfrentar aquele Bhishma que não tem igual no mundo inteiro de homens? Como também tu pudeste, ó filho, enfrentar Drona, aquele principal de todos os manejadores de armas, aquele preceptor dos Vrishnis e Kauravas, aquele duas vezes nascido que pode ser considerado como o preceptor de todos os Kshatriyas? Como tu pudeste enfrentar em batalha o célebre Aswatthaman? Como tu pudeste, ó filho, enfrentar aquele Duryodhana, o príncipe que é capaz de

trespassar até uma montanha com suas flechas poderosas? Meus inimigos foram todos surrados. Uma brisa deliciosa parece soprar em volta de mim. E visto que tu recuperaste em batalha toda a minha riqueza que tinha sido apanhada pelos Kurus parece que todos aqueles guerreiros poderosos foram tomados pelo pânico. Sem dúvida, tu, ó touro entre homens, derrotaste o inimigo e tiraste deles a minha riqueza em gado, como a presa de um tigre'.

69

"Uttara disse, 'O gado não foi recuperado por mim, nem o inimigo foi derrotado por mim. Tudo isso foi realizado pelo filho de um deus. Capaz de golpear como um raio, aquele jovem de origem celeste, me vendo fugindo com medo, parou-me e ele mesmo subiu no meu carro. Foi por ele que o gado foi recuperado e os Kauravas subjugados. O feito, ó pai, é do herói e não meu. Foi ele quem repeliu com flechas Kripa e Drona e o filho de Drona de energia imensa, e o filho de Suta e Bhishma. Aquele herói poderoso então falou para o príncipe Duryodhana apavorado que estava fugindo como o líder de uma manada de elefantes, estas palavras, 'Ó príncipe da linhagem Kuru, eu não vejo que tu estás seguro de nenhuma maneira nem em Hastinapura. Protege a tua vida por empregar a tua força. Tu não escaparás de mim por meio da fuga. Portanto, decide lutar. Se vitorioso, a soberania da terra será tua, ou se morto, o próprio céu será teu'.

'Assim abordado, o rei Duryodhana, aquele tigre entre homens cercado por seus conselheiros, suspirando em seu carro como uma cobra voltou atrás, despejando flechas dotadas da velocidade e força de raios. Vendo tudo isso, pai venerável, as minhas coxas começaram a tremer. Então aquele jovem celeste perfurou com flechas o exército Kuru composto de guerreiros leoninos. E tendo trespassado e afligido aquela multidão de carros, aquele jovem, forte como o leão, riu deles e roubou deles as suas roupas e trajes. De fato, os seis grandes guerreiros em carros dos Kurus foram derrotados por aquele herói sozinho, assim como manadas de animais vagando na floresta por um único tigre com raiva'.

Virata disse, ‘Onde está aquele jovem de braços fortes e famoso de origem celeste, aquele herói que recuperou em batalha a minha riqueza que tinha sido roubada pelos Kurus? Eu estou ansioso para ver e reverenciar aquele guerreiro forte de origem celeste que salvou a ti e ao meu gado também’.

“Uttara respondeu, ‘O poderoso filho de um deus desapareceu lá mesmo. Eu penso, no entanto, que ele se mostrará amanhã ou no dia seguinte’.

"Vaisampayana continuou, 'Virata, aquele dono de um exército grande, permaneceu ignorante do filho de Pandu que tinha sido assim descrito para ele por Uttara, e que estava vivendo no palácio disfarçado. E permitido por Virata de grande alma, Partha apresentou com as suas próprias mãos os tecidos que ele tinha trazido para a filha de Virata. E a bela Uttarâ, obtendo aquelas vestes novas

e suntuosas de diversos tipos, ficou muito contente, junto com o filho do rei Matsya'".

70

Vaivāhika Parva

"Vaisampayana disse, 'Então, no terceiro dia, vestidos em mantos brancos depois de um banho, e enfeitados com ornamentos de todos os tipos, aqueles formidáveis guerreiros em carros, os cinco irmãos Pandava, tendo completado o seu voto, e com Yudhishthira em sua dianteira, pareciam resplandecentes quando eles entraram no portão do palácio como cinco elefantes excitados. E tendo entrado na sala de conselho de Virata eles tomaram seus assentos nos tronos reservados para reis, e resplandeceram brilhantemente como fogos no altar sacrifical. E depois que os Pandavas tinham tomado os seus lugares, Virata, aquele senhor da terra, foi lá para manter suas conferências e cumprir outros ofícios reais. E vendo os Pandavas ilustres resplandecentes como fogos o rei refletiu por um momento. E então, cheio de cólera, o rei Matsya falou para Kanka sentado lá como um celestial e parecendo com o senhor dos celestiais cercado pelos Maruts. E ele disse, 'Um jogador de dados tu foste empregado por mim como um cortesão! Como tu podes ocupar o assento real vestido dessa maneira em mantos e ornamentos vistosos?"

"Vaisampayana continuou: 'Ouvindo essas palavras de Virata, ó rei, e desejoso de brincar com ele, Arjuna disse sorridente em resposta, 'Esta pessoa, ó rei, merece ocupar o mesmo assento que o próprio Indra. Devotado aos brâmanes, conhecedor dos Vedas, indiferente a luxo e prazeres carnais, habitualmente realizando sacrifícios, firme em votos, este, de fato, é a própria encarnação da virtude. A principal de todas as pessoas dotadas de energia e superior a todos sobre a terra em inteligência, dedicado ao ascetismo, ele está familiarizado com várias armas. Nenhuma outra pessoa entre as criaturas móveis e imóveis dos três mundos possui ou alguma vez possuirá tal conhecimento de armas. E não há ninguém nem entre os deuses, ou Asuras, ou homens, ou Rakshasas, ou Gandharvas, ou chefes Yaksha, ou Kinnaras, ou Uragas poderosos que seja semelhante a ele. Dotado de grande previdência e energia, querido pelos cidadãos e habitantes das províncias, ele é o mais poderoso dos guerreiros em carros entre os filhos de Pandu. Um realizador de sacrifícios, dedicado à moralidade, e de paixões subjugadas, como um grande Rishi, este sábio real é célebre em todos os mundos. Possuidor de grande força e grande inteligência, habilidoso e sincero, ele tem todos os seus sentidos sob completo controle. Igual a Indra em riqueza e Kuvera em armazenagem, ele é o protetor dos mundos como o próprio Manu de coragem imensa. Dotado de grande poder, ele é exatamente assim. Gentil para com todas as criaturas ele não é outro além do touro da raça Kuru, o rei Yudhishthira o justo. As realizações desse rei parecem o próprio sol de refulgência brilhante. E a sua fama tem viajado por todas as direções como os raios desse corpo luminoso. E como os raios seguindo o sol elevado de resplendor brilhante dez mil elefantes velozes o seguiam, ó rei, quando ele morava entre os

Kurus. E, ó rei, trinta mil carros adornados com ouro e puxados pelos melhores corcéis também costumavam segui-lo então. E oitocentos bardos no total enfeitados com brincos ornamentados com pedras preciosas brilhantes, e acompanhados por menestréis, recitavam os seus louvores naqueles tempos, como os Rishis adorando Indra. E, ó rei, os Kauravas e outros senhores da terra sempre o serviam como escravos, como os celestiais a Kuvera. Este rei eminente, semelhante ao sol de raios brilhantes, fez todos os senhores da terra pagarem tributo a ele como pessoas da classe agrícola. E oitenta e oito mil Snatakas de grande alma dependiam para a sua subsistência deste rei praticante de votos excelentes. Este senhor ilustre protegia os idosos e os incapazes, os mutilados e os cegos, como seus filhos, e ele governava os seus súditos virtuosamente. Firme em moralidade e autocontrole, capaz de reprimir sua raiva, generoso, devotado aos brâmanes, e sincero, este é o filho de Pandu. A prosperidade e a coragem dele afligem o rei Suyodhana com seus seguidores incluindo Kama e o filho de Suvala. E, ó senhor de homens, as virtudes dele não podem ser enumeradas. Este filho de Pandu é devotado à moralidade e sempre se abstém de ferir. Possuidor de tais atributos, este touro entre reis, este filho de Pandu, não merece, ó monarca, ocupar um assento real?'

71

Virata disse, ‘Se este, de fato, é o rei Kuru Yudhisthira o filho de Kunti, qual entre vocês é seu irmão Arjuna, e qual é o poderoso Bhima? Qual destes é Nakula, e qual Sahadeva e onde está a célebre Draupadi? Depois da sua derrota nos dados, ninguém tem tido notícia dos filhos de Pritha’.

"Arjuna disse, 'Este mesmo, ó rei, que é chamado de Vallava e é teu cozinheiro, é Bhima de braços fortes e bravura terrível e ímpeto furioso. Foi ele quem matou os furiosos Rakshasas nas montanhas de Gandhamadana, e obteve para Krishnâ flores celestes de grande fragrância. Ele mesmo é aquele Gandharva que matou Kichaka de alma pecaminosa e foi ele que matou tigres e ursos e javalis nos aposentos internos do teu palácio. Aquele que era o guarda dos teus cavalos é aquele matador de inimigos chamado Nakula, e este é Sahadeva, o guarda do teu gado. Ambos esses filhos de Madri são grandes guerreiros em carros, possuidores de grande renome e beleza corporal. Esses dois touros da raça Bharata, vestidos em mantos belos e enfeitados com ornamentos excelentes estão à altura de mil grandes guerreiros em carros. E esta mesma dama de olhos como pétalas de lótus e cintura fina e doces sorrisos é a filha de Drupada, a Sairindhri da tua esposa, por cuja causa, ó rei, os Kichakas foram mortos. Eu sou, ó rei, Arjuna que, é evidente, tu já ouviste, é o filho de Pritha que é mais novo que Bhima e mais velho que os gêmeos! Nós temos, ó rei, passado alegremente na tua residência o período de não descobrimento, como bebês no útero!'

"Vaisampayana continuou, 'Depois que Arjuna tinha indicado aqueles heróis, os cinco Pandavas, o filho de Virata então falou da destreza de Arjuna. E Uttara novamente identificou os filhos de Pritha. E o príncipe disse, 'Aquele cuja cor é

luminosa como a do ouro puro, que é forte como um leão adulto, cujo nariz é tão proeminente, cujos olhos são grandes e expansivos, e cujo rosto é largo e de cor de cobre, é o rei dos Kurus. E vê, aquele cujo modo de andar é semelhante ao de um elefante enfurecido, cuja cor é como a do ouro aquecido, cujos ombros são largos e expandidos, e cujos braços são longos e grossos, é Vrikodara. E ele que permanece ao seu lado, aquele jovem de cor escura, que é semelhante a um líder de uma manada de elefantes, cujos ombros são largos como os de um leão, cujo andar é como o de um elefante poderoso, e cujos olhos são grandes e expansivos como folhas de lótus, é Arjuna, o mais notável dos arqueiros. Vejam todos, perto do rei estão aqueles principais dos homens, os gêmeos, como Vishnu e Indra, e que não incomparáveis, no mundo dos homens, em beleza, poder e comportamento. E perto deles, vê, está Krishnâ, bela como ouro, como a própria encarnação da luz, possuindo a cor do lótus azul, semelhante a uma donzela celeste, e parecendo a encarnação viva da própria Lakshmi'.

“Vaisampayana continuou, ‘Então o filho de Virata começou a descrever a coragem de Arjuna, dizendo, ‘Ele mesmo é aquele que matou os inimigos, como um leão devastando um bando de veados. Ele mesmo vagou através de multidões de carros hostis, matando os seus melhores guerreiros em carros. Por ele foi morto um elefante enorme e enfurecido por meio de uma única flecha. Perfurado por ele, aquele animal enorme tendo seus flancos adornados com uma armadura de ouro caiu perfurando a terra com suas presas. Por ele o gado foi recuperado e os Kauravas derrotados em batalha. Meus ouvidos ficaram ensurdecidos pelo clangor da sua concha. Foi por este herói de atos aterradores que Bhishma e Drona, junto com Duryodhana, foram subjugados. Essa realização é dele e não minha’.

“Vaisampayana continuou: ‘Ouvindo essas palavras dele, o poderoso rei dos Matsyas, considerando-se culpado de ter ofendido Yudhishthira, disse para Uttara em resposta, ‘Eu acho que chegou a hora de eu propiciar os filhos de Pandu. E, se tu quiseres, eu concederei minha filha Uttarâ para Arjuna’.

“Uttara disse, ‘Dignos de nossas adorações e culto e respeito, chegou a hora de reverenciar os filhos ilustres de Pandu que merecem ser reverenciados por nós’.

“Virata disse, ‘Quando trazido sob a submissão do inimigo em batalha foi Bhimasena que me resgatou. Meu gado também foi recuperado por Arjuna. Foi por causa do poder das suas armas que nós obtivemos vitória em batalha. Sendo esse o caso, todos nós, com nossos conselheiros, propiciaremos Yudhishthira o filho de Kunti. Abençoado sejas tu, com todos os teus irmãos, ó touro entre os filhos de Pandu. Se, ó rei, nós alguma vez dissemos ou fizemos alguma coisa em ignorância para te ofender, cabe a ti nos perdoar. O filho de Pandu é virtuoso’.

"Vaisampayana continuou, 'Então Virata de grande alma, imensamente encantado, se aproximou do rei Yudhishthira e fez uma aliança com ele, e ofereceu a ele todo o seu reino junto com o cetro e tesouraria e metrópole. E se dirigindo a todos os Pandavas, e especialmente a Dhananjaya, o rei poderoso dos Matsyas repetidamente disse, 'Por boa sorte é que eu vejo vocês'. E tendo

repetidas vezes abraçado Yudhishthira e Bhima e os filhos de Madri, e cheirado suas cabeças, Virata, aquele dono de um grande exército, não se saciava de olhar para eles. E estando muito satisfeito, ele disse para o rei Yudhishthira, 'Por boa sorte é que eu vejo vocês salvos das florestas. Por boa sorte vocês finalizaram com dificuldade o período de exílio, não descobertos por aqueles indivíduos perversos. Eu transfiro o meu reino inteiro para os filhos de Pritha, e o que mais eu tiver. Que os filhos de Pandu os aceitem sem a menor hesitação. E que Dhananjaya, também chamado Savyasachin, aceite a mão de Uttarâ, pois aquele melhor dos homens é digno de ser marido dela'. Assim abordado o rei Yudhishthira o justo lançou um olhar para Dhananjaya, o filho de Pritha. E olhado por seu irmão Arjuna disse para o rei Matsya, 'Ó monarca, eu aceito a tua filha como minha nora. E uma aliança desse tipo entre os Matsyas e os Bharatas é, de fato, desejável'.

72

“Virata disse, ‘Por que, ó melhor entre os Pandavas, tu não desejas aceitar como esposa esta minha filha que eu concedo a ti?’

"Arjuna disse, 'Residindo nos teus aposentos internos eu sempre tive a oportunidade de ver tua filha, e ela também, sozinha ou acompanhada, confiava em mim como seu pai. Bem versado em canto e dança eu era estimado e respeitado por ela, e, de fato, a tua filha sempre me considera com seu protetor. Ó rei, eu vivi por um ano inteiro com ela embora ela tivesse alcançado a idade da puberdade. Sob essas circunstâncias, tu mesmo ou outro homem pode, não sem razão, nutrir suspeitas contra ela ou contra mim. Portanto, ó rei, eu mesmo que sou puro, e que tenho os meus sentidos sob controle, te peço, ó monarca, a tua filha como minha nora. Dessa maneira eu atesto a sua pureza. Não há diferença entre uma nora e uma filha, como também entre um filho e a própria pessoa do filho. Por adotar esse comportamento, portanto, a pureza dela estará comprovada. Eu temo acusações caluniosas e falsas. Eu aceito, portanto, ó rei, a tua filha Uttara como minha nora. Superando a todos em conhecimento de armas, parecido com um jovem celeste em beleza, o meu filho, Abhimanyu de braços fortes, é o sobrinho favorito de Vasudeva, o manejador do disco. Ele, ó rei, é digno de ser teu genro e o marido da tua filha'.

Virata disse, 'Cabe ao melhor dos Kurus, Dhananjaya, o filho de Kunti, que é tão virtuoso e sábio, dizer isso. Ó filho de Pritha, faze o que tu achas que deve ser feito depois disso. Aquele que tem Arjuna como o pai do seu genro tem todos os seus desejos realizados'.

"Vaisampayana continuou, 'O monarca tendo dito isso, Yudhishthira, o filho de Kunti, deu o seu consentimento para o que tinha sido assim combinado entre o rei Matsya e Arjuna. E, ó Bharata, o filho de Kunti enviou convites para Vasudeva e para todos os seus amigos e parentes, e Virata também fez o mesmo. E então, depois do término do décimo terceiro ano, os cinco Pandavas fixaram sua residência em uma das cidades de Virata chamada Upaplavya, e Vibhatsu, o filho

de Pandu, levou para lá Abhimanyu e Janardana, e também muitas pessoas da tribo Dasarha do país Anarta. E o rei de Kasi, e também Saivya, sendo muito amigo de Yudhishthira, chegou lá, cada um acompanhado por uma Akshauhini de tropas. E o poderoso Drupada também com os filhos heroicos de Draupadi e o invencível Sikhandin, e aquele principal dos manejadores de armas, o invencível Dhrishtadyumna, foram lá com outra Akshauhini de tropas. E todos os reis que chegaram não eram somente senhores de Akshauhinis, mas realizadores de sacrifícios com presentes em profusão para os brâmanes, conhecedores dos Vedas dotados de heroísmo, e preparados para morrer em combate. E, vendo-os chegarem, aquele principal dos homens virtuosos, o rei dos Matsyas, reverenciou-os devidamente, e entreteve as suas tropas e empregados e transportadores de cargas. E ele estava muito satisfeito por entregar sua filha a Abhimanyu. E depois que os reis tinham chegado de diferentes partes do país chegou lá Vasudeva enfeitado com guirlandas florais, e Halayudha, e Kritavarman, o filho de Hridika, e Yuyudhana, o filho de Satyaki, e Anadhristi e Akrura, e Samva e Nisatha. E esses repressores de inimigos chegaram lá levando com eles Abhimanyu e sua mãe. E Indrasena e outros, tendo vivido em Dwaraka por um ano inteiro, chegaram lá, levando com eles os carros bem enfeitados dos Pandavas. E chegaram lá também dez mil elefantes e dez mil carros, e cem milhões de cavalos e cem bilhões de soldados de infantaria, e inúmeros guerreiros Vrishni e Andhaka e Bhoja de grande energia, na comitiva daquele tigre entre os Vrishnis, Vasudeva de grande refulgência. E Krishna deu para cada um dos ilustres filhos de Pandu numerosas escravas e pedras preciosas e mantos. E então o festival nupcial começou entre as famílias do rei Matsya e dos Pandavas. E então conchas e pratos e chifres e baterias e outros instrumentos musicais designados pelos Pandavas começaram a tocar no palácio de Virata. E veados de várias espécies e animais puros às centenas foram mortos. E vinhos de vários tipos e sucos inebriantes de árvores foram reunidos em profusão. E mímicos e bardos e encomiastas, versados em canto e tradições lendárias, serviram aos reis, e cantaram seus louvores e genealogias. E as senhhoras dos Matsyas de corpos e membros simétricos, e usando brincos de pérolas e pedras preciosas, encabeçadas por Sudeshna, chegaram ao local onde o laço do casamento seria atado. E entre aquelas mulheres belas de cor formosa e ornamentos excelentes Krishnâ era a principal em beleza e fama e esplendor. E todas elas foram lá, levando adiante a princesa Uttarâ enfeitada com todos os ornamentos e parecendo a filha do próprio grandioso Indra. E então Dhananjaya, o filho de Kunti, aceitou a filha de Virata de membros impecáveis em nome do seu filho com Subhadra. E aquele grande rei, Yudhishthira, o filho de Kunti, que permanecia lá como Indra, também a aceitou como sua nora. E tendo-a aceitado, o filho de Pritha, com Janardana à frente dele, fez serem realizadas as cerimônias nupciais do filho ilustre de Subhadra. E Virata então deu a ele (como dote) sete mil corcéis dotados da velocidade do vento e duzentos elefantes da melhor espécie e muita riqueza também. E tendo devidamente derramado libações de manteiga clarificada no fogo ardente, e prestado homenagem aos duas vezes nascidos, Virata ofereceu para os Pandavas seu reino, exército, tesouraria, e ele próprio. E depois que o casamento tinha ocorrido, Yudhishthira, o filho de Dharma, doou para os brâmanes toda a riqueza que tinha sido trazida por Krishna de glória imorredoura. E ele também

doou milhares de vacas, e diversos tipos de mantos, e vários ornamentos excelentes, e veículos, e camas, iguarias deliciosas de vários tipos, e bebidas principais de diversos tipos. E o rei também fez doações de terra para os brâmanes com os ritos devidos, e também gado aos milhares. E ele também doou milhares de corcéis e muito ouro e muita riqueza de outros tipos, para pessoas de todas as idades. E, ó touro da raça Bharata, a cidade do rei Matsya, apinhada de homens alegres e bem alimentados, resplandecia brilhantemente como um grandioso festival'.

Fim do Virata Parva.